



Histórias de Famílias Italianas do Centro Cultural Regional Italiano

organizadores
Elis Regina Manhadosco Allegranzi
Jaeme Luiz Callai

Elis Regina Manhabosco Allegranzi
Jaeme Luiz Callai
(Orgs.)

Histórias de Famílias Italianas do Centro Cultural Regional Italiano



IJUÍ (RS), FENADI 2019

CENTRO CULTURAL REGIONAL ITALIANO

<i>Presidente</i>	Marcos Antônio Bonfada
<i>Vice-Presidente Administrativo</i>	Celito Costa Beber
<i>Vice-Presidente de Patrimonial</i>	Cristiano Viecelli
<i>Vice-Presidente Cultural</i>	Helena Borges
<i>Coordenadora de eventos culturais</i>	Elis Regina Manhabosco Allegranzi
<i>Coordenadora grupo de danças Giovanotti</i>	Taís Taborda
<i>Coordenadora grupo de danças Pimpinelli</i>	Sonia Knorst
<i>Coordenadora grupo de danças Mazzolin di Fiori</i>	Helena Borges
<i>Coordenadora grupo de danças Bambini</i>	Deise de Jesus
<i>Tesoureiro</i>	Gilberto Dal Forno
<i>Segundo Tesoureiro</i>	Laerte de Jesus
<i>Secretária</i>	Neiva Maria da Silva Dalmas
<i>Segunda Secretária</i>	Larissa Ceratti
<i>Conselho Fiscal Efetivo</i>	Luiz Astarita, Onésimo Ceratti e Altamir Antonini
<i>Conselho Fiscal Supentes</i>	Nelson Casarin, Mateus Perini e João Stormovski
<i>Embaixatriz italiana</i>	Maria Carolina Martins Bonfada
<i>Responsável pela memória fotográfica</i>	Altamir e Lérís Antonini

<i>Revisão</i>	Maristela Maria de Moraes
<i>Produção da Capa, Projeto Gráfico e Diagramação</i>	Fabricio de Souza
<i>Foto de Capa e Contracapa</i>	Altamir e Lérís Antonini
<i>Impressão</i>	Passografic. Passo Fundo (RS) Tel (54)33115041

Direitos Reservados ao
CECRI - Centro Cultural Regional Italiano
Parque Regional de Feiras e Exposições Wanderley Burmann
BR 285 – KM 334 Ijuí/RS
ccritaliano@gmail.com

Catálogo na Publicação

H673 Histórias de famílias italianas do Centro Cultural Regional Italiano / organizadores Elis Regina Manhabosco Allegranzi, Jaeme Luiz Callai. – Ijuí: Centro Cultural Regional Italiano, 2019. – 1 pdf.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.
E-book

ISBN: 978-85-67355-11-5

1. Famílias italianas. 2. História. 3. Imigração italiana. 4. Ijuí.
I. Allegranzi, Elis Regina Manhabosco. II. Callai, Jaeme Luiz.
III. Título.

CDU: 929

Bibliotecário Responsável
Aline Morales dos Santos Theobald
CRB10/1879

SUMÁRIO

PREFÁCIO	05
O ÊXODO ITALIANO, DO ALPES AO NOROESTE GAÚCHO	07
ALLEGRANZZI	17
ANTONINI	29
BALDISSERA	43
BARRIQUELLO	53
CALLAI	63
CASARIN	73
CERATTI	87
CHITOLINA	97
COSTA BEBER	107
DAL MOLIN	117
DALLA ROSA	127
GOBBO	139
LUCCA	149
LUCCHESI	159
MANHABOSCO	169
STRAPAZON COPETTI	181
TISSOT	189
REFERÊNCIAS	199

PREFÁCIO

Esta obra que ora lhes apresentamos conta um pouco da história de 17 famílias que fazem parte do Centro Cultural Regional Italiano. Ela é desdobramento, quase que um coroamento, de um projeto cultural desenvolvido na Entidade desde o ano de 2016. O objetivo mais geral, que ao longo destes anos tem orientado o referido projeto pode ser buscado no próprio título do texto que animou a discussão e debate entre os participantes daquele primeiro encontro. O questionamento que se propunha e o desafio a que os participantes eram chamados a responder era: “Quem somos nós?”

Todos membros ativos e participantes das atividades do Centro, identificados no âmbito do movimento étnico ijuiense, da UETI/FENADI, como “italianos”. Somos efetivamente italianos, ou ítalo-brasileiros ou simplesmente brasileiros? Passadas mais de duas décadas de atividade observa-se uma troca geracional no âmbito do Centro, alguns dos pioneiros já não estão mais entre nós, novos atores são incorporados. As razões e condições que moviam aqueles primeiros talvez não sejam as mesmas que animam os atuais participantes.

Responder aquela questão central é um desafio que não se resolve com uma ou mais palestras ou conferências, por mais brilhantes que sejam. A resposta deve ser buscada por cada um a partir do esforço em conhecer e reconhecer sua própria história. É exatamente isto que se pretende com esta coletânea.

Não, a resposta ainda não está nos textos. A resposta precisará ser buscada num esforço ainda maior de reflexão, que se iniciou, é verdade, com a escrita dos textos aqui reunidos, mas que precisará ser continuado por cada uma das famílias.

Fizemos um primeiro ensaio no ano passado com a apresentação da história de algumas famílias. O empenho e entusiasmo com que foram feitos os relatos, a curiosidade e o interesse dos demais, ouvintes atentos e desejosos de também contar suas histórias, motivou-nos a dar este novo passo. Agora não mais um relato oral, mas escrito; não mais uma ou outra história de família, mas a história de várias famílias.

Feita a proposta do livro, uns tantos se mostraram interessados. No decorrer do processo, por razões diversas, ocorreram desistências e ao mesmo tempo outros revelaram interesse em participar. Razões operacionais fizeram com que optássemos por já propor um novo volume, com mais histórias de família, para o ano de 2020. Aqui é apresentada a história das famílias Allegranzzi, Antonini, Baldissera, Barriquello, Callai, Casarin, Ceratti, Chitolina, Costa Beber, Dal Molin, Dalla Rosa, Gobbo, Lucca, Luchese, Manhadosco, Strapazon/Copetti e Tissot.

Como diz o título, trata-se de histórias de famílias do Centro Cultural Italiano e não das famílias, o que seria muito mais abrangente, mais extenso e complicado. Esta é uma coletânea restrita, mas não excludente! Novas famílias já estão convocadas para o volume 2, volume 3... Este volume é só um começo, que se apresenta à crítica dos leitores.

Por que registrar a história das famílias? Porque o registro escrito preserva a sabedoria e compartilha conhecimento para as futuras gerações. É a sabedoria de cada ser humano é única e só há uma forma de conservá-la: registrando as narrativas. Existe um provérbio que diz: “quando morre um idoso, é como se incendiasse uma biblioteca”.

Pesquisar sobre a genealogia é uma forma de conhecer melhor as nossas origens, aproximar os familiares, resgatar a sabedoria dos mais velhos e compartilhá-la com as próximas gerações. É um momento de fazer visita aos parentes, a lugares que fizeram parte da vida dos nossos antepassados, pesquisar documentos, fotos, cartas e certidões. Mas nada se compara à emoção de fazer entrevista com quem viveu esta história no passado: os olhos ficam marejados, a voz treme, o coração acelera. Impossível não se emocionar.

Esta obra, da qual nos orgulhamos, deverá ser o primeiro tomo porque o projeto cultural segue em frente e esperamos que para 2020 tenhamos mais uma publicação contando a história de outras famílias que fazem parte do CECRI. Assim, o departamento cultural estará cumprido parte do seu objetivo e responsabilidade. Até o próximo volume em 2020.

Desejamos a vocês uma emocionante leitura de volta ao passado.

Elis Regina Manhadosco Allegranzzi
Departamento Cultural do CECRI

O ÊXODO ITALIANO, DO ALPES AO NOROESTE GAÚCHO

Jaeme Luis Callai¹

A Península Itálica, no correr do século XIX, apresentava um quadro de grande instabilidade política e, do ponto de vista do desenvolvimento econômico, uma agricultura atrasada e industrialização muito fraca e restrita a algumas poucas áreas do norte. Encontrava-se, pois, em atraso quando comparada com Inglaterra e norte europeu.

Dividida em territórios sob domínio do ramo espanhol dos Bourbons, o Reino das Duas Sicílias ao sul; os territórios Papais ao centro, áreas de domínio austro-húngaro ao norte-Vêneto e Trentino, interferência da França ainda ao norte no Piemonte, tornava-se, toda Itália, um território conflagrado em continuadas disputas territoriais. A tradição oral e os relatos dos imigrantes são quase unânimes em referir a “guerra” como fator que induzia a emigração.

A propriedade da terra muito concentrada nas mãos de latifundiários, nobres e da Igreja, tornava a vida dos *contadini* extremamente difícil. Era terra pouca, muitos impostos, regime de trabalho, o *mezzadrio*, que garantia ao proprietário parcela significativa do resultado do trabalho. Podiam os *contadini* contar com uma pequena fração de terra, ao redor de 3 hectares, e a possibilidade de acesso às áreas comuns. Situação mais frágil era dos *braccianti*, trabalhadores braçais, espécie de boia fria, sem terra. De todo modo, a perspectiva era a miséria, o que forçava a emigração, fosse temporária ou mesmo definitiva.

¹Mestre em História do Brasil. Professor de História na UNIJUI.

A emigração sazonal fazia parte da estratégia de sobrevivência e reprodução das famílias. Assim, era comum os homens ausentarem-se de casa nos períodos de inverno quando o trabalho agrícola se torna reduzido. Dirigiam-se então para outras regiões da Europa – França, Alemanha, Bélgica, mas também Inglaterra, e mesmo Rússia para trabalharem na construção de estradas, canais de drenagem, minas; ou para Austrália e Argentina para fazer a colheita do trigo. Não eram só os homens que migravam em busca de trabalho, o filme “Riso amaro” retrata a situação das mulheres – Le Mondine - que se deslocavam para trabalhar nas terras alagadas de Treviso, no plantio do arroz. Aliás, o canto de trabalho destas mulheres, em nova versão, torna-se o hino dos *partigiani* guerrilheiros que, na Segunda Guerra Mundial, enfrentavam Mussolini e o exército alemão. Conhecemos todos esta nova versão intitulada agora, *Bella Ciao*.

As condições de trabalho sejam na própria Itália ou no exterior resultam num quadro generalizado de miséria e fome. Nos momentos de frustração das safras a situação se agravava sobrevivendo à desnutrição - pelagra, com elevada mortalidade especialmente a infantil.

Um terceiro fator de expulsão é de ordem política. A miséria e a extremada exploração do trabalho, aliadas à inexistência de qualquer mecanismo de proteção e amparo aos mais pobres propicia o desenvolvimento de movimentos políticos revolucionários – carbonários, maçons, socialistas, anarquistas, comunistas – que se batem contra a elite proprietária de terras, a Igreja e mesmo o governo. As revoltas liberais burguesas de 1848, a exemplo de outros países europeus, eclodem em diversas cidades italianas. As eventuais e efêmeras vitórias destas revoltas serão sufocadas, mas elas são um sintoma da intensa insatisfação que rondava a sociedade italiana. O *Risorgimento* que se propõe a lutar contra a dominação estrangeira em favor da unificação da Itália, buscou capitalizar esta inquietação ao pretender unir camponeses e proprietários rurais e urbanos e ainda a nobreza. Evidentemente cada grupo possuía seus próprios interesses, por vezes conflitantes, mas todos eram contrários tanto à dominação austro-húngara ou borbônica, quanto ao domínio papal.

O *Risorgimento* tinha no front político a liderança de Cavour, Mazini e Victor Emanuele II, rei do Piemonte-Sardenha (futuro rei da Itália), e no front militar destaca-se Giuseppe Garibaldi, antigo carbonário, que inclusive

lutou com os farroupilhas no Rio Grande do Sul. Conquistada a Unificação, pode-se dizer que os camponeses foram traídos. Não ocorreu a pretendida redistribuição das terras, especialmente aquelas pertencentes à Igreja, mais que isso, aumentaram os impostos, pois agora era preciso sustentar a nova burocracia estatal e, não menos importante, as relações de trabalho na agricultura modificam-se com a transformação dos camponeses em assalariados rurais e a apropriação pelos senhores fundiários das terras de uso comum – pastagens e florestas. O sonho libertário que uniu camponeses, trabalhadores e nobreza latifundiária foi apropriado por uma elite que tratou de moldá-lo aos seus exclusivos interesses.

Por uma razão ou outra, ou pela conjugação de todas elas o que se vai observar é a eclosão de um movimento emigratório que assume características de verdadeiro êxodo.

Os camponeses do norte ou do sul abandonam as terras em busca da cucagna que poderia ser encontrada na América, na Europa ou ainda em outras partes do mundo. Ao conhecer as condições em que era feita a emigração; a dor do abandono dos familiares e do local de nascimento; a viagem; as condições de vida no novo destino tem-se a dimensão da epopeia enfrentada. O primeiro sentimento é considerar o grau de coragem desses homens e mulheres dispostos a tudo enfrentar em busca de seus sonhos. Coragem? Ou seria desespero? Ao darem-se conta que nada tinham a perder encontram forças para rumar ao desconhecido. Como diz a canção, hino informal dos emigrantes, *“cosa sarà questa américa?”*

A motivação da emigração é, em última análise, a miséria, a fome. Delisio Villa em seu livro “Storia dimenticata, História esquecida”, diz: *“No se viveva piu. Se moriva...”. Sarà quel che sarà. Peggio del presente nonsarà certo... E poiché abbiamo presto o tardi da morire, tanto vale di lasciare la nostra pelle in America come in Europa”*. (p.119). Não é necessário conhecer a língua italiana para entender o sinistro desespero destas palavras. É célebre a resposta de um camponês italiano, que assim se dirigiu a quem procurava fazê-lo desistir de emigrar. *“...Que entendeis por uma nação, Senhor Ministro? É a massa dos infelizes? Plantamos e ceifamos o trigo, mas nunca provamos o pão branco. Cultivamos a videira, mas não bebemos o vinho. Criamos animais, mas não comemos a carne. Apesar disso, vós nos aconselhais a não abandonarmos a nossa pátria? Mas, é uma pátria a terra onde não se consegue viver do próprio trabalho?”*.

No período 1870-1970 estima-se que mais de 24 milhões de italianos tenham emigrado. Para outros países da Europa 12,5 milhões, para Estados Unidos 5,6 milhões, Argentina outros 2,9 milhões e para o Brasil aproximadamente 1.500.000 pessoas.

A corrente imigratória que se dirige ao Brasil é em sua maior parcela atraída pela ação de empresas de recrutamento contratadas pelo governo brasileiro. Estes são imigrantes que podemos identificar como “oficiais”, outros, os espontâneos, vem por sua própria conta e risco. Dentre as empresas de recrutamento, ressalta-se aquela dirigida por Caetano Pinto, que tinha compromisso de recrutar 10.000 imigrantes por ano, recebendo como pagamento 125 mil réis per capita, e 50% deste valor para o caso de crianças de menos de 12 anos de idade. Diz o contrato *“V - Estas subvenções serão pagas na Côte (Rio de Janeiro), logo que for provado que os imigrantes foram recebidos pelo funcionário competente no porto de desembarque da Província a que se destinarem”*. (Decreto Imperial nº 5.663, de 17 de junho de 1874).

Os emigrantes italianos que se dirigem ao Brasil são provenientes das diversas regiões da Itália, mas preponderantemente das províncias do norte italiano, camponeses que migram em busca de terra, e do sul. No Brasil, a maior parte se dirige para o sudeste atraída para trabalhar na lavoura do café, ou para regiões de colonização a base da pequena propriedade como é o caso do Espírito Santo, e os estados sulinos - Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Originariamente destinados ao trabalho na agricultura, muitos imigrantes rapidamente reemigram em direção às cidades, ao emprego urbano na indústria e no comércio, ou mesmo transformando-se em industriais e empresários de sucesso.

Subvencionada ou não a imigração estava submetida ao controle administrativo “aduaneiro”. Cada navio ao atracar no porto, deveria apresentar a documentação com a relação dos passageiros que desembarcariam. O Arquivo Nacional, sediado no Rio de Janeiro, mantém essa documentação, boa parte digitalizada de modo que é possível consultar o ingresso dos imigrantes – data de chegada ao porto, nome do navio, porto de origem, relação nominal dos passageiros desembarcados. A busca ficará muito facilitada sempre que se souber a data de chegada ao Brasil e mais ainda se com a data também o nome do navio. No Brasil o porto de entrada é usualmente o do Rio de Janeiro, ou Santos, eventualmente algum outro porto menor. Já a saída da Itália se faz

pelo porto de Gênova na quase totalidade dos casos, ou Le Havre na França, sempre que os emigrantes sejam oriundos do norte italiano. Para os italianos do sul o porto de preferência era Nápoles.

Da totalidade dos italianos que vieram para o Brasil, uma parcela, estimada em 100.000 pessoas, é instalada no Rio Grande do Sul. Estes se distribuem da seguinte maneira se considerarmos a região de proveniência: 54% são Venêtos, 33% Lombardos, Trentinos 7% e Friulanos 4,5% e os restantes 1,5% das demais regiões italianas. Administrativamente a Itália está organizada em “regiões” e estas em Províncias, cidades e comunas. Para facilitar a compreensão considere-se o seguinte quadro, relativamente ao Norte da Itália:

VÊNETO – Capital Veneza. 580 comunas. Províncias: Belluno, Padua, Rovigo, Treviso, Veneza, Verona, Vicenza.

LOMBARDIA – Capital Milão. 1.544 comunas. Províncias: Bergamo, Brescia, Como, Cremona, Lecco, Lodi, Mantua, Milão, Monza e Brianza, Pavia, Sondrio, Varese.

TRENTINO-ALTO ADIGE – Capital Trento. 333 comunas. Províncias: Bolzano, Trento.

FRIULI- VENEZIA JULIA – Capital Trieste. 217 comunas. Províncias: Gorizia, Pordenone, Trieste, Udine.

Dos 34 sobrenomes italianos, dos quais se tem a indicação da comuna ou província de origem Cultural Italiano de Ijuí procedem do norte da Itália, majoritariamente das províncias vênetas, em especial de Treviso. E estão percentualmente assim distribuídos por região – Vêneto 62%, Friuli 20%, Lombardia 12%, Trento 6%.

Nos mapas a seguir encontram-se identificadas as províncias de origem dos ancestrais das distintas famílias que compõe este livro. As informações são mais ou menos completas, observando-se ora a ancestralidade paterna, ora a ancestralidade materna ou ambas, sempre a depender do conhecimento eu se tem da história dos ancestrais.



Itália: províncias de origem dos imigrantes.
Produção Fabricio de Souza.

- 1- Padova** – Casarin, Piccinini, Sabiolo.
- 2- Mantova** – Ceratti, Lubini, Chitolina, Gadioli.
- 3- Verona** – Manhabosco, Martiny, Pelizzon.
- 4- Vicenza** – Costa Beber, Mogentale.
- 5- Trento** – Callai, Tissot.
- 6- Belluno** – Bernardi, Burtet, Muraro, Strapazon.
- 7- Udine** – Denardo, Copetti.
- 8- Pordenone** – Giacomelli, Gobbo, Lucchese, Damian Mazzon.
- 9- Treviso** – Allegranzzi, Antonini, Baldissera, Barato, Barriquello, Dal Molin, Franzir, Loria, Lucca.

No Rio Grande do Sul os emigrantes, oriundos do norte da Itália, constituem-se de camponeses interessados em ter uma terra para chamar de sua. Imagine a euforia do imigrante agora e aqui transformado em proprietário de uma área que ultrapassa a dezena de hectares! É muito mais terra do que sequer um dia ele imaginou que seria proprietário. Imagine o espanto e a *paura* ao constatar que sua propriedade é toda ela uma floresta! Como trabalhar, como viver no mato mais ou menos isolado de outros moradores e vizinhos!? A leitura de depoimentos dos primeiros imigrantes, ao escreverem aos familiares, dando conta do que é a sua vida no Brasil traz exemplo de profunda alegria e otimismo - agora sou dono de meu trabalho! - mas por vezes revela-se a frustração diante de tamanhas dificuldades. Nem tudo foi sucesso, nem tudo foi desilusão, ao contar a história de nossos antepassados parece que o saldo final foi positivo, mas não sabemos daqueles que ficaram pelo caminho. Destes perdemos inclusive a memória. Valeria o esforço realizar uma pesquisa sobre o destino dos primeiros imigrantes italianos “oficiais” que foram instalados na colônia de Ijuí, vindos diretamente da Itália, nos primeiros anos da colonização (1890-1910). Quem são eles, seus descendentes encontram-se em Ijuí?

Os imigrantes oficiais foram encaminhados inicialmente para as Colônias Imperiais de Conde d’Eu (Garibaldi), Dona Isabel (Bento Gonçalves), Campo dos Bugres (Caxias do Sul), todas na Serra Gaúcha, e aquela que é denominada Quarta Colônia, Silveira Martins, nas proximidades de Santa Maria. Estes foram os núcleos iniciais para os quais eram destinados os imigrantes italianos. A partir daí ocorre uma espécie de irradiação, dos agora *colonos*, em busca de novas terras para si ou para seus filhos. Jean Roche, em importante estudo denominado “A imigração alemã e o Rio Grande do Sul”, caracteriza esta irradiação de duas formas. Inicialmente um movimento de expansão para áreas próximas, como se fosse uma mancha de óleo. No caso das colônias italianas da Serra Gaúcha para Farroupilha, Encantado, Veranópolis, Nova Prata e a partir de Silveira Martins logo ocorre a expansão para Jaguarí. O segundo movimento, que Roche denominou “enxamegem” implica numa migração de mais longa distância. É o caso das colônias novas, como Ijuí, Erechim, Guarani das Missões, Ibirubá e mesmo o oeste catarinense, que passam a receber o excedente populacional daquelas outras colônias, agora denominadas “velhas”.

Os núcleos coloniais são públicos, isto é, oficiais ou então privados. A colonização oficial é subvencionada, isto é, há um investimento público, concessão de alimentação, ferramentas, prazo para pagamento da terra.

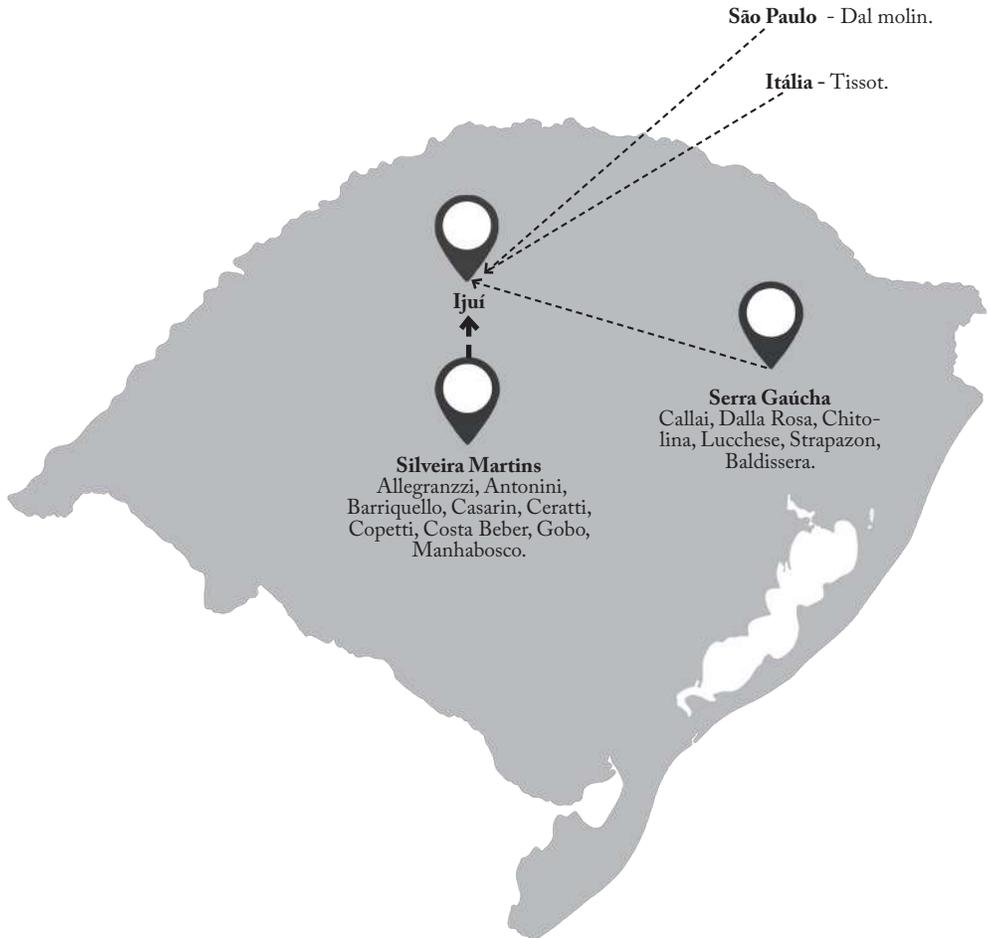
Como empreendimento público há o cuidado dos governantes e dos administradores coloniais em manter organizado um documentado processo de acompanhamento e controle – quem recebeu/comprou a terra? Quanto e quando pagou? Nome, idade, procedência, composição familiar do comprador – que se encontra arquivado junto ao Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul e em arquivos locais como é o caso do arquivo do Museu Antropológico Diretor Pestana, para o caso da Colônia Ijuhy Grande.

Em se tratando de colonização privada, iniciativa de empreendedores capitalistas que compram glebas maiores e vendem lotes coloniais, é um negócio gerido pelos proprietários, como a Colônia Santo Antonio em Ijuí, a Colônia Rio Branco (Pejuçara), ou Neu Wutttemberg (Panambi). A documentação por ser privada raramente estará recolhida aos arquivos públicos, o que por certo dificulta o acesso e a pesquisa.

Das famílias reunidas neste volume uma única veio diretamente da Itália, para Ijuí, mas já em tempos mais recentes. É o caso da família da Sra. Rosângela Tissot, que, aliás, é a única italiana de fato. Nos demais casos, chegados ao Brasil instalaram-se inicialmente numa das quatro colônias “italianas”, e a partir daí por sua própria conta, por diferentes percursos e tempos migratórios chegaram a Ijuí. Em verdade, os Dal Molin instalaram-se inicialmente em São Paulo e só posteriormente dirigem-se para Ijuí.

Quando as terras foram compradas diretamente da administração da Colônia (anteriormente a 1912) é possível identificar a data de compra, o preço pago e a localização de cada um dos lotes coloniais. (Livro de Controle da Dívida colonial “Colônia Ijuhy Grande”. Museu Antropológico Diretor Pestana.). Nos demais casos, a documentação é de acesso mais difícil, pois resulta sempre de uma transação, de um negócio, realizado entre particulares e dependemos da memória dos envolvidos ou de uma pesquisa em cartórios de registro de imóveis para, consultando os registros, sabermos quem comprou, quando, de quem?

Um mapa nos ajuda a entender os caminhos por onde andaram os “italianos” do Centro Cultural Regional Italiano, desde as terras onde se instalaram ou foram instalados até chegarem a Ijuí.



Procedência das famílias do CECRI. Produção Fabricio de Souza.

No trabalho de reconstituição da história das famílias cada autor contou com a extensão e profundidade com que cada tradição familiar tem tratado sua própria ancestralidade. Alguns puderam se valer de pesquisa genealógica já realizada por familiares, outros ficaram na dependência da memória de algum informante usualmente mais idoso. Os relatos expressam essa diferenciação muito embora tenhamos definido parâmetros que por vezes possam ter constrangido alguns autores, que tendo acesso a um avantajado repertório de informações tiveram que restringir-se ao espaço de páginas destinado a cada família.

As histórias de família, reunidas neste volume, demonstram claramente a dinâmica geral que caracteriza a emigração italiana para o Rio Grande do Sul. Cada família é portadora de uma especificidade, que se pretende única, singular, mas cada individualidade está inserida numa dinâmica social mais ampla e é só nessa condição que se compreende efetivamente o que ocorreu e ocorre. Cada família conta ao seu modo como, quando e o que motivou a saída da Itália, são histórias diferentes! Diferentes, mas iguais, posto que a narrativa se repete, mudando os personagens e algum detalhe circunstancial.

ALLEGRAZZI

Dirceu Antonio Allegranzi¹
Elis Regina Manhabosco Allegranzi²

Segundo relato do saudoso Pe. Luizinho, do Centro de Genealogia de Nova Palma, provenientes de Monte Collalto comunidade de Cornuda – província de Treviso – Itália, imigraram 4 irmãos da família Allegranzi: Domênico nascido no ano de 1825, Giacomo nascido no ano de 1851, Giovanna, nascida no ano de 1854 e Augusta nascida no ano de 1864.

Domenico era casado na Itália com Margherita Moretti, trouxe na imigração os seguintes filhos: Augusta, nascida em 1864 que casou com Giovanni Bortolotto a 23 de agosto de 1884 em Silveira Martins; Maria Luigia, nascida em 1872 que casou a 10 de maio de 1891 com Alfredo Webber em Silveira Martins; Francesco, nascido em 04 de julho de 1878 que casou a 17 de maio de 1928 com Clara Castellazi.

¹É comerciante, descendente da quarta geração após a imigração, filho de Realdo Allegranzi. Ex presidente do CECRI.

²É pesquisadora, esposa de Dirceu Antonio Allegranzi, atua no departamento cultural do CECRI.

Giovanna: casada com Angelo Coden. Imigraram com uma filha, Maria Coden, a 28 de fevereiro de 1878, no Vapor Colombo, chegaram em Silveira Martins onde se estabeleceram e tiveram mais 10 filhos.

Augusta imigrou solteira e casou com Giovanni Bortolotto em 23 de fevereiro de 1884, em Silveira Martins, gerando 9 filhos.

Giacomo Allegranzi, nascido em 1851 em Monte Collalto – Cornuda, província de Treviso, casou na Itália com Catarina Nardin. Giacomo casa pela segunda vez a 5 de fevereiro de 1883 em Silveira Martins com Catharina Barato, nascida em 10 de setembro de 1852 em Pederobba, província de Treviso, filha de Pietro Barato e Maria Rostirolla. Giacomo teve 15 filhos:

Filhos do primeiro casamento:

1- Margherita Allegranzi, nasc. 1877 em Cornuda, província de Treviso, casou-se a 12/6/1895 em Silveira Martins com Felice Gatto;

2- Angela Allegranzi, nasc. 13/7/1880 em Silveira Martins, casou-se a 18/4/1896 em Silveira Martins com Serafino Mazzoco;

3- Regina Natalina Allegranzi, nasc. 10/5/1882 em Silveira Martins;

Filhos do segundo casamento:

4- Pedro Angelo Allegranzi, nasc. 16/12/1883 em Silveira Martins, casou-se a 14/9/1912 em Cruz Alta com Luiza Picco, casando pela segunda vez com Josephina Isabel Vilani;

5- Angelo Isidoro Allegranzi, nasc. 22/9/1885 em Silveira Martins, casou-se com Rosa Darold;

6- Angelo Allegranzi, nasc. 1886 em Silveira Martins, faleceu a 24/3/1887 em Silveira Martins;

7- Hermelina Maria Allegranzi, nasc. 29/10/1887 em Silveira Martins, casou-se a 24/4/1909 em Silveira Martins com Marcos Luiz Bottega;

8- Italia Maria Allegranzi, nasc. 15/8/1889 em Silveira Martins, casou-se a 9/5/1914 em Cruz Alta com João Picco;

9- Antonio José Allegranzi, nasc. 20/12/1890 em Silveira Martins, casou-se com Maria Candida;

10- Antonio Allegranzi, nasc. 1892 em Silveira Martins, casou-se a 8/1/1915 em Cruz Alta com Catarina Bresolin;

11- Valentin Allegranzi, nasc. 14/2/1893 em Silveira Martins, casou-se a 6/5/1922 em Cruz Alta com Albina Contri;

12- João Batista Allegranzi, nasc. 1894 em Silveira Martins, faleceu a 30/1/1895 em Silveira Martins;

13- João Allegranzi, nasc. 1895 em Silveira Martins, casou-se a 19/5/1939 em Santa Maria com Maria Candida Godois;

14- Josefa Maria Allegranzi, nasc. 14/3/1897 em Silveira Martins;

15- Maria Joana Allegranzi, nasc. 20/10/1900 em Silveira Martins, casou-se a 24/4/1937 em Pejuçara com João José Vicenzi.

Para nós a história tem um hiato de informações sobre os filhos de Giacomo e Catharina Barato. O que se sabe é que a família emigrou para Colonia Rio Branco, município de Cruz Alta, localidade onde hoje é Vista Alegre – Pejuçara. Sou descendente do filho mais velho de Giacomo Allegranzi e Catharina Barato Allegranzi: Pedro Angelo Allegranzi, meu avô.

Pedro Angelo Allegranzi nasceu em Silveira Martins em 16 de dezembro de 1883; casou-se em primeiras núpcias com Luiza Picco em 14 de setembro de 1912. Deste casamento tiveram o filho Vitelio Allegranzi que mais tarde casou-se com Elizabete Allegranzi e tiveram 4 filhos: Carlinhos, Valdemar, Nildo e Darci.

Casou-se em segundas nupcias com Josephina Isabel Vilani em 26 de setembro de 1917 na Colonia Rio Branco e deste enlace matrimonial tiveram mais 7 filhos.



Josephina Vilani Allegranzi e Pedro Allegranzi.
Acervo Pessoal de Elda Zambon Allegranzi.

A Família de Pedro e Josephina Allegranzi:

1- Antonio Allegranzi casado com Rosa Palharini.

Filhos: Clovis Pedro, Leonice Terezinha, Leonilda Maria, Genesio Francisco, Leonir Isabel, Elaine Salet e Denise Fátima.

2- Catharina Dolorata Allegranzi casada com José Brondani de Batista.

Filhos: Almanir Rosa, Clair, Lurdes Maria, Valdir Carlos, Mery Maria, Adir e Vicente

3- Orlinda Allegranzi casada com Luiz Picco.

Filhos: Aldair, Etelevino, Almanir, Antonio, Pedro e Vicente

4- Cesar Allegranzi casado com Delaide Aozani.

Filhos: Solange, Cirlei Terezinha, Circe Ana, Silvio José.

5- Realdo Allegranzi casado com Anhair Dominga Marchezan.

Filhos: Marino Francisco, Dirceu Antonio, Dileta Maria, Neiva Teresina e Ivete Fátima

6- Orlindo Allegranzi casado com Irene Joana Zambon.

Filhos: Celso Antonio, Pedro Francisco, Valtemir Luiz, Itamar Jose, Julio Cezar e Claudiomiro André.

7- Elda Allegranzi casada com Julieto Zambon.

Filhos: Cirila, Sergio, Pedro Antonio, Maria Antonieta, Cleusa, Ana e Eloir.

Elda Allegranzi: A filha mais nova tem 89 anos

Fui conversar com tia Elda em sua casa em Catuípe, num final de tarde. Acompanharam-me minha esposa e minha filha Nicole. Confesso que não a via há um bom tempo. Percebi que sentia saudades; saudade de seu jeito meigo, sua voz modulada, seu maneirismo tranquilo, mesmo estando preocupada com o tio Julieto que fora consultar e ainda não voltara.

Ela nos recebeu com carinho e começou a relatar: *“Nasci no dia 14 dezembro de 1929 em Vista Alegre – Pejuçara. Na época pertencia ao município de Cruz Alta. Não conheci meu pai; ele faleceu de meningite aos 44 anos de idade quando eu tinha 17 dias de vida.*

Não lembro muito da minha infância... já se passaram muitos anos. Lembro quando nos mudamos de Vista Alegre para o Passo Burmann quando eu tinha 10 anos. Veio minha mãe Josephina, meus irmãos Antonio, César, Realdo, Orlindo e



Elda Allegranzi Zambon. Arquivo Pessoal de Elis Regina Manhadosco Allegranzi.

Eu. Minhas irmãs Catarina e Orlinda já eram casadas. A Orlinda era casada com Luis Pico e já morava aqui em Catuípe. Eles foram grandes incentivadores desta mudança diziam para irmos embora que a terra era boa. Lá em Pejuçara a terra não era tão fértil e já estava escassa. Um caminhão da família Bonoto trouxe nossa mudança. Em Passo Burmann fomos morar e trabalhar nas terras do Adolfo Desengrini como sócios para mais tarde comprar uma propriedade só nossa.

Gostei muito da escola do Passo Burmann. Apesar das dificuldades era uma infância feliz, com muitos amigos. Além de estudar ajudava a mãe nos afazeres domésticos.

Todos nós trabalhávamos na roça. Plantavam milho, feijão, arroz do seco. No início não plantavam soja, chegou

depois a tal da planta da soja. Tudo a mão, cortavam com a foicinha e trilhavam com a trilhadeira.

Tenho boas lembranças da minha mãe: Era uma pessoa muito boa, caprichosa e trabalhava muito. Meu pai ficou enfermo por seis meses e faleceu muito jovem deixando ela com os filhos para criar e eu bebê recém-nascida. Mesmo tendo ficado viúva cedo, não casou novamente. Manteve a família sempre unida.

Eu ia nos bailes, jogos de futebol e nas festas sempre junto com os irmãos e amigos. Com as famílias Valandro e Zanfra nos criamos meio juntos.

Éramos vizinhos da família Zambon, então desde sempre conhecia o Julieto. Namoramos dois anos e nos casamos em 26 de janeiro de 1952. Neste ano tivemos a graça de completar 67 anos de casados. Nosso casamento foi na casa do meu sogro. Começou com o café da manhã, depois o almoço e o café da tarde. A festa durava o dia inteiro. Moramos dois anos com meus sogros e depois nos mudamos para uma propriedade rural no Engenho Velho por mais de 40 anos. Moramos por 15 anos na

Vila de Engenho Velho e há 8 anos moramos aqui em Catuípe.

Sempre trabalhamos na lavoura e tirando leite. Eu cuidava dos filhos e quando podia ajudava a carpir na lavoura de alfafa. Tivemos 7 filhos: Cirila, Sergio, Pedro Antonio, Maria Antonieta, Cleusa, Ana e Eloir. Assim como minha mãe, sou mãe de gêmeos.

Todos os meus irmão já são falecidos. Exceto o Orlindo todos tiveram algum tipo de câncer. A Orlinda faleceu com 37 anos de idade.

Sempre fui muito tranquila. Gostava de escutar os causos mas não contava. A Catarina, minha irmã, era medonha, contava caso e aprontava arte. Quando recebia visita sempre fazia alguma sacanagem nos sapatos: atava o cadarço dos dois pés ou enchia o sapato com alguma coisa.

Todos os irmãos se davam muito bem; eram muito unidos. Todos ficaram morando perto, só a Orlinda e a Catarina foram morar um pouco mais distante. Lembro que o Realdo ao comprar um pedaço de terra, pagou valor maior que o mercado para poder ficar perto do Orlindo, irmão gêmeo. Todos os dias o Orlindo passava no Realdo depois da roça, pra tomar um chimarrão.

Esta é a diferença que vejo dos meus irmãos para meus filhos. Dos meus filhos somente a Ana e a Cleuza estão perto. Os outros estão longe. Não me conformo com isso. Queria eles mais perto de mim”.

Tio Julieto faleceu na madrugada de sábado dia 27 de agosto de 2019, antes de fecharmos a edição deste texto.

Memórias de Dirceu Antonio Allegranzi

Nasci em Catuípe, no dia 27 de maio de 1958. Sou filho de Realdo Allegranzi e Anhair Dominga Allegranzi; tenho quatro irmãos: Marino Francisco, Dileta Maria, Neiva Terezinha e Ivete Fátima.

Passei toda minha infância no Passo Burmann - Catuípe junto com minha família. Estudei até a quarta série na Escola Municipal Assis Brasil e posteriormente na Escola Municipal Mal. Artur da Costa e Silva em Engenho Velho- Catuípe; repeti duas vezes a quinta série porque queria estudar e não tinha condições de ir até a cidade de Catuípe fazer o ginásio. Quando estudava na Escola de Engenho Velho eu ia sempre com os primos Valtemir e Itamar e minha irmã Dileta; íamos a pé; a merenda era muito simples e consistia geralmente de batata assada ou pão com melado acondicionado numa sacola plástica de açúcar. Na hora do recreio comia escondido dos demais colegas para eles não verem o que eu estava comendo.



Anahir e Realdo Allegranzi no dia de seu casamento. Acervo da Família.

Meu irmão mais velho Marino e os primos Celso e Pedro também frequentavam a Escola Assis Brasil; eram muito arteiros e estavam sempre aprontando. Lembro de algumas façanhas deles como roubar bergamota do Sr. Otávio Rodrigues que morava próximo à estrada ou o dia que eles botaram fogo no canal do Sr. Gotardo Pagliarini; foi uma façanha todo aquele fogaréu. Também gostavam de atar as guanxumas no trilho em que passávamos, e nós, desatentos era tombo na certa. Meus pais e meus tios ficavam de cabelo em pé com as peripécias deles.

Certa vez, eu tinha 8 anos de idade, meu irmão Marino e o Valdir filho do meu padrinho estavam brincando de atirar o facão três listas, afiado, para cima um para o outro; nisso, não sei porque, fui passar embaixo de onde eles estavam brincando e o facão caiu em cima da minha cabeça, fazendo um corte profundo. Foi um desespero... minha mãe e minha madrinha que estavam sentadas na cozinha vieram apavoradas me acudir. Não fui ao médico. O sangue foi estancado a base de pó de café. Não posso esquecer deste episódio porque cada vez que passo a mão na cabeça a cicatriz me lembra da arte.

Lembro de quando meu pai e meus tios tinham uma trilhadeira para debulha de soja, trigo ou milho; era uma época que os vizinhos se ajudavam para dar conta da lida na lavoura trocando serviços; levantávamos por volta das cinco horas para cortar soja a foicinha. As coxilhas ficavam povoadas de gente para trabalhar. Quando um gritava num lado, os outros respondiam a

distância. Eles trabalhavam sempre cantando em italiano; quando penso nisso me emociono. Gostaria de voltar no tempo para vê-los mais uma vez cantando em italiano. Como era linda essa cantoria. Mais tarde as irmãs mais novas iam levar o café na roça que consistia em pão, salame, queijo, calça virada ou bolinho e café. Quando enxugava o sereno se buscava a carroça parelhada com os cavalos e a soja era amontoada para depois ser trilhada.

A família Allegranzzi sempre cultivou a erva mate. Esta época era sempre uma festa, apesar do trabalho árduo. Primeiro se fazia um aparato com troncos de bananeiras (para o fogo não queimar as pernas), para o sapeco dos galhos da erva.

No processo, a primeira etapa era o corte dos galhos; o serviço das crianças era arrastar os galhos até próximo do fogo; depois vinha o sapeco que era feito na roça; depois os galhos eram quebrados e se fazia os macacos para levar no carijo do Sr. Clemente Zambon. Este processo de secagem levava 3 noites de fogo; depois era trilhada para então levar ao soque para moagem. Esse tempo de carijar a erva a noite era muito divertido; bebiam cachaça com alho, comíamos laranjas, tomávamos chimarrão e se contava muitos causos engraçados. Como não havia energia elétrica, se fazia um candeeiro com uma taquara e um estopim de pano encharcado com bastante querosene.

No ano de 1972, foi aprovado o Ginásio em Colônia das Almas. Meus pais me matricularam junto com meus primos Pedro Francisco, Valtemir, Pedro Antonio e Maria Antonieta, mas depois não permitiram que eu frequentasse as aulas porque eram à noite, muito distante da nossa morada e se ia a pé. Eu era muito magro e eles pensavam que não aguentaria o repuxo. Chorei muito porque queria muito estudar.

Felizmente, no ano seguinte, a Escola Estadual Eusébio de Queiroz de Passo Burmann foi contemplada com o ginásio e pude frequentar as aulas. Ia na escola a pé e quando chovia andava de pé no chão. Chegava embarrado, limpava os pés na grama e quando levava, colocava uma chinela, ou assistia as aulas de pé no chão. O barro do meio dos dedos, depois que secava, ficava no chão da sala. Desta escola, lembro com carinho dos professores Luiz Fiorim Menegon, Osório Pedro Ilgenfritz, Suzana Marchezam e Walter Benetti, este último como diretor da Escola.

Quando houve a formatura de primeiro grau da Escola Eusébio de Queiroz, fizemos uma festa muito grande com missa, entrega de diploma e jantar de confraternização com os pais, alunos e autoridades convidadas. O paraninfo, Sr. Aparício Piccinin nos presenteou com uma viagem a Rio Grande; ficamos hospedados no hotel que era da Cotrijui. Um dos colegas

presentes ficou impressionado quando chegamos a beira-mar e disse: “meu Deus só queria ver a taipa desse açude, porque deve ser grande, *mais óia quanta da água*”.

De piazzito ajudava meus pais na lavoura, mas não gostava muito da lida. Gostava de ir no bolicho buscar mantimentos; então ia a cavalo ou a pé... demorava, matava tempo no bolicho, chegava quase no final da tarde em casa e meu pai, zangado, dizia: “guri onde estava até essa hora? tu vai ver na próxima tu não vai mais, vou mandar outro”.

Nesta época no interior haviam muitos jovens. Íamos a bailes, festas e torneios de futebol era quase todo final de semana. O time forte do Passo Burmann era o Sport Clube 7 de Setembro que se localizava no potreiro do meu tio Cesar Allegranzi, atrás do bolicho do Kiko Dal Ros, que também tinha cancha de bocha e salão de baile. Eu, meu pai, tios e primos jogávamos para o 7 de Setembro. Meu pai era “bom de bola”; jogava na posição de back (zagueiro) e meia cancha...que saudades do meu pai.

Meu pai, Realdo, sempre gostou muito de cavalos; sempre teve belos cavalos. Ele morava em Passo Burmann e ia namorar minha mãe em Catuípe na casa do tio dela a cavalo. Lembro de um que se chamava candango. Todos os domingos de tarde ele ia no bolicho jogar três sete ou cinquilha. Ao final da tarde retornava para casa montado no candango nos trazendo alguma guloseima no bolso que era dividido pela mãe. Meu pai faleceu no dia 25 de fevereiro de 1993.

Minha mãe Anhair, veio morar em Catuípe, proveniente do interior de Santa Maria, por volta dos 18 anos de idade, para trabalhar na residência dos tios Antônio (irmão do avô Ângelo Marchezan) e Aurelia Marchezan. Tio Antônio era alfaiate. Minha mãe ajudava tia Aurélia cuidar das filhas gêmeas e ajudava o tio na alfaiataria. Se encontrou com meu pai numa festa em Passo Burmann, onde começou o namoro e depois o casamento. Ela criou a família com muitas dificuldades, pois nada era fácil naquela época; além de cuidar da casa e criar os filhos ela ajudava o esposo na roça, desbravando novas áreas para plantio.

A mãe costurava todas nossas roupas. Lembro quando tinha a festa de São Brás no Passo Burmann, meu pai e ela vinham para Ijuí comprar tecidos e nós ganhávamos roupas novas. As camisas de volta ao mundo eram muito chiques na época. Além de costureira, fazia artesanato com palha de trigo que depois de trançada servia para fazer chapéus e bolsas.

Era uma mulher muito religiosa e nos levava ao culto todos os domingos de manhã. Devota de Santo Antônio. Quando fazia uma estiagem

prolongada os vizinhos se reuniam para fazer a novena pedindo que chovesse; ao passar o rio para rezar na casa do vizinho, molhavam o santo no rio para que ele mandasse a chuva. Era uma mulher séria e nos passou ensinamentos de respeito e educação. Ela faleceu em 30 de setembro de 2012.

Na roda de conversa dos mais velhos um tema recorrente eram os bailes no Araçá. Uma comunidade que hoje é reconhecida como quilombola e se localiza na localidade de Engenho Velho. Os bailes da Nega Rubina, figura mais importante do local, eram a maior distração da época. Anos depois grupo musical Alecrim Canto gravou a música “Bailanta doAraçá”, immortalizando um marco histórico da região.

No ano de 1977, fui servir o Exército Brasileiro em Ijuí. Éramos um grupo em torno de 50 Catuipanos. Foi uma experiência muito boa pois lá aprendi ser cidadão. No ano de 1978 comecei a trabalhar na Cotrisa em Catuípe no departamento técnico e estudava no 2º Grau na Escola Cenequista de Catuípe. Fui Presidente do Grêmio Estudantil da CNEC. No ano 1979 saí da Cotrisa e fui trabalhar na Secretaria Municipal de Educação na função de diretor da Escola Municipal Ulisses Salazar na Vila Neves. Depois desta experiência, fui convidado pelo saudoso Aparício Piccinin, no ano de 1980 para trabalhar na Cooperativa de Eletrificação Rural onde estou até hoje.

O tempo é implacável, não volta mais. Mas eu gostaria que voltasse um momento só para que meus pais vissem a família que eles criaram com tantas dificuldades; ver o quanto ela cresceu; ver os netos criando suas próprias famílias; ver que as sementes que eles plantaram renderam bons frutos. Eles realmente foram heróis de seu tempo.

Centro Cultural Regional Italiano: parte da nossa vida

Em 12 de agosto de 1987, numa noite muito fria, típica do inverno gaúcho, participei de uma reunião na Associação Comercial de Ijuí, com um grupo de pessoas, descendentes de Italianos, com a finalidade de fundar o **Centro Cultural Regional Italiano**. A primeira diretoria teve como presidente Sr. Décio Barriquello. Nesta gestão fui eleito conselheiro. Me sinto honrado de ter estado presente neste ato e de fazer parte desta história. O primeiro desafio foi a construção da casa italiana. Nesta fase lembro do trabalho voluntário junto aos construtores, e das tantas tabuinhas alcançadas para compor a cobertura.

Fiquei um tempo afastado das atividades do Centro Cultural e retornei em companhia de minha esposa, em 2003, como vice-presidente na gestão do

Sr. Nelson Casarin. Deste ano para cá não nos afastamos mais do CECRI sempre colaborando nos mais diversos cargos da diretoria. No ano de 2015 assumi a função de presidente na gestão 2015/2016 e fui reeleito para o cargo na gestão de 2017/2018.

Enquanto presidentes, a primeira preocupação era a de dar continuidade ao trabalho realizado desde a criação da entidade com forte viés ao aspecto cultural e também pequenas adequações dos espaços para atender melhor nosso público nas épocas de Expojui - Fenadi.



Jantar 12 Povos/UETI - 2017.

Em 2016 iniciamos um projeto cultural sobre a “História e Cultura da Itália” com diversas aulas sobre história, economia, música, artes e sobre a procedência da nossa imigração. Este projeto teve o segundo módulo em 2017 com os temas: Região do Vêneto, patrimônio artístico, prática vocal e história do vinho, além de famílias. Em 2018 o módulo consistiu em contar a história de 4 famílias que pertencem ao centro Cultural e em 2019 o projeto consiste em palestras para os nossos dançarinos sobre temas relevantes ao trabalho que eles desenvolvem na entidade, uma exposição sobre a vida e obra de Leonardo Da Vinci em parceria com o Museu Antropológico Dr. Pestana e a mais ousada de todas as tarefas: a edição de um livro que conta a genealogia de 17 famílias ligadas a entidade, que está a todo vapor e deverá ser lançado durante os festejos da FENADI/2019.

O Centro Cultural Regional Italiano é uma referência da *italianidade* vivida pelos descendentes desta etnia na região e está profundamente inserido no movimento Étnico que se iniciou em 1987. Além da casa com estilo típico

italiano temos a Cantina Dei Noni – muito visitada pelos apreciadores e descendentes que visitam o parque, o Il Nostro Canton – com capacidade para 400 pessoas, a choperia e em construção a pizzaria. Na parte cultural temos quatro grupos de danças: *Giovanotti*, *Pimpinelli*, *Mazolin di fiore* e *Bambini*; um grupo de canto coral *Bel Vivere*, um programa semanal de rádio “Italianos Trazem sua Mensagem” e convênio para curso de língua italiana em parceria com a ACIRS/RS.

São muitos anos de envolvimento e dedicação. De amor à causa e às pessoas. Já pendurei meu quadro na galeria dos presidentes. Agora me resta, com alegria, participar da galeria dos nonos.

Minha Família: Gratidão

Me casei aos 33 anos de idade com Elis Regina Manhadosco em 15 de setembro de 1990, na comunidade de Passo Burmann, onde nasci e onde morava minha família. Lá, também batizei meus filhos Dirceu Júnior e Nicole: Meu maior legado. Com eles aprendi o significado da palavra gratidão. À eles procuro repassar os valores éticos e morais que aprendi com meus pais.



Da esquerda para direita: Elis, Dirceu Jr., Nicole e Dirceu.
Acervo da Família.

Quando penso neles, meu coração se aperta. Me emociono. Nem sempre estamos perto, mas sempre pertinho do coração. Muito mais do que o sangue que nos une, é a relação como família que nos mantém. É uma conexão que não tem explicação. ...Que Deus nos permita viver sempre assim.

ANTONINI

Altamir Antonini¹

No filme “A MISSÃO”, no final, o enviado do Papa diz: *“Eles estão mortos agora, mas seus espíritos ainda estão vivos na memória dos que ainda vivem.”*

A curiosidade sobre a origem de nosso nome é sempre um componente interrogativo que nos acompanha em toda a vida. Quem foram nossos antepassados? De onde vieram? Sua profissão? Por que vieram para o Brasil? Estas questões são partes de angústias que nos levam a buscar respostas em fontes disponíveis, as quais no caso *a priori*, eram nossos avós, tios, pais. Destes, certamente, o que mais contribuiu para com minhas curiosidades foi meu Pai. Quando surgia o assunto, até mesmo na roça “lavorando”, ele nos contava trechos das vivências da família de nossos avós, os quais em 1888 vieram da Itália. Ele, praticamente, se colocava como o protagonista da história e isso nos orgulhava como descendentes daqueles “heróis”.

Provavelmente as primeiras indagações que nos atordoam dizem respeito ao sobrenome da família. E é na escola primária, quando ali observamos os colegas com outros sobrenomes. Lembro-me de que na escola todos os Antonini orgulhavam-se deste quesito.

¹Professor Aposentado, especialista em Educação Ambiental e Aquicultura.

Procedência

Origem: A família Antonini da qual sou descendente chegou ao Brasil em 1888, vindos da Itália. Meu bisavô Antonio Domenico (11.06.1855), casado com Marina Franzin. Ele natural de Villanova e ela de Ciarano (Treviso). Com eles, veio meu avô Guido Luigi Antonini (19.09.1885), nascido na comunidade de Cessalto (Treviso); Giovanni Antonini, - 9 anos; Genoveffa Antonini - 8 anos; Cattarina Antonini - dois anos e; Francisco Antonini com 5 meses.

Este último eu conheci quando em 1962 nos visitou. Ele morava em Porto Alegre e já estava aposentado, era funcionário dos Correios.

Conforme registros do livro “Gênese da População de Jaguarí” (RS), foi em 14/09/1888 que se estabeleceram naquele distrito, na época pertencente ao município de General Vargas, na localidade denominada Linha Oito. Meu bisavô foi um dos imigrantes pioneiros que ali chegou cujo número de registro (de 1 a 8540) foi o 69. Os lotes eram de 25 hectares e recebiam ferramentas e sementes, pelo qual igualmente deveriam pagar com uma carência de 10 anos. Então aí, recebiam o título da propriedade.

Aspectos teóricos e motivadores

Há alguns anos, assistindo um documentário na TV Escola “Anita Garibaldi: Amores e Guerras”, envolvendo a vida de Ana de Jesus Ribeiro (Anita) e aspectos da Revolução Farroupilha, de Garibaldi e sua companheira, no final deparei-me com uma informação curiosa. Quando Anita embarcou, do Uruguai para a Itália com os filhos, enviados por Garibaldi a pedido de autoridades italianas, estes, lá foram recebidos pelos irmãos Antonini.

Claro que “estes Antonini” eram cidadãos entreverados no poder daquele país, daí a história registrar tal fato. Neste particular, penso que sentir alegria, um certo conforto emocional e elevação da autoestima, faz parte da condição do ser humano, sobretudo os que vivenciaram situações de vida miseráveis como a maioria dos imigrantes. Todavia, isto não significa que estes “pobres” eram parentes ou de mesma linhagem daqueles “abastados”. Na Itália, é comum encontrar o sobrenome Antonini em várias situações e condições como jogador de futebol, autoridades municipais, artistas (Gabriel Antonini) e, certamente, agricultores, pedreiros e até mafiosos, entre tantos.

Na verdade, nossos antepassados em linha direta eram pobríssimos. Lutavam pela sobrevivência e, por isso, para cá vieram trazendo consigo, além

do sonho de “*la cucanha*”, os conhecimentos lá adquiridos (agricultores). Hoje, sabemos que trabalhavam como agregados nas lavouras de arroz daquele país, na região de Cessalto (Treviso), Itália. O filme “Arroz Amargo” de 1949 aborda esta realidade da vida rural nesta região especialmente a exploração da mão de obra das mulheres.

Meu avô quando aqui chegou tinha três anos de idade e, seus pais, foram alocados na nova terra, na região de Jaguari (RS), adaptando-se a novas condições climáticas, sociais, etc.

A nova terra. No Brasil - Rio Grande do Sul – Jaguari



Minha bisavó Marina Franzin.

As inúmeras dificuldades para sobreviver como agricultores e produzir sem conhecimento das condições climáticas, a falta de assistência à saúde levaram os pais, Antonio e Marina, a empregarem o filho Guido com um casal da família Tolfo, igualmente vindos da Itália, com melhores condições. Meu avô praticamente foi criado pela nova família. Pouco frequentou escolas, apesar de ter aprendido como autodidata. Quando se casou e formou nova família recebeu uma boa ajuda para iniciar a luta pela vida. Sabe-se que nesta época meu avô teria em torno de 19 a 20 anos. Era um rapaz trabalhador. Com os seus “segundos pais” aprendeu vários ofícios (um pouco de tudo), o que na época era fundamental.

“Lidar” e identificar madeiras, saber escolher as melhores espécies para cada “serventia”; conhecer a qualidade da terra; domar cavalos e bois para aproveitá-los como força motriz; semear, cultivar e colher culturas que se adaptassem à região. O milho era importante pela utilidade como alimento humano e animal. A alfafa era uma das culturas que mais resultado apresentava (apesar das exigências do solo). Sua demanda era alta para o

consumo alimentar dos cavalos do Exército na região de Santa Maria.

Em 29 de março de 1905, casou-se com Elisa Botton, filha de Eugênio e Maria Botton também daquela comunidade. Ele tinha 19/20 anos e ela 18. Desta união nasceram Maria, Antonio, Eugenio, Pierina, Otília, Atílio, Gotarado, André, Orlando e Clementina: além destes filhos naturais o casal adotou e criou Isolina e Ernesto.

Em 1912 meu avô saiu de Jaguari, adquirindo terras (quatro colônias) na localidade de Linha Holanda. O vendedor destas glebas era um dinamarquês fundador da Vila Clara (Vigo Thompson), que adquiriu várias áreas de terras devolutas, demarcou-as em colônias e nominou-as em linhas: Linha Canoas, Linha Bonita, Linha Seca, Linha Sampaio, Linha Holanda.

Eram áreas bastante “dobradas”, pertencentes ao sistema Serra Geral. Normalmente com grande quantidade de rochas na superfície, o que dificultava as operações agrícolas. Neste local, pela abundância de rochas e cascalhos, alguns denominaram a região de Vinte Tiros “Pedregulho”. Uma grande percentagem do solo era de boa fertilidade, pois na época não existiam adubos químicos. O sistema de lavouras começava com a derrubada do mato virgem, a retirada das toras e madeiras de boa qualidade, enleivara-se o restante da vegetação e o fogo “limpava” o resto. Não é necessário dizer que as operações aqui eram todas no braço: machado, serrotes, foices, facões e “pescoço de bois”. As plantas mais cultivadas eram a cana-de-açúcar para fazer melado e cachaça (aguardente), milho para manter a família e os animais, feijão, alfafa e criação de animais como bois para o trabalho e suínos para carne e banha, aves (galinhas, angolistas e para o sustento).

Logo chegando à localidade, em uma bifurcação de caminhos (encruzilhada) próxima à confluência do arroio Vinte Tiros e o Lajeado Canoas, meu avô construiu sua moradia já pensando em seu comércio, mais tarde. Igualmente, instalou um alambique, derivando um canal do arroio cotado e, do qual, com uma roda de água fazia uma série de aproveitamento como “força”, inclusive para moer a cana. Junto a casa, instalou na parte da frente, um comércio de produtos procurados naqueles tempos: sal, querosene, banha, arroz e miudezas.

A casa da família

A casa foi construída seguindo um estilo da época –“enxaimé”. O construtor provavelmente foi um alemão, pois nesta localidade predominava esta etnia. O alicerce era de pedras irregulares e regulares obtidas no local, já que a formação sedimentar das rochas “grés” é muito abundante.

A existência de madeiras “de lei” como o louro, cedro, angico, ipê, cabreúva, guajuvira facilitou bastante as construções. Meu avô optou por um sistema de tijolos (de barro) alinhados por uma estrutura de madeira. Era uma casa grande com muitos quartos, cozinha, despensa, porão para os vinhos e as copas. Um salão enorme no centro para proteger os produtos adquiridos de outros produtores, tais como alfafa, milho, feijão, pois meu avô fornecia milho e alfafa ao prado e aos quarteis de Santa Maria (cavalaria). A casa tinha aberturas de madeira e cobertura de tabuinhas scandolae (estas lascadas e aplainadas), tudo manualmente.



Construída por meu avô Guido -1926/30.

Vale destacar que na época um produto que vendia facilmente era a cachaça. Como as terras de meu avô eram situadas nas partes altas (neste local existe um marco do sistema Carta Geral que demarcava o ponto mais alto da região). Esta condição permitia que a produção de canas-de-açúcar se estendesse inverno adentro, pois as canas não “azedavam” com as geadas. Em compensação, era necessário trabalhar em dias de garoa e frio no transporte e moagem de cana e a conseqüente produção de “pinga”. Meu pai contava estes “causos” e ficava um tanto contrariado, pois o trabalho era duro e sem

agasalho. Mais tarde, os produtos produzidos e revendidos eram transportados até Vila Clara (6,6 km) e posteriormente, de trem para as cidades como Santa Maria, Tupanciretã e São Pedro do Sul.

Serviço, colhendo “pra fora”

a) Trilhadeira a malacate

A maioria das pessoas que procedem do meio rural sabem o que é uma trilhadeira (estas tocadas a motor) e que surgiram por volta de 1940. Todavia, esta, a qual vou descrever, consistia num equipamento anterior ao surgimento do motor à combustão na região. O corpo da parte que realizava a trilha era semelhante, todavia a diferença ficava por conta do tipo de força que movimentava o sistema de trilha. O Malacate foi criado e era movido por “juntas de bois” ou parelhas, que treinados, faziam girar uma engrenagem disposta em uma roda de ferro instalada horizontalmente junto ao solo, uns dez metros do corpo da máquina principal. Um dispositivo de madeira (cambão), preso a esta roda e a outra extremidade na canga dos bois, quando estes, em movimento (circular), movimentavam o eixo cardã (rente ao solo), acionava o sistema da trilha principal. Detalhe: a trilha do produto e sua qualidade eram determinadas pela velocidade dos animais. “O condutor” dos bois deveria conhecer bem o seu trabalho. Era o que tinha de mais moderno para colher cereais: arroz, trigo, feijão, cevada. Este era um tipo de serviço desenvolvido pelos filhos mais velhos.

Contava meu pai que, às vezes, permaneciam de dois a três meses “longe de casa”, pois a presença no local trilhando, abria demanda para outros, em um campo (arroz). Aí eram procurados por outros e, assim, permaneciam fazendo um serviço que manualmente era muito cansativo e vagaroso. Normalmente, o cereal maduro era cortado com foicinhas e guardado em galpões, até chegar à máquina. Esclareço que tal ferramenta apenas debulhava ou trilhava. A limpeza do produto era feita separadamente por outro equipamento (ventilador).

b) Extrativismo: exploração de madeiras

Como sabemos o extrativismo é a mais antiga atividade de retirada da natureza de produtos vegetais ou animais. No caso dos Antonini, o objetivo era a retirada e o comércio de madeiras. A presença de uma linha Férrea passando pela Vila Clara, ligando Santa Maria a Jaguari e Santiago carecia de dormentes para a construção das estradas de ferro. A característica do solo e a

presença abundante de espécies como o angico vermelho (solos pedregosos) e outras permitia a retirada, o falquejamento e o transporte com carros de bois até o local de comércio. Igualmente, as toras para serrarias e desdobramentos em tábuas e posterior venda.

A prática de abater uma tora e retirá-la do mato exigia experiência e conhecimento no assunto. Utilizando-se de bois treinados e dispositivos especializados, exemplares eram obtidos de lugares de difícil acesso.

Se por um lado meu avô é destacado como um homem empreendedor, trabalhador, do ponto de vista humano não pode ser considerado uma pessoa de “bom trato”, especialmente para a família. Era um homem que selecionava os amigos próximos. Apesar de ser de “negócios” suas relações não passavam disso. Considerado respeitador das leis, prezando sempre pela “retidão”. No que diz respeito à família, sobretudo os filhos, eram tratados com muito rigor.

Pode ser considerado um homem pragmático, pois tudo em seus conceitos seriam feitos ou estimulados para o resultado, especialmente o econômico. Com relação às questões religiosas, não ia além de ajudar a igreja, quando podia e incentivar os filhos a participarem das missas e dos terços. Na construção da torre, que contemplava o sino da Capela Santo Antônio, ele, além de doar a madeira pronta, ajudou na construção.

c) Outra epopeia

De tantas experiências no transporte de produtos agrícolas, madeiras, pedras, uma que sempre meu pai contava (ouvi de meus tios, igualmente), foi uma jornada de mais ou menos 60 dias, conduzindo por meio da força de juntas de bois, um motor a vapor (máquinas a vapor), usadas para recalcar água de rios ou barragens nas lavouras de arroz. O fato se deu por volta de 1938, saindo este de Vila Clara, hoje município de Mata, até Cacequi, (divisa com Rosário do Sul) 110 km distante, em linha reta.

Meu avô contratou o serviço de um empresário arroteiro que adquirindo a máquina não dispunha de transporte até aquele local. Na época estava em construção a ponte férrea sobre o rio Toropi, em Vila Clara (inaugurada em 1942). Preparar o dispositivo que dispunha de rodados apenas para deslocamentos a curtas distâncias e suportar o peso do equipamento foi o primeiro desafio enfrentado. Foram necessários vários dias de preparação e adaptação. Um sistema de engate para puxar o equipamento e um dispositivo para freá-lo, quando necessário.

Oito juntas de bois foram escolhidas para a tarefa. Seis para deslocar

o “trambolho” rodando e, duas juntas e um carro de bois para levar, além de partes do motor, os mantimentos para a comitiva e o alimento dos bois e cavalos (milho em espiga, restolho). O relevo da região é relativamente plano, entretanto, para contornar rios e riachos era preciso buscar partes dobradas e aí precisava da força dos “cogotes”, “puxando parelho”.

Contando com muitas situações desagradáveis e imprevistas, ao cabo de 35 dias chegaram ao destino com a “encomenda”. É preciso entender que, neste período, poucas estradas existiam ligando diferentes regiões. À frente, e a cavalo, ia sempre um “experiente batedor” conhecedor da situação e que determinava o caminho a ser percorrido.

Fazer atalhos, cortar caminhos, enfrentar os imprevistos, tornaram-se frequentes no cotidiano da comitiva. Pousar em locais a ermo, em estâncias desconhecidas, enfrentar chuvas e intempéries fez parte desta aventura realizada por três irmãos (Eugenio, Atilio e Orlando). Meu pai tinha 14 anos. O retorno foi mais rápido, em 26 dias.

Personalidade dos avós paternos



Elisa Botton – minha avó paterna.

Apesar de ter convivido pouco com meu avô, pelos depoimentos de primos e pessoas mais próximas dele, destaco e valorizo seu tino comercial. Permanentemente buscando novidades para progredir. Criativo, trabalhador, homem de coragem, rude. Nunca alguém testemunhou pronunciando algo delicado a sua esposa Elisa. Essa sim era uma pessoa muito tranquila, carinhosa, entretanto, firme nos conselhos e educação dos filhos. Criou três filhos adotivos, além dos nove naturais. Outro dom que guardo nas lembranças de minha avó era de aconselhar-nos a não “caçar passarinhos”. Especialmente, algumas espécies (eram seus protegidos). Lavavam a roupa no riacho próximo,

ela e as vizinhas. Lá era comum a presença da “gurizada” (netos), brincando nos lugares seguros. Foi, provavelmente, aí que aprendi a primeira lição do que é a ambiência, para nós, humanos. Parte “das artes” da piazada era urinar na água. Percebendo o ato, nos reprendia, religiosamente: “Vocês não devem fazer isso! Estão fazendo “xixi” no colo de Nossa Senhora!” Mais tarde compreendi seu dogma. A mulher como mãe, tem mais consciência destes aspectos da natureza. Uma mulher protegendo a água.

Meu avô nunca se naturalizou brasileiro. Este fato o levou a sérios prejuízos financeiros na época do governo Getúlio. Vivíamos na época da guerra e das perseguições aos imigrantes italianos e alemães. Neste particular, as quatro colônias, adquiridas por ele e pagas, não tiveram efeito legal para a titulação, pois ele era “estrangeiro”. Meus tios mais velhos com extrema dificuldade negociaram com as autoridades da época e recompraram as áreas para prosseguir no trabalho de produção.

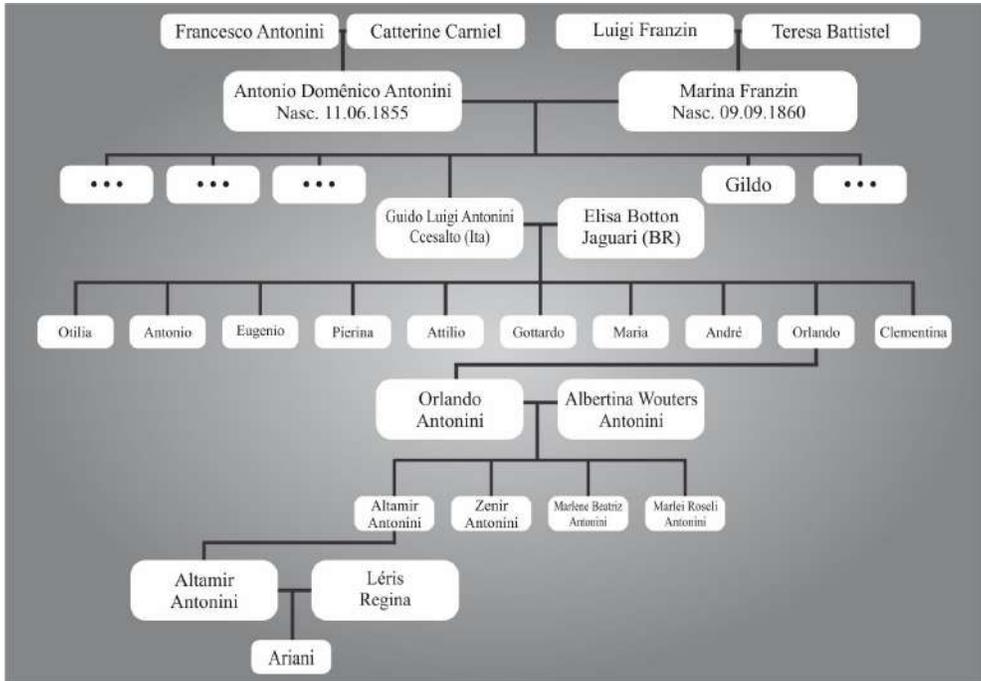
Desiludido, com o casamento em crise e em permanente atrito com os filhos, pois não admitia sua ingerência nos destinos dos negócios, retirou-se da família, para viver como viajante comercial.

Uma pequena carroça de duas rodas, um bom cavalo atrelado e com um estoque de produtos como roupas, chapéus, fumo, perfumes, botões, linhas, agulhas, faziam dele um vendedor ambulante na região de Tupanciretã. Duas das filhas, moradoras na região de Maurício Cardoso (RS), o acolheram em suas famílias. Nessa região desconhecida não deixou de realizar suas tarefas de “mascate”.

Segundo depoimentos de netos (Sadi, Milton, Chico, e outros) passava, às vezes, 15 dias viajando e pousando em casas de pessoas já conhecidas. Acabou adoecendo e, diante de um quadro complicado, faleceu com 82 anos em 1966. Está sepultado em Horizontina (RS).

Certa vez, o empresário Tito Ferrarri (pai de Fernando Ferrari), seu amigo, aconselhou-o a buscar a cidadania brasileira, pois com essa providência muitos dos entraves e transtornos comerciais seriam resolvidos. Ele simplesmente respondeu: “Eu sou um cidadão italiano, eu vim da Itália, não sou brasileiro!!!”. Assim era meu avô ativo e franco!

Genealogia



Meus Pais - Orlando e Albertina Antonini

Nascido em 1924 na Linha Holanda (Tupanciretã), meu pai era o quinto filho dos homens e o nono de toda a prole de meus avós. Frequentou até o 3º ano primário em uma época que não existiam cadernos ou livros. Era a lousa, o dispositivo para escrever e exercitar os conhecimentos. Uma espécie de “pedra”, mais ou menos quadrada, em que com o auxílio de outra pedra (mais mole) escreviam e anotavam seus estudos. Logo após, era necessário “apagar tudo” para escrever outras lições. Cedo, meu pai foi retirado da escola e, com pouca idade, foi ajudar nas lidas da família: no alambique (fábrica de cachaça), no transporte de madeiras para viação férrea, carrear longas distâncias acompanhando outros irmãos, trilhar com o equipamento a malacate, (movido a bois). Além disso, precisavam plantar e manter os tratos e culturas de lavouras para as diversas produções e criações de animais.

Meu pai aprendeu o ofício com meu avô e seus irmãos. E sua principal característica era “saber lidar” com os animais. Na doma ou treinamento dos

bois ou cavalos todos admiravam a “habilidade” com que ele conduzia os “bois novos” ou “potros”.

Um esporte que a família (os irmãos) participava era as carreiradas. Cada rapaz tinha seu “pingo” cuidado como se fosse hoje, um automóvel. Era a maneira de se deslocar a distâncias de 5, 10, 20 km. Todos tinham seus cavalos na estrebaria ou cocheira e tratados a milho e alfafa. Por vota de 1923, com a Coluna Prestes, havia um certo confisco para “arrebancar” cavalos de boa montaria. A saída, para não os entregá-los aos “piquetes” era mantê-los escondidos nos matos e nos galpões. A rapaziada posava no mato junto dos animais, para protegê-los. Indo para o exército, trabalhou no rancho. Por suas habilidades no esporte da bocha tinha alguns privilégios com os graduados.

Casou-se com Albertina Wouters, de origem Belga (idioma flamenco). Meu avô materno era neto de imigrante e na localidade foram proprietários de um salão de baile, mais tarde transformado na Sociedade Lanceiros Gaúcho Unido. Muito católico, doou o terreno para a construção da Igreja Santo Antônio e do Cemitério local. Foi nesta Capela que me batizei e fiz a primeira comunhão, além de frequentar por vários anos o curso primário, pois no local não existia escola.

Desta união tiveram seis filhos (dois mortos, João Antônio e Lelir), Altamir, Zenir, Marlene Beatriz e Marlei Roseli. Aos 27 anos de idade minha mãe faleceu e meu pai, sozinho, educou a mim e minhas irmãs. Eu, o mais velho, tinha apenas nove anos e a mais nova dois aninhos. O que dignifica meu pai neste aspecto é que ele nunca pensou em trazer outra pessoa para ser sua mulher. Ele, muitas vezes aconselhado, não aceitava tal condição.

Enfrentando sérias dificuldades financeiras em consequência das despesas de hospital onde minha mãe permaneceu internada, por semanas, sob os cuidados de uma junta médica na época não existia planos de saúde.

Na condição de comerciante (bolicho), no interior, decidiu voltar para suas terras, onde tudo começou. Voltamos a zero. E tudo ficou mais difícil. A escola para nós, crianças, que antes era ao lado da casa, agora se distanciava uns 4 km ou mais. A saída encontrada para a viabilidade da propriedade foi a de integrar um sistema de produção de fumo com a Companhia Souza Cruz.

O neto de Guido Luigi – Altamir



Orlando e Albertina Antonini – Meus pais – 1956.

Ao concluir o curso primário, meu pai levou-me para a cidade de São Pedro do Sul e, lá “parando” na casa de parentes (Lurdes e Aloncio), preparei-me para o exame de admissão ao ginásio. Antes de iniciar o ginásio, no colégio Tito Ferrari, recebi um convite para estudar em Júlio de Castilhos, em um centro de treinamento para filhos de agricultores. Lá, após concluir o treinamento, fui estimulado por professores a vir para Ijuí e cursar o Normal Rural (formação de professores rurais) no Instituto Municipal de Educação Rural Assis Brasil. Além deste, concluí o Colegial Agrícola, busquei formação superior na UNIJUÍ (Universidade do Noroeste do Rio Grande do Sul) e, na FEOSA (Faculdade de Engenharia Operacional de Santo Ângelo). Desempenhei a função de Professor no IMERAB por sete anos e, posteriormente, no Departamento Agro Técnico da COTRIJUÍ (Cooperativa Regional Triticola Serrana Ltda.), por mais 22 anos.

Casei-me em 1981 com Lérés Regina e, em 1985 nasceu a filha Ariani, a qual é mãe da Eduarda, nossa neta. Permaneço em Ijuí, como cidadão.

No colégio Assis Brasil fui professor no curso de Técnicos Agrícolas nas cadeiras de Desenho e Topografia, Irrigação e Drenagem e Agricultura. Na COTRIJUÍ, ingressei em 1981. Logo, fui destinado a gerente do Centro de Treinamento, CTC. O objetivo deste Centro era buscar soluções, criando e difundindo tecnologias agrícolas, mais adequadas e menos agressivas ao meio ambiente. Adaptar as pesquisas a realidade de nossos agricultores e suas

experiências. Igualmente, mais tarde, supervisor do programa de produção de peixes, na região. Foi neste período e graças a visão empreendedora dos dirigentes que, além de projetar e construir dois centros de pesquisas em reprodução de peixes, o setor deu perspectivas à atividade, estimulando um programa de produção e comercialização do pescado.

A partir de 1997 foi iniciado um trabalho junto a pescadores do rio Uruguai, no sentido de avaliar espécies nativas de peixes para a criação em açudes. Infelizmente, a cooperativa estava enfrentando uma crise financeira/administrativa e abandonou vários projetos.

Saí da COTRIJUI em 1998. Em 2000, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), realizei uma pós-graduação em educação ambiental, baseada no trabalho com os pescadores ribeirinhos, “Piracema” do rio Uruguai, deterioração do ambiente e pesca sustentável.

Sempre procurei honrar meu pai e minha mãe! Nunca esqueço e deixo esta menção a meus descendentes! Agradeço ao meu pai, porque me educou e foi o maior estimulador em meus estudos: “estude guri e seja um homem de bem”. Minha mãe, apesar de ter nos deixado cedo demais, insistiu em seus conselhos, os quais sigo até hoje.

De outra parte, registro o nome de uma pessoa de Ijuí, que muito prezo pela dedicação que me emprestou, quase como um filho seu. Aliás, foi ela que em 1981 adentrou a meu lado, na Natividade, no lugar de mãe, quando do meu casamento, Dona Amábile Montagner. O outro é o Dr. Rubens Ilgenfritz da Silva pela sua visão cooperativista e humana. Minha gratidão eterna!

A esposa Lérís

Eu e minha companheira e esposa Lérís nos conhecemos no IMERAB. Ela trabalhava na secretaria da Escola e eu como professor. Tendo realizado concurso público em 1981 como funcionária pública, trabalhou na Secretaria de Educação como assessora administrativa no setor de registro escolar. Formou-se em Pedagogia e, em 1984, licenciou-se pelo período de dois anos para juntos administarmos o Centro de Treinamento da COTRIJUI, em Augusto Pestana, onde residimos por três anos. Foi neste período (1985), que nasceu nossa filha Ariani. Hoje, após 37 anos, desempenha a função de coordenadora administrativa do Departamento do Compras, da prefeitura de Ijuí.

A filha Ariani formou-se em direito pela UNIJUÍ, reside em Toledo, no Paraná. É casada com o Engenheiro Eletricista Cesar Capinos, os quais são pais da única neta, a Eduarda Antonini Capinos.

Aposentado, no momento participo com minha esposa Lérís, sistematicamente, do Centro Cultural Regional Italiano. Inicialmente, no Grupo Bel Vívère e atualmente na diretoria do Centro (Conselho Fiscal). Entretanto, a filha Ariani, participou dos grupos de danças desde 1989.



Altamir e Lérís em frente a casa italiana.

Avalio hoje como de fundamental importância a existência do Centro como forma de manter, valorizar e comemorar nossas tradições. Aliás, o italiano é por natureza, mais gregário, associativo e comunitário. Na verdade somos parte de uma sociedade que busca, na condição de brasileiros, aprofundar conhecimentos a respeito de nossos antepassados numa dimensão contemporânea. “velhas lembranças em novas realidades”.

Por fim, preciso destacar o significado deste trabalho, bem como a liderança de pessoas determinadas para que estes relatos fossem efetuados.

Em 2016, o Centro Cultural Regional italiano de Ijuí – CCRI promoveu um Curso sobre Cultura e História da Itália (Mod.I) e durante as primeiras palestras o Professor Jaime Callai iniciou sua “fala” com o seguinte questionamento: “Quem somos nós?” Hoje, ao concluir este desafio, após muitas pesquisas e buscas por memórias, afirmo que o desafio de escrever a história de nossa família reforça nossa identidade como descendente de imigrantes que somos. De outra parte, vale destacar a importância de iniciativas deste tipo no sentido de conhecer nossa cultura e divulgá-la.

Infelizmente, hoje não podemos contar com aquela parte viva na memória das pessoas, já que esta foi ofuscada pela poeira do tempo ou enterrada com pessoas que não tiveram a oportunidade de repassar suas memórias a outras gerações. Tentei, assim, de forma imparcial e desinteressada, mas com orgulho, uma maneira de contribuir para a manutenção e divulgação de nossas memórias. Lamentavelmente, só agora nos damos conta de que esta prática deveria ter sido estimulada cedo, especialmente, por nossas escolas (formação inicial) a fim de resgatar e valorizar as memórias de família. Na verdade, as dificuldades da época eram tantas que voltar no tempo, lembrar os fatos significava, para muitos, ir ao encontro das lágrimas e das tristezas. “

O mundo do nosso passado é aquele no qual podemos buscar refúgio em nós mesmos. Nele construir nossa identidade e desvelar existências plenas” (Autor desconhecido).

BALDISSERA

Francisco Baldissera¹
Noeli Batista Baldissera²

O conhecimento do passado nos capacita a compreender melhor o presente e a descortinar com mais clareza o futuro. Visitar o passado, reconstruindo nossa história, ajuda-nos a obter uma visão mais objetiva, mais crítica do presente, de nossa existência atual, o que nos levará a superar uma possível concepção de que as coisas tenham sido sempre como são hoje. E isto se constituirá em fundamento para antevermos o futuro, as novas expressões de vida que importa construir, a exemplo do que ocorreu com o pioneirismo daqueles imigrantes. Impulsiona-nos a concluir a realização de velhos sonhos, a inaugurar novos rumos, a projetar novas metas.

A preservação da memória da família de Francisco Baldissera, além de ser expressão de gratidão para com os que nos antecederam na linha da vida, visa garantir aos descendentes a continuidade da prática dos valores dos antepassados, integrando todos para o mútuo conhecimento, amizade e união. Para unir é preciso amar. Para amar é preciso conhecer. Para conhecer é preciso ir ao encontro.

¹Francisco Baldissera é bisneto do imigrante Agostinho (Agostinino) Baldissera e Anna Fortunatta Feltracco, que se estabeleceu em Flores da Cunha (RS), neto do também imigrante Giuseppe Baldissera (Beppi Sassi) e Sabina Federle, que a partir de 1917 residiu em Machadinho, e filho de Felice Baldissera e Jacomina Lovato.

²Esposa de Francisco Baldissera.

Os Baldissera, que emigraram da Itália são muito numerosos e estão espalhados por diversos países da América do Sul, principalmente o Brasil. Estes estudos sobre os imigrantes Baldissera para o Brasil foram iniciados pelo emérito professor Rafael Baldissera, ex-Marista, que por três vezes visitou 12 famílias Baldissera que ainda vivem em Gemona del Friuli - a cidade dos Baldissera -, na Província de Údine, na Itália. Rafael foi filho de Luiz Pedro Baldissera, neto de Pietro Baldissera e Bisneto de Luigi Baldissera, imigrantes italianos que em 1887 chegaram à Quarta Colônia, em Silveira Martins, no Rio Grande do Sul.

A ascendência de Francisco Baldissera remonta ao seu bisavô Agostinino (Agostinho) Baldissera (44 anos) e Anna Fortunatta Feltracco, vindos de Maser, Província de Treviso – Itália. A razão de terem emigrado para o Brasil, conforme relato de Giuseppe para Felice, e deste para Francisco foi uma forte tempestade que assolou a região onde habitavam. Isto ocasionou a destruição das lavouras, dos currais, perda do gado, e conseqüentemente do alimento que teriam para si e para os animais. Diante de tal catástrofe, o proprietário reuniu as doze famílias que para ele trabalhavam, e sugeriu que metade delas, por consenso, decidissem quem ficaria e quem iria para as Américas. Assim, Agostinino e sua família resolveram emigrar para o Brasil após o mês de julho de 1888. Ao chegarem no Rio Grande do Sul, se estabeleceram nos lotes nº 26 e 28, adquirido de Santos Susela, da antiga Colônia Caxias, hoje município de Flores da Cunha, na 14ª Légua, no Travessão Riachuelo. O lote nº 26 com 176.000 b², ao custo de 2 réis a b² (braça quadrada), foi quitado em 1903. Em 1904, Agostinho quitou o lote nº 28, com área de 302.000 b², ao custo de 2 réis a b².

Agostinho (Agostinino) Baldissera e Anna Fortunatta Feltracco tiveram dez filhos: Angela, Teresa, Giuseppe Valentino Baldissera (pai de Felice Baldissera e avô de Francisco), Valentino, Albina Giovanna, Enrico, Maria, Albina, Ricardo e Virginia.

O avô de Francisco era Giuseppe Valentino Baldissera. Ele nasceu em Assolo, Província de Treviso, Itália. Giuseppe (Jose) era conhecido também por Beppi Sassi. Emigrou para o Brasil, com seus pais Agostinho Baldissera e Anna Feltracco, com a idade de dez anos. De início, provavelmente moraram no Travessão Riachuelo, 14ª Légua, comunidade Monte Bérico, atual município de Flores da Cunha.

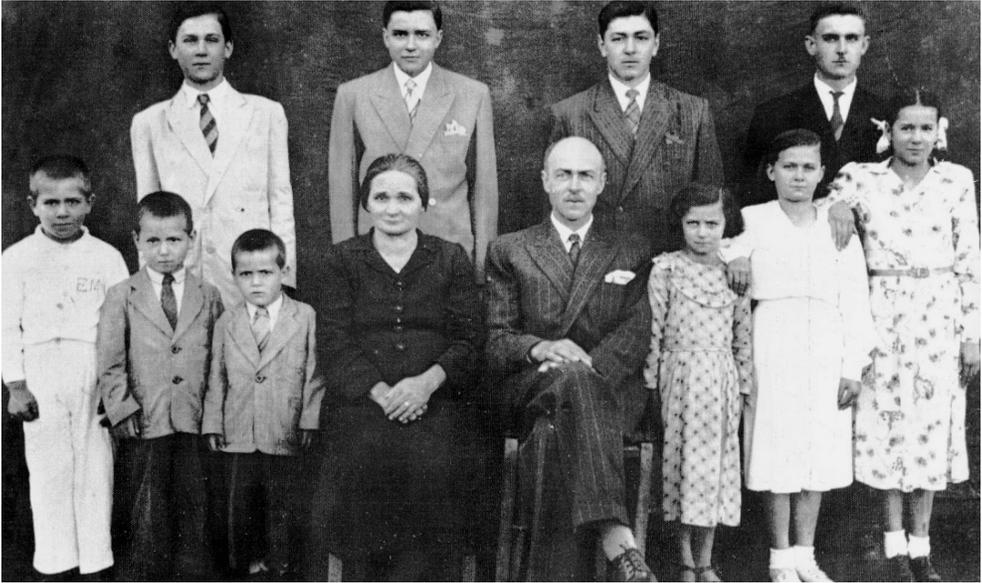
Giuseppe Baldissera casou com Sabina Fêderle, também nascida em Asolo, Província de Treviso – Itália e residiram em Flores da Cunha. Tiveram 12 filhos (sete homens e cinco mulheres). Pela ordem de idade: Felice, Olga, Fortunata, Ignácio, Augusto, Verônica, Angelim, Ulisses, Érico, Afonso, Regina e Teresinha.

Em 1904 mudaram para Agudo, atual município de Criúva – RS. Em 03/05/1917 junto com outras famílias italianas foram para o Pinhal do Machado, onde fundaram a Capela Santa Catarina - Polo e Capela São Caetano - Baldissera. Ali residiram até o final de suas vidas. Em 30/11/1957 Machado se emancipou.

Os pais de Francisco eram Felice Baldissera e Jacomina Lovato

Felice nasceu em 30/08/1904 e faleceu em 22/06/1993 com 89 anos, na cidade de Machado-RS. Teve apenas 15 dias de aula, mas escrevia e calculava com maestria. Era agricultor, alfaiate renomado, músico de Banda, onde tocava Clarinete. Também era Cantor Sacro. Dominava tanto o dialeto vênето como a língua portuguesa.

Sua mãe, Jacomina, descendente das famílias Lovato e Dal Mollin, nasceu em 16/09/1903 e faleceu em 26/12/1982 com 79 anos, na cidade de Machado-RS. Dotada de grande mediunidade, analfabeta, agricultora, dona de casa, Jacomina falava o dialeto vênето italiano e pouco português. Criaram dez filhos: Vitório casado com Rosa Zeni (10 filhos e 19 netos); Donato com Ines Luzia Biavatti (6 filhos e 9 netos), Moisés com Rosalina Vargas (6 filhos e 7 netos), Guilherme com Jurema Baldissera (3 filhas e 4 netos), Donathila com Ary F. Kirchoff (3 filhos e 5 netos), Domingas com Valentin Fortunati (7 filhos e 14 netos); Frei Manoel, Laurentina com Elidio Adami (5 filhas e 7 netos); Florêncio com Saleth M. Bruschi Meassi (3 filhos e 2 netos) e Francisco com Noeli Pitthan Batista (3 filhas e 5 netos). Nove filhos nasceram na Comunidade de S. Caetano, onde se encontra o jazigo de seus pais Giuseppe e Sabina. Francisco, o caçula, nasceu na nova propriedade em Machado. Era uma casa típica italiana, sobrado com porão de pedra. Na década de 60 foi totalmente consumida pelo fogo, originário do cano do fogão de lenha. Pela excelência de suas atividades comunitárias, os nonos receberam mais utensílios do que perderam. Até hoje, como lembrança de sua mãe Jacomina, Francisco guarda com devoção a medalha do Apostolado da Oração, encontrada entre as cinzas do sinistro.



Manoel (Frei), Florêncio, Francisco, Jacomina (mãe), Felice (pai), Laurentina, Domingas, Donathila, Guilherme, Moisés, Donato e Vitória.

A família de Felice e Jacomina Baldissera viveu em Machadinho desde 1917, onde atuaram com destaque na comunidade, sendo fundadores de Capelas. O “Nôno Felice” foi o primeiro representante do tradicional “Correio Rio-grandense” de Caxias do Sul em Machadinho, e assim permaneceu por muitos anos. Ajudava a todos no combate aos formigueiros, que na época eram muitos e devastadores. Sua propriedade era composta por três terrenos e uma casinha humilde de madeira, próximo da Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário. Dona Jacomina queria ficar perto da Igreja para participar das celebrações religiosas e do Santo Terço, que era tradição. Dali ouvia o chamado dos sinos para os ofícios da Santa Missa, falecimentos, e avisos especiais.

Frei Manoel – Guia Espiritual

Ter um filho sacerdote, era o sonho de toda família italiana. Na família de Francisco não foi diferente. Manoel, Florêncio e Francisco foram para o Seminário. Destes, somente um se tornou sacerdote, na Ordem dos Frades Menores Capuchinhos: Frei Manoel.



Ordenação Sacerdotal de Frei Manoel. Irmãos e cunhados: Guilherme e Jurema, Moysés e Rosalina, Florêncio e Saleth, Vitório e Rosa, Francisco, Felice, Manoel e Jacomina, Elidio e Laurentina, Valentin e Domingas, Ari e Donathila, Donato e Ines.

Felice e Jacomina foram abençoados com este presente de Deus. No dia 15/12/1968 acompanharam, com os familiares e a comunidade de Machadinho e arredores, a Primeira Missa Solene de Frei Manoel na Igreja N. S^a. do Rosário, onde fora batizado. Para Francisco, Noeli, e toda a família, Frei Manoel sempre foi e continua sendo um referencial de fé e seguimento da vocação. Com seu carisma, determinação e encorajamento participou dos momentos tristes e felizes da família Baldissera.

2018 – Bodas de Ouro de Sacerdócio. Reconhecendo o trabalho destes 50 anos, cada comunidade onde ele atuou, de sul ao norte do Brasil, o homenagearam em grande estilo, inclusive em Ijuí, onde foi Pároco na Matriz de São Geraldo.

Resta almejar que sejam muitas as pessoas que leiam e releiam este belo relato sobre a descendência de Felice e Jacomina. Que se emocionem com as lembranças de um estilo de vida que já não existe. Tenham sentimentos de gratidão por tudo o que deles receberam, se motivem a cultivar os valores de amor ao trabalho, de responsabilidade para com seus deveres, de amor e dedicação à família, de participação na vida da comunidade, sobre os quais Felice Baldissera deu exemplo.

Francisco nasceu em 21/08/1946 em Machadinho. Muito minguido,

entre a vida e a morte, foi socorrido pela renomada parteira e curandeira D. Amélia. Por dez dias ela fazia um emplasto com palhas de amiã (*rampeguina*), colhidas fresca na roça, mais uma dúzia de ovos frescos e nele envolvia o Chiquinho. Diariamente, com banhos em água quente e fria, o enfaixava neste emplasto. Somados a isso, a fé, a oração e o cuidado da família o salvaram. Hoje, com 73 anos, continua ativo no CECRI, dando testemunho dos valores adquiridos em sua família, que são herança para seus descendentes e todos que têm a alegria de com ele conviver.

Sua trajetória demonstra um caminho de fé, humildade e honestidade. Já batizado, foi crismado em 09/03/1947 e fez a comunhão em 25/10/1953. Em Machadinho, de 1955 a 57, estudou no Colégio das Irmãs Franciscanas, hoje E. E. Castro Alves. Foi Coroinha das missas em latim. Até doze anos conviveu na colônia com seus irmãos. O lazer aos domingos, depois da missa, era brincar com bola de bexiga de porco, trator e carrinho de carretel de linha, bicicleta de pau, bolinha de gude de barro, bodoque, peteca de palha de milho com penas de aves. Muito cedo ajudava no trabalho da roça, chiqueirão, curral, aviário, pomar, apicultura e horta. Tudo era feito em casa, desde a banha até o sabão. Se comprava apenas o básico: sal, soda, açúcar e fermento para doces caseiros. Na roça, com um cesto de vime ou taquara (*cesteleta*), tinha a tarefa de tirar os inços, e no final do dia o pai Felice ia conferir o trabalho. A educação era muito severa, e a surra de cinta ou relho era frequente.

Em 1958, ingressou no internato da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, iniciando seus estudos no Seminário de Vila Flores. Ali o tempo era dividido entre as tarefas escolares, religiosas (catecismo, missa, terço e ofício) e trabalhos domésticos. Grupos eram responsáveis pelo aviário, pocilga, horta, faxina, lenha, jardim, curral, pomar, reflorestamento e roça. Os esportes eram o futebol normal (11x11) e o comum (4 goleiros, várias bolas e dois times), caçador, vôlei e espiribol. De 1960 a 1963, cursou o ginásio no Seminário Seráfico São José, em Veranópolis. Tocou bombardino na Banda de Sopro e violão na Orquestra. Em 1964 cursou o Científico e o Clássico no Seminário N. S^a de Fátima, em Vila Ipê – Vacaria, onde atuou como Vice-Decano. Em 1966 iniciou o Noviciado (ano de oração, retiro, ofício matutino em Latim, celebrações, estudo da Ordem dos Franciscanos, Canto Coral (barítono/baixo) e músicas religiosas), além do trabalho de horta, pomar e roça. Em 1967 foi para o Seminário de Marau concluir o Segundo Grau. Eram muitas disciplinas (Português, Caligrafia, Inglês, Francês, Latim, Grego, Espanhol, Italiano, Religião, História, Geografia, Aritmética e Matemática (uso de cálculos manuais), Ciências, Desenho, Canto Orfeônico, Música, Trabalhos Manuais,

Educação Física, Organização Social e Política, Orientação Educacional e Liturgia. Em 1968 foi para o Seminário São Geraldo, em Ijuí. Na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí – FIDENE, cursou Filosofia. No final desse ano saiu do Seminário, sendo dispensado dos votos temporários de religioso. Transferiu-se para o curso de Matemática e Ciências Físicas e Biológicas na mesma instituição, onde se formou em 1969, já atuando como auxiliar de escritório na COTRIJUÍ.

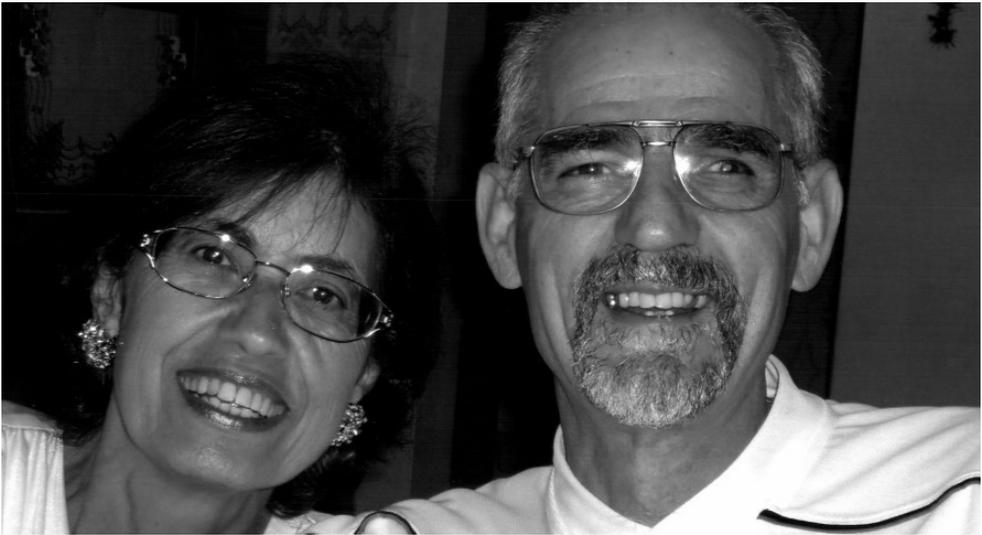
Formado em Biologia, pela UNIJUÍ, no período de 1970 a 1975 foi professor de Química, Ciências e Biologia. Atuou no ensino fundamental e médio nas escolas da rede estadual Antônio Sepp e Annes Dias (Cruz Alta) e Ruizinho e Ruyzão (Ijuí). Em Ijuí foi Professor do Colégio Evangélico Augusto Pestana e Colégio Sagrado Coração de Jesus, onde fundou a Escola de Pais do Brasil e atuou na direção da APM.

Em 1975, exonerou-se do magistério e ingressou na área comercial da Regional Data–Centro de Processamento de Dados, incorporada a COTRIJUI em 1977. Ali permaneceu gerenciando o Departamento de Serviços Gerais até 1986.

No período de 1974 a 1986, já casado, e morando em Ijuí, Francisco e sua esposa oportunizaram a vinda de 7 sobrinhos, filhos de seus irmãos Moisés, Donato e Vitório. A busca de estudo e trabalho foram seus objetivos. Destes, cinco famílias constituídas, aqui permanecem e participam de eventos da Etnia.

Em 1987/88 ingressou no Curso de Agronomia da UNIJUI, o qual foi interrompido para assumir suas funções na ANEW – multinacional japonesa no ramo de suplementos alimentares. Atuando como autônomo, pela sua pontuação passou a gerenciar a filial de Ijuí, e foi responsável pela expansão da empresa no RS, SC e PR. Ali permaneceu até se aposentar em 2002.

Em 11 de dezembro de 1971 casou com Noeli Pitthan Batista, nascida em Ijuí no dia 19/12/1947, filha de Abilio Pitthan da Silva e Nivercina Batista Pitthan (hoje com 98 anos) passando a assinar-se Noeli Batista Baldissera. O casal Francisco e Noeli está próximo a comemorar suas Bodas de Ouro. Formada pela UNIJUÍ em Estudos Sociais, Geografia e Pedagogia, sua esposa atuou nas escolas públicas e particulares de Ijuí, no ensino Fundamental, Médio e Superior. Supervisora da 36ªCRE por 10 anos, hoje professora aposentada, se dedica aos trabalhos culturais do município, fazendo parte da Equipe Cultural da União das Etnias de Ijuí – UETI, há oito anos, e conselheira do CODEMI – Conselho Municipal de Desenvolvimento de Ijuí.



Francisco e Noeli (Pitthan) Batista Baldissera.

Francisco Baldissera é um dos fundadores do Centro Cultural Regional Italiano de Ijuí – CECRI, presente desde a primeira ata de sua organização. Sempre disponível e atuante, desde 1987 acompanhou as filhas Tassiara (14/08/1975) e Taísa (24/12/1976), que foram componentes do primeiro grupo de Danças e Canto da Etnia. Participa das diversas atividades que envolvem os italianos, principalmente no setor cultural, onde se dedica à música e ao canto, características marcantes deste povo e de sua vivência familiar através de cantorias e filós com os vizinhos.



Francisco e Noeli Baldissera – Julho de 2019.

O casal Francisco e Noeli tem grande atuação no Centro Cultural Regional Italiano, desde sua origem. Nestes mais de trinta anos participaram de diversas coordenações, como Cantina dei Noni, Festitália, Filó das Comunidades, Encontro de Corais Italianos, Direção Cultural do CECRI (Grupos de Dança e Canto), Missas Italianas, Desfiles, Jantares e todo tipo de promoção. Com destaque na gastronomia, hoje contamos com a participação efetiva do sobrinho Félex Antonio Baldissera, que veio para Ijuí, morar com seus tios Francisco e Noeli, no final de 1973. Momentos de grande alegria e imensa tristeza foram compartilhados pelos três: o nascimento e a morte da primeira filha do casal, Tassiana (01 a 14/01/1974).

A neta Assuscena Baldissera Heck é o futuro que se faz presente. Desde bebê foi mascote do Bel Vívère. Menininha dançava nos grupos infantis, e há três anos é dançarina do Grupo de Danças Pimpinelli, o que para ela é uma forma de manter a cultura italiana herdada de seus avós.



Grupo de Canto “Bel Vívère” - 2019

Ao longo de sua vida foi componente, coordenador e/ou fundador de grupos de trabalho, esporte e música. Destaque para o Coral Infantil N. S^a da Penha, Coral Sta. Cecília, Coral Municipal e de Câmara de Ijuí, “Vocal Cantare”, Vocal-Instrumental “Eco d’Itália”, Coral Reflexos de Deus, Coral Masculino “Viva Voz”, Coro Masculino Monte Carlo (Caxias do Sul), Coral Misto N. S^a Caravagio (Farroupilha) e há 20 anos no Grupo de Canto “Bel Vivere”, do qual foi coordenador até 2016. Naquele ano o inconfundível barítono/baixo deixou de se ouvir devido ao câncer de esôfago, continuando em tratamento com grande esperança de recuperar sua voz. Dedicção e esforço são marcas indeléveis que o levam a acompanhar os grupos com seu violão. Presença reconhecida, dominando fluentemente o dialeto vêneto, é referência da autenticidade italiana.



Haran(neto), Sanchae(genro), Haian(neto), Tassiara(filha), Valmor(genro), Taísa(filha), Assuscena(neta), Nivercina(sogra), Noeli, Francisco, Hanaitã e Gabriel (netos).

Além do “Bel Vivere”, se dedica aos grupos de Canto das Igrejas locais Nossa Senhora da Natividade, São Geraldo e Santa Rita de Cássia. Aposentado, continua apaixonado pelo cultivo prático da flora (horta, jardim e nativas) e pela música, tendo invejável acervo de fita K7, CDs, vídeos, centenas de partituras e letras de sua trajetória musical.

O casal tem duas filhas e cinco netos: Tassiara Baldissera Camatti (Hanaitã, Haran e Haian) e Taísa Batista Baldissera (Assuscena Baldissera Heck e Gabriel Baldissera Steurer).

“Ritornemo al passato ricordato, de tante cose dimentegate, non abere nostalgia de niente, e non tenere amato e niente nella vita!” (“Retornemos ao passado lembrando, de tantas coisas esquecidas, não ter saudade de nada, não ter amado é não ter nada na vida!”) Francisco Baldissera.

BARRIQUELLO

Teresinha Barriquello Pinto¹

A primeira explicação da origem do nome é que seria uma derivação de Barricella, que é de origem toponímica, vinculado ao lugar onde o portador original viveu ou possuiu terra. Barricella é uma comuna da Província de Bolonha. Outra explicação é de origem profissional, derivado do trabalho ou profissão do portador original. Segundo uma autoridade em sobrenomes italianos, Barcella e Barchetto podem estar vinculados aos que trabalharam com barco pequeno ou escaler. Seriam variantes do sobrenome Barricella: Baricelli, Barcella, Barisella e Bariselli. Documentos registram que Pietro Bariselli foi registrado como patriarca da família em 1273. Giovanni Barisello foi conselheiro de Parma em 1260. Um Barriquello de Santa Maria ficou alguns meses na Itália pesquisando a origem da família e diz que encontrou um castelo Barichello, comuna na Riese Pio X, Treviso. Acreditamos que nossos antepassados que vieram ao Rio Grande do Sul tenham origem na agricultura e na construção civil.

¹Professora do Departamento de Humanidades e Educação UNIJUI.

Razões para a vinda ao Brasil

Não sabemos exatamente o que motivou nossos antepassados virem ao Brasil, mas queremos acreditar que...

“como é bonito, aqui, constar que, para este êxodo, que estava tomando cada vez proporções maiores, os “contadini” (aqueles que, na Itália, trabalhavam em terras de condes e duques) não foram arrastados ou induzidos por ambições materialistas, pela cobiça de outro e outras, como se deu em outras partes; também não vieram como degredados ou foragidos da justiça, nem perseguidos pela polícia ou indesejáveis que precisavam furtar-se dos olhares ou esconder-se da opinião pública; não vieram formar ponta-de-lança para países imperialistas e, menos ainda, vieram amarrados com grilhões no fundo dos porões de navios negreiros. O movimento em toda sua simplicidade pitoresca tomava um aspecto de empresa cristã e patriótica, nobre e gloriosa, como se fato fosse inspirada pela Divina Providência” (Busanello.).

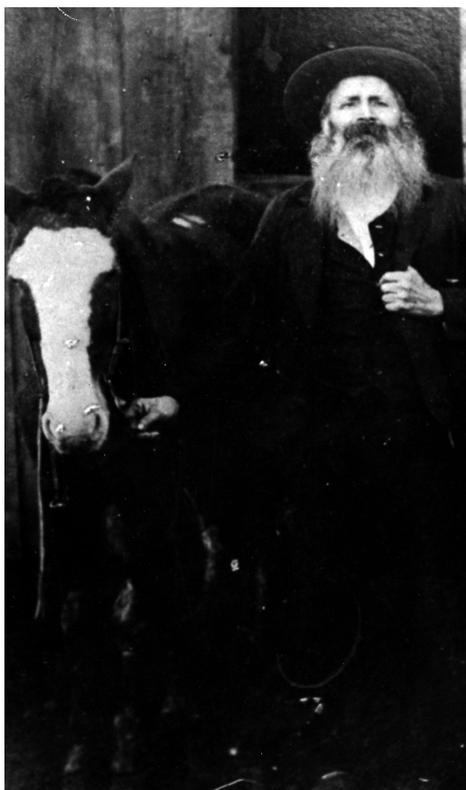
De outro lado, a situação da Itália nos anos de 1870 era de fato alarmante, a alta densidade da população, as terras escassíssimas, a carestia geral. As notícias de que um país da América do Sul, do continente novo, querendo colonizar vastas extensões de terra muito férteis, convidava todos os agricultores que quisessem partir para lá, foram motivadoras. Mandariam navios e passagens gratuitas. Dizia-se também que “o clima era igual ao da Itália e não tinha neve, e o céu era ainda mais estrelado ostentando um belíssimo cruzeiro no firmamento” (Busanello).

Os “piovan”, curas, das igrejas católicas, motivavam e encorajavam seus paroquianos:

As raízes: até onde as alcançamos

A memória histórica em nossa família foi muito pouco cultivada. É, pois, nosso objetivo buscar dados, organizar o já pesquisado e publicado, mas procurando fazê-lo de maneira prazerosa para que nossa história faça mais sentido nos dias de hoje, passados 135 anos da chegada do primeiro antepassado italiano em terras gaúchas. É um texto para as novas gerações de Barriquellos.

Para a pesquisa fizemos um recorte e a direcionamos em torno de Décio Barriquello (primeiro presidente, eleito, da etnia italiana em Ijuí), desde seus bisavós Benedetto (Benedito) e Philomena; Gerolamo (Gerônimo) e Ursula, seus avós, pais, esposa, irmãos, sobrinhos, filhos, netos e bisnetos.



Benedetto Barichello.

- Antepassados, mais antigos, que vieram da Itália:

1- Benedetto (Benedito) Barichello nascido em 1848 em Castel di Godego, província de Treviso, casado com Philomena Giacometti (Jacometti). Chegaram ao Rio de Janeiro pelo vapor “Cenísio” em 29/12/1884, com 6 filhos nascidos na Itália: Angelo, Santo, Beniamino, Verginia, Casemiro Augusto e Clementina. Fortunato Aloisie nasceu na viagem, na costa da Espanha. Instalaram-se em Silveira Martins onde nasceram as filhas Ernesta Vitalina e Maria Josefina. Benedetto casou-se em segundas núpcias com Rosa Conte.

2- Girolamo (Geronymo) Clarino (45 anos) e Ursula Denardo (46 anos) ambos nascidos na Província

de Udine, vieram para o Brasil em 12/04/1897, com três filhos: Giovanni, Maria e Thereza. Chegaram a Porto Alegre, reembarcados do Rio de Janeiro no vapor “Itapacy”, instalando-se em Silveira Martins.

3- Beniamino Barrichell, filho de Benedito e Philomena casa-se com Maria Denardo Clarino, filha de Girolamo e Ursula em 24/02/1900 em Ijuí. São pais de Olinto Carlos Barichel (grafia que consta na certidão de nascimento) e avós de Décio Barriquello.

Em “**A Presença Italiana em Ijuí**” de Danilo Lazzarotto encontramos na seção, Italianos na Sede, que os descendentes da etnia italiana demoraram a se localizar no centro urbano de Ijuí. A documentação informa a data em que o lote foi requerido, mas não quando foi ocupado. Consta no referido estudo que em 1895, Geronymo Clarino, requereu os lotes 219 e 318. Ainda, segundo Lazzarotto (p.39), Geronymo teria sido “[...] talvez, o primeiro e o mais afamado construtor dos primeiros tempo”.



Benjamin Barichello.

Benjamino (Benjamin) Barichello, nascido em 04/7/1874 e falecido em 08/7/1947 em Ijuí e Maria Sabina Clarino, nascida em 20/09/1880, na província de Udine na Itália, falecida em 21/3/1953 em Ijuí, casaram em Ijuí, em 24/02/1902 na Igreja Nossa Senhora da Natividade. Benjamin, seus pais e irmãos depois do desembarque no porto de Rio Grande deslocaram-se para a 4ª Colônia, Silveira Martins, onde tiveram um período de adaptação. Tiveram os filhos: a) Amábile casada com Olintho Miron; b) Helena casada com Osvaldo Pizutti; c) Alfredo faleceu jovem e solteiro; d) Olintho Carlos casado com Maria Burtett; e) João casado com Érica Andriolo; f) Ernesta casada com Albino Kunde; g) Irma casada com José Wender; h) Olga casada com Adolfo Nehring, falecida em 2018 (com 101 anos, lúcida e ainda lendo jornal);

i) Tereza casada com Willy Messner; j) Olmiro Alberto casado com Vilma Giesich; l) Angelino (Angelin) casado com Vilma Desbessel e m) Cibila Ema casada com Paulo Rocha (1ª) e Ricardo Bilibio (2ª).

Olintho Carlos Barrichel e Maria Burtett

Nos debruçamos aqui em torno de Olintho Carlos Barrichel (Barriquello) e Maria (Marieta) Burtett.

Olintho Carlos Barrichel (Barriquello) o quarto filho de Beniamimi (Benjamini/Benjamin) nasceu em Ijuí no dia 01/12/1902 às 4 horas, em casa. Casou-se com Maria Burtett, nascida em Caxias do Sul, 4ª Légua, em 05/08/1905. O casamento, em Ijuí, ocorreu em 19/06/1926 conforme consta no Registro Civil de Ijuí, no livro B20, fls.78, sob nº 59.

Maria (Marieta) é filha de Domingos Burtet, nascido na província de

Belluno, Itália, em 30/01/1875 tendo, ele, vindo ao Brasil em 1884/85 com 10 anos, acompanhando os pais e os irmãos Celeste, Pedro, José e Jacomina. Domingos faleceu em 21/11/1927, e de Carlota Strapazon nascida na Quarta Légua, em Caxias do Sul, em 09/04/1877 e falecida em Ijuí em 20/03/1978



Olintho Carlos Barrichel.

com 100 anos de idade. Olintho faleceu em 14/4/1964 e Maria em 23/05/1995, ambos em Ijuí.

Olintho foi pedreiro e ajudou a construir inúmeras casas na cidade, incluindo a sua à Av. 21 de abril. Também ajudou na construção do Quartel de São Luiz Gonzaga onde seu tio Giovanni Clarino era o construtor chefe. Foi depois, por muitos anos, comerciante na Rua 19 de outubro, esquina com a Av. 21 de abril. Essa casa de comércio foi, por muitos anos, ponto de encontro de amigos e parentes que vinham de Augusto Pestana, Joia e Tupaciretã, para comprar em Ijuí. Maria afora os cuidados com a casa e os filhos auxiliava no trabalho do armazém dos Barriquello. Olintho e Maria tiveram seis filhos, todos nascidos em Ijuí.

1- Darcy Barrichel, nascido em Ijuí no dia 18/09/1926, solteiro, falecido em 20/02/1976. Darcy, quando pequeno, teve uma febre muito forte ocasionando problema em seu desenvolvimento físico-mental, na época chamavam de meningite. Era muito nervoso, dependente da mãe, mas também muito carinhoso. O pouco que falava foi, em muito, em razão do esforço em ensiná-lo pelo amigo da família, compadre e vizinho João Strapazon. Dava a todos apelidos, às vezes mais difíceis de pronunciar que o nome. Lembramos de Niquitinha para o Sady Strapazon, Neginha para a Teresinha, entre outros.



Décio e Cléria.

2- Décio Barriquello (o primeiro com esse sobrenome) nascido no dia 09/12/1928, empresário aposentado, casado com Cléria Marichen Wesendonk no dia 26/06/1934. Décio e Cléria tiveram uma vida social muito intensa. Ela, por vários anos, foi eleita uma das mais elegantes da cidade. No Correio Serrano de 30/11/1968 encontramos: “Seu encanto, sua imensa simpatia e charme pessoal, associado ao seu bom gosto no vestir determinaram, o seu aparecimento entre as Dez mais Elegantes”.

Décio, por sua vez, em 1959 foi eleito o vereador mais votado da cidade com 751 votos entre os 5.980 votos do Partido Trabalhista Brasileiro. Sempre participante da política, além de vereador foi também sub-prefeito do distrito-sede nos governos de Orlando Burmann, Wanderley Burmann e na primeira gestão de Waldir Heck. Teve seu nome dado ao Ginásio de Esportes do Bairro São José.

Amigo do ex-presidente João Goulart, foi visitá-lo várias vezes (com Orlando Burmann e Pedro Rodrigues) em sua fazenda em São Borja, quando os aguardava com uma ovelha assada. Foi também, com uma comitiva de Ijuí, em seu enterro. Janguista e Brizolista teve sua vida política pautada pelas bandeiras do então PTB. Foi sócio da Firma Samrsla & Cia Ltda por muitos anos. Dono da existência dos hotéis Ijuí e Familiar (esse com seu tio Antônio Burtett). Nesse empreendimento sua esposa Cléria teve participação ativa, planejando e administrando as cozinhas. Foi um dos fundadores e diretores da Rádio Progresso de Ijuí desde sua inauguração e por mais ou menos 30 anos. Nessa época, a rádio além de notícias e futebol era um veículo cultural trazendo para Ijuí grupos musicais e cantores do centro do país como: Cantores de Ébano, Wanderley Cardoso, Os Velhinhos Transviados, The Jordans, entre

outros. Por conta do trabalho na rádio, foi preso, juntamente com Ary Bogger no dia 14/4/1964 (dia do enterro do seu pai Olintho). Foi o primeiro festeiro a arrecadar fundos para a construção da Igreja Nossa Senhora da Natividade e seguiu-se outras vezes, sendo também Presidente do Conselho. Foi também festeiro da Igreja São Geraldo.

Sempre prontos a participar de empreendimentos da comunidade, Décio e Cléria, participaram da criação do Centro Cultural Regional Italiano de Ijuí e foram eleitos o primeiro casal presidente do Centro, no período 1987/1988, após uma diretoria provisória. Em 1987 teve início a construção da cantina e da Casa dei Taliani e, com a participação de muitos, foi inaugurada em 10/10/1987 com a presença do cônsul geral da Itália, em Porto Alegre, Vittorino Rotandaro. Durante vários anos tiveram presença ativa na vida do Centro. Nos anos de 2013 e 2014 no desfile das etnias o casal, coroado, representou a nobreza italiana, desfilando em carro aberto numa homenagem ao trabalho realizado.

Têm três filhos: a) Grácia Maria Hocevar, nascida em 30/08/53, professora, casada com Roberto Hocevar nascido em 07/03/1950, médico. Têm duas filhas: Flávia Hocevar, nascida em 19/07/78, designer e Maria Alice Hocevar, nascida em 07/01/1984, arquiteta que tem um filho, Lorenzo Hocevar Schaan, nascido em 02/04/2010- bisneto de Décio Barriquello. A família mora em Porto Alegre;

b) Décio Luiz Barriquello, nascido em 7/6/1955, engenheiro civil e de segurança do trabalho casado e divorciado de Denise Scarton, nascida em 14/06/1963. Tem duas filhas: Giordana Scarton Barriquello, nascida em 24/11/1989, estudante de design de moda em Santa Maria e Gabriela Scarton Barriquello, nascida em 26/12/1991, odontóloga; c) Maria Cristina Barriquello Ways, nascida em 28/05/1959, empresária, casada com Flávio Deckmann Ways, nascido em 15/06/1948, empresário. Têm um filho: Rafael Barriquello Ways, nascido em 23/10/1982, odontólogo, casado com Raquel Cristina Schwanke, nascida em 13/12/1982, farmacêutica. O casal tem uma filha, Lavínia Schwanke Ways, nascida em 17/8/2017- bisneta de Décio Barriquello. Moram e trabalham em SC.

3- Edy Barriquello, nascida no dia 14/05/1930, solteira, professora estadual, aposentada. Lecionou nos primeiros tempos no Grupo Escolar Osvado Aranha e depois muitos anos em Porto Alegre como professora alfabetizadora.

4- Dari Barriquello nascido em 13/05/1934, agricultor, casado com Maria Ivone Daniels Barriquello, nascida em 13/10/1937, professora

estadual, aposentada. Têm quatro filhos: a) Almir Luiz Barriquello, nascido em 30/08/1960, médico veterinário, casado com Marilize Pereira, nascida em 24/02/1960, enfermeira e servidora pública federal. Desquitados em 2016. Têm dois filhos: Rafael Pereira Barriquello, nascido em 07/01/1986, agente de inspeção sanitária federal, casado com Larissa Tonial Vanzo, nascida em 14/11/1985, empresária. O casal tem uma filha, Joana Vanzo Barriquello, nascida em 30/10/2013, estudante e Júlia Pereira Barriquello, nascida em 13/07/1994, estudante de medicina; b) Olinto Carlos Barriquello, nascido em 20/11/1963, agricultor, casado com Deise Andrade, nascida em 29/01/1969, professora estadual. Têm dois filhos: Carolina Andrade Barriquello, nascida em 01/11/1993, advogada e Leonardo Andrade Barriquello, nascido em 23/07/1998, estudante de engenharia mecânica; c) Paulo de Tarso Barriquello, nascido em 12/06/1965, agricultor, casado com Cleonice Oliveira Costa, nascida em 21/11/1969, bancária. Têm dois filhos: Guilherme Costa Barriquello, nascido em 10/03/1996, estudante de agronomia e Maria Eduarda Costa Barriquello, nascida em 03/05/2005, estudante do Ensino Fundamental; d) Fernando Barriquello, nascido em 07/09/1967, motorista, casado em 1ª núpcias e divorciado de Denise Glitzenhirn. Têm dois filhos: Felipe Glitzenhirn Barriquello, nascido em 09/03/1996, estudante de Educação Física e Amanda Glitzenhirn Barriquello, nascida em 09/10/2002, estudante do Ensino Médio. Casado em segundas núpcias com Lidiane da Silva Britto, nascida em 16/02/1985. Têm dois filhos: Brenno Gabriel de Britto, nascido em 18/10/2010, estudante do Ensino Fundamental e Pedro Lorenzo Barriquello, nascido em 07/01/2015.

5- Delmar Barriquello nascido em 30/01/1938, advogado, foi vereador, em Ijuí, nos anos 1971-1977 e 1989-1992. Falecido em 25/08/2005, casado com Talita Salete Brum nascida em 07/01/1944, dona de casa. Têm dois filhos: Patrícia nascida em 21/01/1972, quando jovem participou no período de 1987 a 1990 do grupo de dança “Santa Luccia”, com apresentações em várias cidades do Rio Grande do Sul. É dona de casa, casada com Rúbio Sérgio Rosengart, nascido em 03/02/1969, empresário. Têm um filho David Barriquello Rosengart, nascido em 14/10/2003 e Delmar Barriquello Junior nascido em 03/03/1974, advogado. Falecido em 04/01/2007.

6- Teresinha Barriquello Pinto (Teca Pinto), nascida em 16/09/1945, professora estadual aposentada e professora sênior da Unijuí, casada em 18/07/1973 com Rui Polidoro Pinto, nascido em 27/5/1939, natural de Santa Bárbara do Sul, então município de Cruz Alta, advogado e durante muitos anos dirigente cooperativista. Têm três filhos: a) Jacira Barriquello Gatto, nascida em 17/04/1974, foi professora de informática e hoje é bancária. Jacira

participou, ativamente, do grupo de dança italiana Santa Luccia no período de 1990 à 1997 quando da coordenação de Luci Miron Roloff e Valdir Filipin e logo após do casal Luci e Paulo Roloff. Como uma manifestação cultural para resgatar usos, costumes e tradições italianas o grupo apresentava danças de várias regiões da Itália como valsas, mazzurcas, polcas e tarantelas com vestimentas típicas. A participação do Santa Luccia nos festejos da ExpoIjuí levou-os à abrilhantar festas italianas na região e em diversas cidades do RS como Porto Alegre, Santa Bárbara do Sul, Bossoroca, Júlio de Castilhos bem como em festas de Jundiaí/SP na 2ª Festa da Uva em 1992, Palotina/PR e Coronel Vivida/PR em 12/1992, Dourados/MS em 07/1995 e no Festival das Nações em Oberá/Argentina. Jacira foi professora de dança italiana em Pejuçara na administração 93/96 e do grupo Bambini do Centro Cultural. Jacira participou, quando universitária, do Coral da Unijui e atualmente, junto com o esposo, participa do Vocal Querência. É casada com Joaquim Henrique Gatto, natural de São Domingos do Sul, nascido em 08/06/1972, advogado e professor da Unijuí. Têm duas filhas: Letícia Barriquello Gatto, nascida em 02/12/2005, estudante do Ensino Fundamental e Isadora Barriquello Gatto, nascida em 10/09/2009, estudante do EF; b) Rodrigo Barriquello Pinto, nascido em 25/09/1975, publicitário, casado com Karina Graef nascida em Porto Alegre, no dia 04/12/1983 advogada, servidora pública. Têm um filho Bernardo Graef Barriquello Pinto, nascido em 10/10/2018 em Porto Alegre; c) Jerônimo Barriquello Pinto, nascido em 08/02/1982, tabelião, casado com Carla Denise Viana, nascida em Iraí, em 31/01/1981, empresária. Tem dois filhos: Vicente Viana Barriquello Pinto, nascido em Ijuí em 03/08/2015 e Giovanna Viana Barriquello Pinto, nascida em Dourados/MS, no dia 17/10/2017. Aguardam para dezembro 2019 o nascimento do terceiro filho, que chamar-se-á Caetano Viana Barriquello Pinto.

Lembranças

O avô Benjamin trabalhou no ramal ferroviário de Cruz Alta. Veio se radicar em Ijuí antes de 1890. Aqui adquiriu uma colônia de terras na Linha 4 Leste. Depois adquiriu mais quatro colônias onde a família numerosa extraía quase todo o sustento para sua manutenção. Cultivou extenso parreiral de onde produziu grande quantidade de vinho para consumo próprio e para comercialização. Também produziu aguardente. Em 1915 a família construiu uma olaria para a fabricação de tijolos. A partir dessa, construiu com a ajuda do sogro Geronimo Clarino e do cunhado João Clarino uma das maiores residências da região, na época, com mais de 20 cômodos. Tradição das famílias italianas, no subsolo havia uma grande cantina onde armazenavam vinho e

cachaça. Nessa residência, Benjamin costumava reunir, para confraternizar, autoridades como: Antônio Soares de Barros (o Coronel Dico) que era intendente municipal, Álvaro de Carvalho Nicofé e outros, familiares e amigos. Essa casa depois foi vendida e transformou-se em casa de jogo e também em cabaré por muitos anos. Foi demolida na construção da RS 155, próxima ao trevo que leva ao Bairro Modelo.

Tia Ema Barriquello contava que seu nome Sibila Ema, advinha do nome de uma princesa italiana que veio ao Rio de Janeiro e lá se apaixonou por um Barriquello e não voltou mais para a Itália.

Décio conta que morou uns tempos com o vovô Benjamin (na casa dos 20 cômodos) localizada na linha 4 leste e de lá vinham para a cidade vender vinho, e que no caminho o vovô parava, fazia um canudinho de taquara e tomava vinho da pipa e depois deitava perto do mato para tirar uma soneca, levando algum tempo para chegar ao destino. Todos amavam o vovô Benjamin.

Da nona Maria algumas lembranças: era muito clara e com olhos azuis muito definidos. Idosa, ela passava uma temporada na casa de cada filho e quando ficava na casa do Olintho e voltava para a casa do tio Miro levava junto algum “regalo” (o rádio da casa, um urinol...), dizendo que aquele não tinha. Na época, dizia-se que ela tinha demência, provocada pela morte de um filho, o tio Alfredo - morto na sua frente. Tio Alfredo foi morto com vinte e poucos anos vítima de uma emboscada feita por rapazes de outra família local, em razão de uma rixa por causa de uma moça. A tragédia abalou a família ocasionando o transtorno mental de sua mãe, nossa avó Maria Clarino.

Conta-se que o bisavô Gerônimo Clarino trouxe da Itália duas caixas contendo moedas de ouro e prata.

Olintho Carlos Barriquello conheceu Maria (Marieta) em um jantar com baile na casa de seu pai Benjamin (a casa de 20 cômodos). Dançaram bastante e no outro dia ele foi visitá-la e começaram a namorar. As famílias dos dois eram amigas e os pais ficaram tranquilos com o namoro e depois com o casamento.

Décio conta que conheceu sua esposa Cléria em frente à Igreja N. Sra. da Natividade, quando antes da missa ela e três amigas passaram por ele e um amigo. Ao vê-las, teria dito: olha aquela jovem do meio, vou namorá-la. Após a missa, encontrou-a na quermesse no salão São Luiz e foi apresentar-se. Por alguma razão emprestou-lhe um lençinho que havia ganho da mãe Maria (Marieta). Passado uma semana foi em sua casa com o pretexto de buscar o lençinho. A partir daí iniciou o namoro e, após, o casamento que já dura mais de 60 anos.

CALLAI

Dolair Augusta Callai¹

Em meados da década de oitenta o Município de Ijuí, como a região e o País, passava por forte crise econômica. Na perspectiva de encontrar saídas para o problema do Município, Poder Público, empresários, entidades de classe, estabelecimentos de ensino e lideranças em geral decidem estabelecer um fórum de discussões e criam o Movimento de Retomada para o Desenvolvimento do Município de Ijuí. No âmbito da FIDENE, Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado, mantenedora das Instituições de Ensino Superior, mais tarde reunidas na UNIJUÍ, eram constantes as reuniões para análise da problemática aqui vivenciada.

Nesse contexto iniciamos nossa participação no que viria a ser o Movimento das Etnias de Ijuí, ideia lançada pelo Professor Mario Osório Marques, com apoio de Argemiro Jacob Brum, e por nós, professores da UNIJUÍ aprovada para ser apresentada à Comissão Central do Movimento, no intuito de agregar e valorizar a riqueza cultural que jazia inerte nas famílias de imigrantes colonizadores, já no início provenientes de mais de duas dezenas de países.

A herança de trabalho em terras desconhecidas, a superação de dificuldades nunca enfrentadas – tendo que criar novas alternativas de ação, a saudade dos que ficaram além mar, amainada pela fé e religiosidade, a união familiar e o testemunho de sólidos valores de vida digna, a cooperação entre vizinhos, a

¹Neta e bisneta de imigrantes italianos, professora do ensino primário, ginásial, médio e superior com atuação em Ijuí.

artesanias e o preparo de alimentos da gastronomia de origem, tendo que substituir, agregar novos ingredientes, já que não havia aqui os da terra mãe, constituem a herança que recebemos. Este legado merecia um intenso movimento de recuperação e valorização da ousadia e determinação, da superação e das lágrimas, da coragem e da solidariedade, fatores que garantiram o desenvolvimento da “Colônia Ijhuy” e deveria, agora, ser reaproveitado para que Ijuí retomasse seu desenvolvimento.



Autora Dolair Augusta Callai.

Participávamos de reuniões entre professores e colaboradores da FIDENE, destacando aqui os que prosseguiram, junto conosco, no Movimento Étnico, em especial na fundação do Centro Cultural Regional Italiano e nas atividades ali realizadas. Adelar Francisco Baggio, Antônio José Grizon, Danilo Lazzarotto, Edegar e Lenir Zanon, Egídio Dal Forno, Irani Basso, José Crippa, entre outros, foram alguns que ajudaram a semear, regar e colher frutos culturais desta empreitada. Envolvidos que éramos com os grupos de canto, como o Bona Gente, por nós apoiado e coordenado pelo Grizzon, a preocupação com a pesquisa e registros históricos, pelo Danilo, as atividades de arquitetura e construção da Casa, com o Crippa, de articulação dos “gringos” de Ijuí e municípios da região, para que o Centro tivesse característica regional, com o Baggio. Todos íamos contribuindo na concretização do sonho de termos a Etnia Italiana aqui organizada.

Estive presente já nas primeiras reuniões para a formação da Etnia. Acompanhei as discussões para definição do projeto de construção da casa típica, atuei na redação dos primeiros registros e atas das reuniões da Comissão Provisória e na redação do primeiro Estatuto. Juntamente com a Dóris Pizzutti fomos responsáveis pela secretaria, tanto da Comissão Provisória como da

primeira Diretoria. Desde o início curtia os grupos de dança onde sobrinhos e filhos dos colegas participavam, para orgulho dos familiares e mais tarde envolvia-me com questões culturais e promoções, permanecendo até os dias atuais. Em resumo, minha participação neste nosso Centro Cultural ocorre desde antes de sua criação oficial, em 12 de agosto de 1987. A partir de maio daquele ano foram realizadas inúmeras reuniões, encontros e assembleias, algumas com mais de cem participantes de Ijuí e de diversas localidades e municípios e lá estava eu, entusiasmada como os demais pela oportunidade de reviver emoções da infância e juventude e valorizar a cultura de nossos pais e avós.

Como nada no mundo acontece por acaso, de onde vem este interesse e disponibilidade em estarmos, desde 1987, participando neste tão grato movimento étnico? Por certo, nossos pais Joanna Burtet e Virgilio Callai têm boa dose de responsabilidade, pois fomos criados vendo-os à frente de muitas ações, fossem elas da escola, da igreja ou de interesse de vizinhos e familiares, tanto em prol da comunidade do Cará, como do atual município de Jóia, onde nascemos e vivemos nossa infância. Isto justifica relembrarmos um pouco da trajetória de nossas famílias Burtet e Callai.

Século XIX, império Austro-Húngaro, norte da Itália, hoje Vêneto, Beluno e la picola comune de Mel e também Trentino-Alto Ádige, Trento e de la picollissima Flavon determinam o tempo e os locais de procedência de nossos ancestrais, bisavós e avós maternos e paternos.

Nossos bisavós maternos chegaram ao Brasil na década de 80 do século XIX, procedentes de Mel, província de Belluno. Joana e João Batista Bernardi, com os filhos Agostinho, Luigia, Erasmo, Luigi, Antonia, Liberale e Líbera - nossa avó, assim como Antonia Facchin e Giovanni Burtet, com os filhos Domenico, Giovanni, Pedro, Luigi Celeste - nosso avô, Giacoma, Celestino e Giuseppe. Todos instalaram-se na região de colonização italiana, em Caxias do Sul.

Líbera e Celeste Burtet casam-se em Caxias do Sul e mais tarde vêm para a Colônia Ijuhy, em terras na região da Esquina Gaúcha, atual município de Augusto Pestana. Tiveram 11 filhos: Maria, Antonia, Prosperina, Joanna - nossa mãe, Batista, Firmino, Carmela, Adélia, Claudino, Leopoldina e Anélia. Na década de 1940 migram novamente, agora para a região de Jóia, onde os filhos mais velhos, já casados, desbravavam aquela região.

Os bisavós paternos, Teresa Fellin e Giovanni Callai vieram de Flavon, região do Tirol com seis filhos homens, em 1876, passando a residir em Caxias

do Sul, 4ª Légua, onde nasce a filha Maria. Os filhos Fortunato e Domenico permanecem na região da serra, os demais vêm para a Colônia Ijhuy a partir de 1902, a maioria já casados. Estabelecidos no interior do atual município de Augusto Pestana, Luigi, Edoardo, Giuseppe e Raffaele, e os bisavós, Giovanni e Tereza, com a filha Maria, que aqui se casa com Liberale Bernardi, juntamente com seus descendentes contribuíram para o desenvolvimento local.

Ainda quando moravam na região da serra, eram vizinhos os Callai, Stedile, Portolan, Bazzan, Strapazon... Uma jovem, Augusta Portolan, casa-se com Francisco Stédile e tiveram um filho, Luiz. Augusta logo viuviu e casa-se, em segundas núpcias, com Giuseppe Callai, em 3 de junho de 1891, os quais, morando na Quarta Légua, Caxias, tiveram os filhos João, José, Rosa, Virgílio – nosso pai, Victório, Paulina e Pedro. Em 1909, já residindo na Colônia Ijhuy, nascem Tereza, Antônio, Júlia e Ana, constituindo-se, assim a família de nossos avós paternos, Augusta Portolano e Giuseppe Callai. Augusta Portolan é filha de Ferdinando e Giovanna que, juntamente com seus irmãos Carlo e Silvestre emigram do Tirol chegando ao Brasil em 1877. Instalam-se também na 4ª Légua em Caxias do Sul, em lote próximo aos Callai.



Casamento de Joanna e Virgílio.

De modo resumido, aí estão as raízes, dos quatro costados da família Virgílio Callai/Joanna Burtet, pelo lado paterno os Portolan e Callai, pela parte da mãe os Bernardi e Burtet.

Antes de prosseguir, uma curiosidade. De nosso pai, Virgílio, poucos sabiam seu verdadeiro nome, era sempre o Ticiano. Qual a origem ou razão de tal apelido? Por certo não seria uma homenagem ao pintor renascentista italiano. Ouvíamos, quando crianças, que o fato de o pai ser conhecido por Ticiano se devia a que seu padrinho de batismo, Antonio Tizian, gostava muito de fazer arte, brincadeiras, nem sempre ao agrado dos demais e o Virgílio, ainda jovem, por certo inspirado em seu padrinho, não ficava para trás, sempre preparando

alguma arte para divertir-se com a reação dos demais, fossem familiares, vizinhos ou amigos. Se fosse o caso, teríamos um “rosário” de artes que o pai fez enquanto morou no Cará, em Tupanciretã e em Ijuí, fora as anteriores, ainda na região de Caxias, as quais desconhecemos. Deixamos aqui o registro de que, Ticiano Callai é na verdade Virgilio Callai.



Formatura do Jaeme e Renê, 1962. De pé da esquerda para direita: Marcelino e Elaine, Zenir e Maria, Jaeme, Jorgina e Natal, Marina e Valter. Sentados: Dolair, Mãe Joanna Callai, Renê e Vanderlei.

Prosseguindo... do casamento de Joanna e Virgilio, em 4 de setembro de 1926, resultamos em dez irmãos:

- João, falecido ainda bebê;
- Zenir, casado com Maria Eulina Souto, tiveram quatro filhas, Ana Maria, Maria Eunice, Ana Beatriz e Maria Florinda. Mais tarde, viúvo, casou-se com Nair Moroso;
- Elaine, casou com Marcelino Bazzan e são seus filhos Maria Romi, Maria Bernadete, Jair Luiz, José Inácio e Alessandro;
- Jorgina e o esposo Natal Della Flora tiveram os filhos, Beatriz Teresinha, Roseane Teresinha e Jorge Luiz;
- Valter casou-se com Marina Roque e Sandra Sueli e Solange são as suas filhas;
- Dolair – eu fiquei solteira e não tive filhos;
- Renê e Rui (gêmeos), Rui faleceu ainda criança e Renê casou com Celito Costa Beber e tiveram três filhos, Hervé, Marcelo e Leonardo;

- Jaeme casou com Helena Copetti e são pais de Andréa, Tomás e Sergio.

- Vanderlei casou com Paulo Bragatto e são pais de Rachel e de Ticiano Augusto.

Os filhos, netos e bisnetos de meus irmãos me fazem tia, tia avó e tia bisá de mais de cem mimosuras, contando também seus esposos e esposas, pois, para todos sou a Tia Dola, o que sempre me emociona.



Dolair com alguns sobrinhos e sobrinhos-netos.

Apresentada a família, minha atuação no Centro Cultural Regional Italiano, como já mencionei anteriormente, iniciou na época da organização da Etnia Italiana em Ijuí. O Jaeme e a Helena participaram através da atuação dos filhos nos grupos de danças e mais recentemente o Jaeme tem sido grande colaborador do Departamento Cultural, organizando ciclos de estudos, palestras, mostras e, inclusive, coordenando esta publicação. A René e o Celito entram mais tarde um pouco, quando o Leonardo começa nos grupos de dança, mas envolvem-se muito, em especial nas Diretorias do Centro, atuando como casal presidente ou como vice, em diversas gestões. As irmãs Elaine e Jorgina não participam ativamente da vida do Centro, mas são assíduas frequentadoras de jantares e promoções, assim como os sobrinhos que residem em Ijuí e região. O Zenir, o Valter e a Vanderlei, residiam em municípios mais distantes, tiveram esporádica participação em promoções da Etnia.

Tenho participado de toda a história de nossa Etnia Italiana, desde os alicerces legais e físicos, com as primeiras reuniões, as construções e as promoções, até os dias atuais, as vezes mais diretamente, as vezes menos, por conta de compromissos profissionais, mas sempre no intuito de colaborar no desenvolvimento das atividades em clima de harmonia, sejam elas ligadas à gastronomia ou ao aspecto cultural mais festivo, como a FESTITÁLIA e outros eventos.

Grupos de dança e canto sempre foram para mim um atrativo especial. Não canto e danço pouco, mas acompanhar a evolução dos dançarinos e cantores mirins, até os jovens e os adultos sempre alimentaram meu desejo não realizado. Ver a Andrea, o Tomas, o Leonardo e o Serginho, sobrinhos, cada um a seu tempo, participando de grupos de dança, desde a criação do Centro até há poucos anos; acompanhar os grupos de canto, cantarolando baixinho, pois sou desafinada e poderia perturbar o grupo se soltasse a voz, lembrando com saudades da mãe, sempre cantando em italiano.

Numa ocasião, junto com a Dóris e a Nair, num jantar lá no Salto, em 1987, articulamos, na hora, alguns amigos para participar de apresentações artísticas informais que se faziam após o jantar. O Cirilo e a Nair Copetti, a Dóris, a Helena Mânica que lembro bem e mais alguns, até eu cantei (!!!), fizemos a primeira apresentação do Grupo de Canto Livre, criado naquele momento. Deste resultou o Grupo de Canto Bona Gente, do qual participavam também pessoas de Bozzano e de Augusto Pestana, inicialmente sob a regência do Professor Grizon e regado a vinho, direto de Rosário, produção de Nelsinha e Avelino Scarton ou de Dineva e Aldo Rosso.

Na Cantina dei Nonni, por várias EXPOIJUI FENADI cortei muito queijo, salame e copa, junto com o Zequinha Padoin, parceiros que éramos na realização destas tarefas. Além de preparar e servir os pratos de picadinho, alcançando taças de vinho, aproveitávamos a sonoridade dos cantos, pois o Bona Gente, por vários anos teve ali espaço cativo.

Jantares especiais e refeições durante as edições da Expo-Fenadi, desde 1987 e a FENII, nos últimos anos, ainda são oportunidades de participação, seja recepcionando as pessoas, servindo o Buffet ou auxiliando na cozinha, em especial na salada... quantas folhas de radiche, alface, rúcula eu lavei, de preferência em frias manhãs de sábado, mas sem stress, pois é uma alegria ver o salão cheio, as filas em tempos de exposição e, principalmente, receber o retorno: - “que jantar gostoso; - parabéns, vocês sabem agradecer nosso paladar;

- estava tudo muito bom, vou voltar...” Nessas oportunidades o trabalho é recompensado e assim nos sentimos construtores de todo o patrimônio que a Etnia Italiana tem nos dias de hoje.

Aprender a Língua oficial de nossos antepassados exigia frequência ao Curso de Língua e Cultura Italiana, ofertado pelo Centro, com autorização da ACIRS. Iniciei na década de 90, quando as aulas eram ministradas na Escola Luterana, mas por conta de aulas e trabalhos de extensão, realizados pela UNIJUÍ em municípios da região, eram frequentes minhas faltas às aulas. Desisti. Mais tarde pude retomar e concluí o Curso, porém falo muito pouco, acho que travada pelos efeitos da proibição de emprego da língua estrangeira, nos tempos da 2ª Guerra, quando via meus pais falando escondidos, entre eles e com amigos e familiares. Eu era criança, mas acredito que essa vivência marcou forte e dela ainda não me libertei.

Em vários anos participei do Programa Radiofônico do Centro, “Italianos trazem sua mensagem”, aos sábados pela manhã, na Rádio Progresso de Ijuí, apenas por ocasião da colazione, ideia do nono Jorge Cargnelutti, servida em comemoração ao aniversário do programa, sempre em abril. Em geral a Renê, nossa irmã, coordenava os preparativos e eu e outras senhoras da Etnia colaborávamos na organização dos comes e bebes, “coisa leve” para um café da manhã: vinho, polenta brustolada, fortaia, queijo, salame, pão, cuca e, claro, também era servido café preto. Mais tarde, no início de 2012, comecei a colaborar na produção e locução do Programa, tarefas que muito me agradam, pois desde jovem andei arriscando atividades radiofônicas.

Na juventude apresentei por um bom tempo o Programa da JUNA, Juventude da Igreja da Natividade, na Rádio Repórter de Ijuí. Mais tarde, na década de 60, quando acadêmica, atuando no projeto Colmeia Infantil, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí, coordenava e apresentava mensalmente o programa de auditório “Sonho Infantil”, realizado no antigo Cine Serrano, com crianças de 3º, 4º e 5º anos do antigo Ensino Primário. A valorização de manifestações culturais, o estímulo à participação e a desinibição das crianças para enfrentar um auditório pela apresentação de canto, declamação, dança ou execução de instrumentos musicais eram meios para formar cidadãos participativos. Voltando ao Programa Radiofônico “Italianos trazem sua mensagem”, no intuito de brindar os ouvintes com informações sobre a pátria de nossos ancestrais, a realização do mesmo nos exige constante pesquisa sobre a Itália, sua cultura, acontecimentos atuais, regiões turísticas, músicas... o que muito me agrada, pois é motivo de constantes aprendizagens.

Ao longo dos anos, diversas vezes, com sentimento de perda de algo muito agradável, precisei estar ausente de nossas tradicionais jantãs de confraternização dos aniversariantes do trimestre, encontros estes que ocorrem há vinte anos, pois era frequente eu ter aulas às sextas feiras à noite na Universidade. Estes são momentos de reencontro, de boas conversas, de muita alegria, que realimentam amizades e é frustrante perde-los, mas após a aposentadoria estou tirando os atrasados.

Desde 2012, quando o Nelson Casarin assume a presidência da UETI – União das Etnias de Ijuí, minha participação direta nas atividades do Centro diminuíram, pois eu, juntamente com Noeli Baldissera (Italianos) e Marli Siekierski (Poloneses) fomos convidadas a integrar a equipe cultural da UETI, capitaneada pelo Chico Roloff e mais tarde enriquecida com a participação de Elson Junior Ceratti (Austriacos) e Pedro Darci de Oliveira (ATQG). Trabalho voluntário mas muito envolvente, com atividades na execução de projetos culturais junto aos grupos étnicos, coordenação de desfiles, realização de palestras em escolas do município, participação na organização e realização das atividades culturais durante a Expo-Fenadi, exigindo muita dedicação. Em 2016, juntamente com a Marli, escrevemos o livro *FENADI, Baú de Memórias: memória histórico-cultural do Movimento Étnico de Ijuí/RS*, fruto de ampla pesquisa, recuperando detalhes de todas as edições da Expoijui e da FENADI e, neste ano de 2019, participei, juntamente com o Jaeme, do grupo de professores SENIORS da UNIJUI, produzindo o documento base para compor o processo de reconhecimento de Ijuí, capital nacional das etnias, atualmente em tramitação no Congresso Nacional e no Senado Federal.

O Centro Cultural Regional Italiano é, para nossa família, motivo de ótimas lembranças, pois foram inúmeras as vezes em que nos reunimos em suas dependências para nossas tradicionais festas de família. Tanto para o pai, como para a mãe, a reunião da família era sempre prioridade e como a mãe aniversariava em abril e a Páscoa ocorria, em geral próxima ao dia 18, a Sexta-feira Santa era motivo de reunião para saborear o tradicional bacalhau ao molho, acompanhado de peixe frito, polenta e salada de radiche com bacon, sem faltar o vinho. O pai faleceu em 1958, éramos jovens e crianças, mas as reuniões continuavam, pois, a Vó Joanna fazia questão de manter a união da família. Ela falece em 1982 e nós, os filhos e netos, mantemos a tradição até hoje – Páscoa é reunião da família Callai e no Natal a festa é nas famílias dos respectivos cônjuges.

São mais de cinquenta anos que isto se repete em todas as Páscoas, reunião da família, cada vez com mais empenho, pois os descendentes estão distribuídos pelo País, mas a maioria sempre comparece em Ijuí ou em Osório/RS, onde residem sobrinhas e a localização favorece o deslocamento dos que residem no centro do País.

Uma atividade que por mais de doze anos vem marcando nossos encontros da Páscoa é o sorteio das colchas, mantas e almofadas de patchwork. A Vanda, nossa irmã caçula, aprendeu a técnica de reunir retalhos com arte, provocou-nos e aceitamos o desafio: aprender a cortar, organizar e emendar retalhos respeitando determinado modelo. Combinado o trabalho, distribuíamos as cores entre as oito famílias de irmãos, cada uma escolhia a estampa, respeitando a cor que lhe fora atribuída e de posse do mesmo modelo confeccionava seus quadrados e nós, residentes em Ijuí, recebíamos e juntos montávamos uma colcha, que era concluída para ser sorteada na Páscoa, entre os irmãos. A cada ano uma nova colcha, sempre esperada com ansiedade para ver a beleza da confecção e, principalmente, quem seria o felizardo naquele ano. Os sobrinhos foram reclamando – quando seriam confeccionadas para eles? Mas como são muitos, as sobrinhas mais velhas foram desafiadas a participar, aprender a técnica e auxiliar-nos na confecção de mantas para sofá a serem sorteadas entre os sobrinhos. Ufa!!! Quanto retalho para cortar, emendar, acertar os cantinhos.... Assim, confeccionávamos uma colcha e três, quatro, cinco mantas a cada ano, para sorteio. Mas surge mais um problema para resolver, os sobrinhos netos também queriam participar dos sorteios... então decide-se que para estes se fariam almofadas, também de patchwork. E até agora, a mais de doze anos, estamos costurando retalhos com arte, pois continuam nascendo sobrinhos netos e sobrinhos bisnetos e eles merecem suas almofadas de patchwork..

A Casa Italiana e o Canton viram nossos sobrinhos crescer, correrem pelo parque a procura dos ninhos de Páscoa, jogar bola, brincar de esconder-se e levar bons tombos, mas, principalmente, aprenderem o gosto do convívio em família, construindo afetivas e duradouras relações com tios, primos e com esposos ou companheiros destes, pois todos “entram” no espírito da família. Isto temos que agradecer aos nossos pais, a construção de uma grande família à italiana.

CASARIN

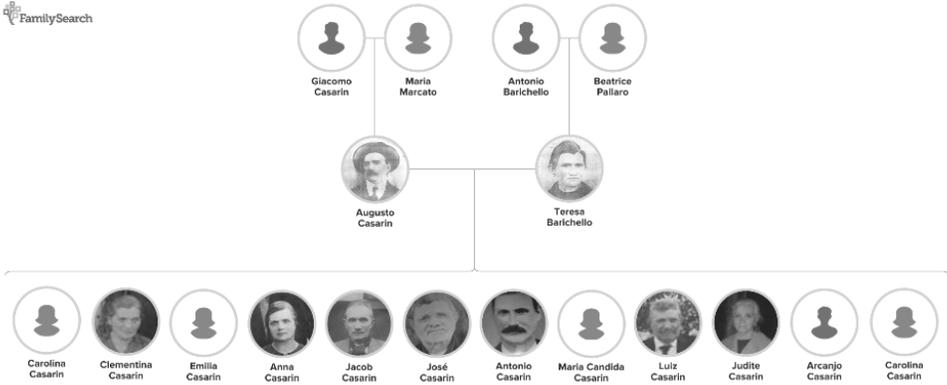
Antônio André Casarin¹

Rosinha Casarin²

O início da história da família Casarin se inicia no Brasil em 1889, quando Augusto Casarin com Teresa Barichello e filhas e seu mano Antonio Casarin com Carolina Mazzon, decidem emigrar juntos (oito pessoas), partindo da terra natal, comuna de Loreggia província de Padova.. Embora provavelmente vivessem bem na Itália, o empobrecimento causado pelas guerras após a unificação Italiana (Risorgimento - 1815 a 1870), o medo do serviço militar, as poucas terras e principalmente o convite de parentes e conterrâneos que emigraram antes, são as causas que levaram os irmãos Casarin e família a se abalancharem à travessia do Oceano. São vários ramos os descendentes de Augusto e Antonio, formando numerosas famílias Casarin, que se espalharam em muitos lugares do Brasil e do mundo, sendo que as terras da primeira chegada da Itália, a maioria da Linha Três, ficaram no passado, pois Augusto mudou-se para Sítio do Guarda-mor e Antonio para o Vale do Soturno.

¹Trineto de Augusto Casarin.

²Esposa de Nelson Casarin, bisneto de Augusto Casarin.



Árvore genealógica Família Casarin.

Antonio e Augusto são filhos de Giacomo Casarin (1836) e Maria Marcato, quando aqueles dois migraram os pais permaneceram em Loreggia juntamente com outros filhos, vindo a falecer já idosos na Itália. Como todos os Paduanos, dedicavam-se com afinco à agricultura, nas escassas e desgastadas terras, pois há um dito que diz: “I Paduani, sono matti per i grani” (“Os de Pádua são loucos por grãos (cereais)”).

O bisavô Augusto Casarin

Nasceu em 15 de fevereiro de 1857 em Loreggia, e foi batizado em 16 de fevereiro de 1857 na Parrocchia Della “Purificazione Della Beata Vergine Maria”..



Teresa Barichello e Augusto Casarin. Acervo da família.

Era conhecido como Agostinho e tinha como profissão vilico (agricultor). Em 24 de agosto de 1879, na Itália, em Camposampiero, Padova, casou-se com Teresa Barichello, que tinha parentes no Brasil. A esposa insistiu que o casal emigrasse, mas Augusto só iria se seu irmão Antonio Casarin fosse junto. Teresa, então, convenceu a noiva de Antonio (Carolina Mazzon) a casar. Enquanto tinham quatro filhas na Itália (Carolina, Clementina, Emilia e Anna) decidiram emigrar com Teresa grávida do quinto filho (Jacob). A família desembarcou no porto de Ilha das Flores-RJ, em 12/01/1889, depois seguiram para Silveira Martins (RS, Brasil), provavelmente em maio, convidados pela família Barichello, pois foram morar perto, ou pela família Marcato, este residiam em Linha Sete.. Em junho de 1889, Augusto recebeu da Inspetoria de Terras o Lote número 115, em Linha Três, no Núcleo Soturno, já bastante habitado. Seu mano Antonio foi residir com ele. Juntos chegaram a Soturno, então algumas casas perto de Portella (Lageado), onde havia um “barracão” em que se hospedavam os imigrantes que vinham chegando. Depois passaram pelas casas de Bonaldo e Pegoraro (residentes perto do Capitel S. Apolônia: Linhas Duas e Três) e subiram a íngreme encosta até Linha Três, onde residiam os Barichello, os fundadores e primeiros imigrantes do lugarejo.

Já instalados em sua terra, na Linha Tres, Augusto e Teresa tiveram mais 8 filhos: Jacob, José, Antonio, Maria Candida, Luiz, Judite, Arcangelo e Carolina. Posteriormente, Augusto e família mudaram para Sítio do Guarda- mor.

Em Nova Palma (RS) há um livro contendo o registro da chegada do casal e uma caixa com lembranças da família. Augusto faleceu em 14 de março de 1924 Faxinal do Soturno (RS). O sepultamento ocorreu no Cemitério Sítio dos Mellos.

Teresa Barrichello, esposa de Augusto

Nasceu em 02/05/1861 (Godego, Itália). Conhecida por ser uma figura imponente, em 1929, foi de trem de Nova Palma a Val de Serra, depois alugou um cavalo de um sapateiro e foi de charrete até Santa Lucia (Bozano, RS), chegando de surpresa e deixando perplexo seu filho Jacob e sua nora Ernesta. Foi uma festa! Faleceu no Brasil.

O avô Jacob Casarin

Nasceu em 11 de junho de 1889 (Núcleo do Soturno, RS, Brasil). Contava que havia nascido no navio! Batizado em 15/06/1889 (Silveira Martins, RS, Brasil). Era conhecido como Giacomo.

Aos 22 anos casou-se com Ernesta Stefanello no dia 06 de janeiro de 1912, em Faxinal do Soturno, RS. Tiveram 11 filhos (e um adotivo Adão): Orestes (26/4/1912), com Tereza Galli, 2 filhos; Tereza (17/3/1914), com Ricardo Aossani; Archanjo Michaeli (26/04/1916) com Maria Cervi, 9 filhos; José (07/05/1917) com Angela Leonilda Cossetin, 12 filhos; Aurelio (1920) com Leonilda Ceretta, 3 filhos e pela segunda vez com Nair Descovi, 7 filhos; Aleticia (09/11/1921) com Assis Marques da Silva, 5 filhos; David (1922) com Amabile Lorenzoni, 7 filhos e Amelia (01/06/1924) com Sabino Costa Beber, 5 filhos; Agostinho (1925) com Leoni Martins, 3 filhos; Jandira (Izondira) (26/12/1929) com Albino Cervi, 3 filhos e Genite Maria (28/9/1930) irmã Ernestina.



Ernesta e Jacob com o filho Agostinho.

Seus netos o admiravam pela capacidade de trabalho, inteligência, integridade, otimismo e fraternidade, além de muitos outros atributos. Dominava muitos temas relacionados à agricultura, carpintaria, mercearia, mecânica, além de desenvolver muitas ferramentas para trabalho. Recebeu uma autorização do CREA para leigos exercerem funções, muitas das quais só podiam ser exercidas por engenheiros. Somente pessoas com reconhecidas e notórias habilidades, indicadas pela comunidade, recebiam esta autorização especial. Acordava muito cedo e trabalhava muito! Lia com dificuldade, mas toda noite lia partes da Bíblia e escutava o terço em família da rádio Cruz Alta.

Lá pelos 60 anos, pois os netos precisavam estudar, mudou com seu filho David (que sempre morou e trabalhou com ele nas plantações e na fábrica de cachaça da família - era carismático, empreendedor e gostava muito

de caçar e pescar) para Cruz Alta, comprando juntos uma casa ao lado da Catedral e dedicando seu trabalho voluntário à igreja pelo resto de seus dias. Em Cruz Alta, após seu filho David falecer acidentalmente quando voltava de uma pescaria, junto com sua esposa Ernesta e nora Amabile, ajudou a educar seus 7 netos. Era admirado por toda a comunidade, principalmente bispos, padres e demais membros da Igreja Católica. Ajudava na missa todos os dias e tinha um local reservado somente a ele na Catedral. Por onde passava deixava a marca da religiosidade, inclusive, junto com outros imigrantes, ajudou na construção da Igreja de Santa Lucia (Bozano, RS, Brasil). Com sua esposa Ernesta, na hora que iam deitar, falando em italiano, contavam tudo o que tinha acontecido durante o dia. Tinha um cavalo chamado Picasso e ia visitar os parentes com botas de montaria até os joelhos! Sua esposa Ernesta era muito discreta e submissa, mas muito forte também. Seus netos jamais escutaram uma discussão e palavras amargas. Jacob faleceu em 01/08/1976 em Cruz Alta.

O pai Archanjo Michaeli Casarin

Neto de Augusto Casarin e Teresa Barichello é o terceiro filho de Jacob Casarin e Ernesta Stefanello. Nasceu no dia 26 de abril de 1916 no Distrito de Santa Lúcia – Município de Ijuí/RS. Faleceu em 25 de fevereiro de 1998, aos 81 anos, em Dourados/ MS.



Archanjo Casarin e Maria Cervi.

Casou-se no dia 17 de junho de 1938, aos 22 anos, com Maria Cervi (18 anos), filha de Luciano Cervi (Italiano) e Fiorinda Villani. Maria nasceu em Ijuí/RS no dia 21 de setembro de 1920 e faleceu em 27 de junho de 2012 em Dourados/ MS, aos 91 anos. Tiveram 09 filhos, 23 netos, 24 bisnetos e 3 tataranetos (até outubro 2019), assim relacionados:

Abílio Jacob com Lucia Galli– 03 filhos, 5 netos e 3 bisnetos; Italvino– primeiro casamento com Rosa Maria Hass teve 1 filho e no segundo casamento com Donária Anastácia Pereira teve 1 filho; Adair com Dora Maria Sarzi Sartori – 2 Filhos e 3

netos; Lourdes Fiorinda com Carlos Alves de Sousa – 2 filhos e 2 netos;

Agostinho com Dulce Leichsenring – 2 filhos e 3 netos; Nelci Ernesta com Marcos Geraldo Kaminski – 4 filhos e 6 netos; Miguel Archanjo com Josiane Manfrin – 3 filhos e 3 netos; Antônio Luis com Marly Pereira – 2 filhas; Nelson José com Rosinha Lúcia Göller – 2 filhas e 3 netos.



Da esquerda para a direita: Antonio, Abilio, Itelvino, Nelson, Adair, Miguel, Agostinho, Nelci, Vó Maria, vô Archanjo e Lourdes. Acervo da Família.

Conforme relato dos filhos Nelci e Agostinho, a mãe Maria sempre contava esta história de como foi a vida a partir do casamento. Inicialmente eles moraram com os pais Jacob e Ernesta no Município de Silveira Martins, algum tempo depois, por indicação dos pais, arranjaram terras para iniciar sua nova vida e constituir família, no Município de Fortaleza dos Valos.

Tempos depois, já com família constituída, receberam uma ordem judicial para deixar as terras, o que levou o casal a regressar a Silveira Martins e residir novamente com os pais. O prazo para retirada dos bens da família era muito curto, apenas 24 horas. Assim, colocaram em um carretão, puxado por uma junta de bois, os alimentos, as ferramentas de trabalho e alguns pertences da família, além de um cavalo de estimação que viajou atrelado à carreta.

O medo e a angústia do casal fez com que a coragem desse forças para atravessar as matas, os riachos e os desafios de uma viagem sobre uma carreta de bois. Viajaram cerca de três dias a fio, com dois filhos pequenos (Abilio e Itelvino), até chegar a Santa Lucia, na casa do “nono” Jacob.

Aos poucos, conseguiram juntar dinheiro e comprar uma pequena área de terra onde, com muito suor e trabalho, alicerçaram a própria fábrica.

O tempo foi passando e certo dia receberam a visita de Estevan Girardi, amigo da família. Este, vendo o drama vivido por Archanjo e Maria convidou-os para trabalhar com eles em uma fábrica de cachaça. Era a grande oportunidade que eles esperavam.

Aos poucos, conseguiram juntar dinheiro e comprar uma pequena área de terra onde, com muito suor e trabalho, alicerçaram a própria fábrica.

Moraram no interior do distrito de Salto e alguns anos depois se transferiram para o povoado, ao lado da igreja. Maria, sempre muito religiosa, colaborava com a igreja, cuidando da limpeza, das vestimentas, da alimentação e da hospedagem do padre, dos professores, dos dentistas e dos médicos que visitavam periodicamente o pequeno povoado de Salto.

O trabalho com a produção da cachaça seguia forte e aos poucos foi aumentando a produção e isso rendeu a ponto de conseguirem adquirir uma camionete com carroceria de madeira, onde buscavam o Dr. Solon Gonçalves da Silva para consultas médicas. Na época, onde o progresso e o desenvolvimento passavam longe do interior, este veículo se apresentava como o único meio de transportes da vila, servindo, inclusive, aos domingos, para levar jogadores às competições de futebol e, durante a semana, levava as pessoas para a cidade em consultas e compras.

Os outros sete filhos do casal nasceram no Salto. Os filhos foram crescendo e a preocupação dos pais era que estudassem. Em famílias numerosas e católicas o sonho dos pais era ter pelo menos um filho religioso. Então, dois deles foram para o seminário em Vale Veneto e uma filha foi estudar na escola de freiras, da rede Verzeri em Santo Ângelo e a outra filha foi para Cruz Alta na Escola de freiras Imaculada Conceição. Após um tempo, percebeu-se que não tinham vocação para serem religiosos. Sentindo necessidade de juntar os filhos, transferiram-se para a cidade de Ijuí onde pudessem ficar junto com a família e continuar os estudos. Os filhos estudaram na escola Assis Brasil, hoje IMEAB, na Escola Técnica 25 de Julho e no Ruizinho. Formaram-se dois professores, três dedicaram-se à agricultura, um técnico em eletroeletrônico, uma enfermeira, um vendedor e um empresário.

Os que se dedicaram à agricultura arrendaram uma terra em Santo Augusto da família Sperotto. E, mais tarde, como muitos amigos falavam

muito bem de Mato Grosso e das ofertas de terras baratas, resolveram pegar todo o maquinário e se transferiram para lá. Como todo o início é difícil, eles passaram por muitas dificuldades e sentiram necessidade do apoio dos pais, que logo após transferiram-se também para Dourados MS, em meados de 1972, onde eles estavam residindo. Nesta cidade os progenitores faleceram, o pai em 1998 e a mãe em 2012. Atualmente moram lá 4 filhos com as suas famílias. Um mora em Santo Ângelo, um em Porto Alegre e três filhos ficaram em Ijuí.

Histórias do seu Archanjo, contada pelo filho Miguel e esposa Josiane

Em certa época, Arcanjo e Maria foram morar na vila Santa Lúcia com os nonos Casarin. Ali eles vivenciaram uma experiência de economia exigida pela nona Ernesta. Até a sopinha dada para o pequeno Abílio era motivo de reclamação. Segundo ela “não é pra dar muita comida para o Abílio senão engrossa as tripas”.

Certa vez no aniversário do vô Arcanjo, seus amigos resolveram fazer uma surpresa. À noite chegaram a sua casa levando muita bebida. A comida foi feita pela vó Maria. Entre os amigos estava Clementino com sua gaita. A festa foi longe na noite, bebida, comida e muita cantoria. Aos poucos os amigos foram indo embora. O último que saiu foi o Clementino, nem se aguentava em pé de tanto que tinha bebido. No dia seguinte, ao se levantar, Arcanjo olhou pela janela e viu algo escuro pendurado na cerca de arame farpado. Foi lá ver o que era: encontrou o Clementino pendurado no arame com a gaita aberta arrastando no chão. E, acreditem, o Clementino estava dormindo. Foi passar a cerca de arame e não conseguiu sair: dormiu ali mesmo!

Encontros da família – Archanjo e Maria Casarin

Nos dias 20 e 21 de setembro de 1996 aconteceu o primeiro encontro da família em Dourados - MS, na casa do Itelvino e Rosa, que com muito carinho organizaram o encontro. Os familiares de Ijuí foram de ônibus, uma longa viagem, mas muito animada. Durante o trajeto foi feita uma canção para cantarem na chegada. Foram dois dias de momentos inesquecíveis, muitas histórias, descontrações, comida elaborada pelos homens, que faziam competição para ver quem cozinhou melhor.

O tempo foi passando e após 23 anos se reuniram novamente, em Ijuí, na casa da neta Naiara e seu esposo Gustavo, para o Segundo Encontro, que aconteceu nos dias 20 e 21 de abril de 2019. Houve muitas brincadeiras e momentos para contar as histórias de família, principalmente do nono Archanjo e Maria. Riram, choraram, cantaram, dançaram, jogaram e ficou a promessa para se encontrarem anualmente.

Adair Casarin, o Educador

Conforme relato da filha Daniela, o pai Adair Casarin, nascido em 16 de fevereiro de 1943, casou-se com Dora Maria Sarzi Sartori em 19 de dezembro de 1970, tendo dois filhos: Daniela e Júlio César. Daniela casou-se com Carlos Roberto Corrêa Fernandes e tiveram dois filhos: Vitor e Felipe. Júlio casou-se com Leandra Canton e tiveram o filho Eduardo.



Da Esquerda para direita: Leandra, Eduardo (colo), Júlio Cesar, Adair e Dora, Carlos Roberto, Daniela, Vitor, Felipe (colo). Acervo da família.

Adair formou-se na escola IMEAB, onde atuou como professor e diretor. Foi Secretário Municipal de Educação nos municípios de Ijuí, Coronel Barros e Augusto Pestana. Em âmbito nacional foi vice-presidente da UNDIME (União Nacional de Dirigentes em Educação). Também teve atuação no Poder Legislativo de Ijuí, exercendo o cargo de vereador de 1977 a 1982, alcançando a presidência da Mesa Diretora da Câmara em 1978. Foi uma liderança forte na concepção da EXPOIJUÍ, sendo o seu primeiro presidente em 1981.

Foi membro atuante do CENTRO CULTURAL REGIONAL ITALIANO: Em 1994 foi vice-presidente da gestão de Jose Menegon e em 1995 assumiu a presidência por solicitação deste. Um dos legados deixado na sua gestão foi o Curso de Língua e Cultura Italiana. De 23 a 25 de agosto de 1996 aconteceu a primeira FESTITÁLIA, com danças, jogos de cartas, jantares e integrações dos italianos da cidade, do interior e da região.

Em 1997 foi vice-presidente na gestão de Celmo Sarreta e, em 1998, novamente tornou-se presidente, tendo como vice-presidente o irmão, Nelson Casarin. Nesse ano novamente ocorreu a 2ª. FESTITÁLIA, 3 dias de festa, com degustação de vinhos, jogos de cartas, bisca, três sete, quadrilho, cinquilho, jantar das massas, com música de Antonio Olesiak, entre outras atrações. Em 2015 voltou a ser presidente do Centro Cultural Regional Italiano, permanecendo até meados de junho do mesmo ano.

A partir do ano 2000 tornou-se consultor, na área de prestação de serviços, para mais de 30 prefeituras, instituições estaduais como a FAMURS e federais como o Ministério da Educação.

Nos últimos anos passou longos períodos no município de Capão da Canoa, com o objetivo de ficar mais tempo perto dos filhos e acompanhar o crescimento dos netos.

Adair foi um grande líder no seu tempo e deixou uma marca importante para Ijuí e para os municípios onde atuou. Entretanto, seu maior legado, foi o prazer de sua convivência com seus amigos e sua família. Faleceu em 18 de junho de 2019, com 76 anos.

Nelson Casarin, o Empreendedor

Nelson Jose nasceu em 24.05.1952, em Salto, distrito de Ijuí (RS). Casou-se com Rosinha Lúcia Göller em 15 de janeiro de 1977. O casal criou com muito amor e dedicação as filhas Nadiesca, que nasceu em 11.08.1981 e Naiara, que nasceu em 17.08.1984. Nadiesca casou-se com Rafael Boechat de Jesus e tiveram a filha Julia que nasceu em 17.12.2013 e esperam a Laura para o final de 2019. Naiara casou-se com Gustavo Piccoli e tiveram o filho Guilherme que nasceu em 03.08.2016.



Da esquerda para direita: Nelson e Rosinha, Rafael, Julia (colo), Nadiesca, Naiara, Gustavo e Guilherme (colo). Foto do Acervo da família.

Fruto de uma família trabalhadora e abnegada, Nelson desde cedo aprendeu o valor do trabalho. Apesar de não ter ingressado em uma universidade, sempre diz que o saber dele foi “a escola da vida”.

Seu primeiro trabalho foi em 1969, na Casa Americana, depois atuou no Banco Mercantil de São Paulo, onde ficou até a data em que prestou serviço militar, em 1970, em Alegrete. No retorno, foi trabalhar na empresa Unicar e após, na Empresa Veículos Hildebrandt Ltda., concessionária Chevrolet. Anos depois adquiriu a revenda de automóveis denominada “Rafael Automóveis”. Após, optou por uma atividade no ramo gastronômico e adquiriu o Restaurante Caravela, junto ao Hotel Vera Cruz, no período de 1997 até 2015. Também constituiu uma empresa no ramo gastronômico em 2005, para a sua filha Naiara, que atuou junto ao refeitório da Cotrijuí e, posteriormente, no Confraria Restaurante, economato da Sociedade Ginástica de Ijuí.

Sempre com a forte presença da esposa, atuou na Igreja da Natividade e em sua gestão reativou a tradicional Festa da Padroeira. Com o resultado financeiro desta foi reconstruída a casa paroquial, a qual até hoje abriga toda a parte administrativa e os aposentos dos padres e visitantes. Nelson e Rosinha foram um dos casais fundadores da Escola de Pais, onde atuaram como palestrantes nas escolas do interior e da cidade.

A partir do ingresso das filhas na escola, participaram do Círculo de Pais e Mestres do Colégio Sagrado Coração de Jesus, como vice-presidentes. Durante esta gestão foi construído o Ginásio de esportes do colégio. Também participou em várias gestões do Esporte Clube São Luiz e, em 1996, foi eleito presidente.

Nelson utiliza habitualmente alguns ditos populares: “Ah meus dezoito anos, como era fácil... hoje com cinquenta e oito não é brincadeira; vai procurar a tua turma; deixa quieto; vou morrer e não vejo tudo; se melhorar, estraga.”

Participação no Centro Cultural Regional Italiano

Em 1989 participando da Etnia Italiana, assumiu a presidência. Nesta gestão iniciaram a construção do pavilhão Il Nostro Canton, que significa “o nosso recanto”, com mais de 400 m² de área construída, inaugurada durante a III FENADI. Neste mesmo ano, a etnia recebeu o Gruppo Folcloristico di Gorizia, Itália.

Na gestão de 1992 e 1993, como presidente, coordenou um grande jantar comemorativo ao quinto ano do Centro cultural com aproximadamente 700 pessoas, realizado no CTG Farroupilha, com apresentações dos grupos de danças e dos corais pertencentes à etnia. Na sequência, divulgou a etnia italiana participando em eventos nos municípios de Tupanciretã e Tapejara e também na Fiesta Nacional Del Inmigrante, na Cidade de Oberá, Argentina.

Nelson continuou participando das diretorias nas gestões de 1998, 1999 e 2000. Após isso, foi novamente eleito presidente nas gestões de 2003, 2004, 2005, 2006, 2009 e 2010, tendo como principais atividades:

2003: Ampliação da casa típica, reinaugurada em 26 de agosto; 2004: Criação do site da Etnia Italiana; 2006: lançamento do Livro “Etnias em Ijuí 3 – Os Italianos”, de Ademar Campos Bindé; 2009: conquista do espaço Recanto do Criador com uma área de 312 m², através da doação pelo município cfe. Lei 4.952 e anexado ao patrimônio do Centro Cultural; e a reforma da Cantina Dei Nonni; 2010: ampliação de mais 150 m² da casa Italiana.

Participação na União das Etnias de Ijuí (UETI)

Assumiu, junto com a esposa Rosinha, a presidência da União das Etnias de Ijuí, desde o ano de 2011, além da Expojuí 2012 e 2013, sempre com grande responsabilidade e o intuito de transformar a Entidade em um grande produto cultural e turístico para o município de Ijuí.

Já no primeiro ano de gestão, importantes feitos irmanados com os 12 Centros culturais pertencentes à UETI foram realizados:

Em 2011 - retomada dos Desfiles Étnicos: 2012 – criação dos mascotes das etnias; aquisição de 12 plataformas para montagem dos carros alegóricos; 2017 e 2018 – participação da equipe de profissionais de Parintins do Estado do Amazonas para montagem dos carros alegóricos, propiciando um salto imensurável em qualidade e beleza no desfile; 2013 - contratação de Francisco Roloff, produtor cultural, para elaborar projetos para a união das etnias; criação do Programa de Rádio Aproximando Nações. em parceria com a Radio Repórter de Ijuí. todos os sábados a tarde; Projeto Documentário “Epopéia Ijuhy - A saga dos pioneiros que formaram a Terra das Culturas Diversificadas”, formação de um grupo de Teatro, edificação de sala de cinema e sala da UETI junto ao espaço da Estação Ijuhy. Na sequência do projeto, em 2014, foi criado o Trem da História e o Anuário da União das Etnias, este, sob a coordenação de Ceres Ávila e Anderson Zarth.

O Novo Palco das Etnias, construído em 2014 e 2015, com o aporte de recursos do Ministério do Turismo e contrapartidas do Município de Ijuí, Associação Comercial e Industrial e UETI – inaugurado na abertura da Expojuí/Fenadi 2015 com a presença do governador Jose Ivo Sartori e com um grande SHOW dos grupos étnicos.

2016 – Lançamento do Livro “Fenadi - Baú de Memórias” - através de brilhante pesquisa das 30 edições da Fenadi e 20 anos da UETI. Para isso as escritoras, Marli Meiger Siekierski e Dolair Augusta Callai, resgataram o histórico do movimento étnico de Ijuí que atualmente ostenta o título de Patrimônio Cultural do Estado do RS e Símbolo do Rio Grande do Sul; Praça das Nações – construída e inaugurada em 01/09/2016, em homenagem a todos os descendentes dos 32 povos formadores de Ijuí, e um Obelisco Central contendo depoimentos de mais de 200 famílias e muitas autoridades, que sera



Sede Cultural da União das Etnias de Ijuí.

2017 – Sede Cultural da União das Etnias, com área de 2300m², que será inaugurada em 2020, considerada a maior obra financiada pela Lei de Incentivo e Cultura do Estado. Este espaço sediará eventos étnicos e da comunidade ijuicense, com estrutura para o desenvolvimento dos grupos étnicos. O espaço é composto de 4 salas de ensaio, pavilhão para depósito dos acervos culturais, área administrativa, sala gourmet e auditório para 400 lugares. Com certeza esta obra é um legado que a UETI deixará para o município de Ijuí.

2019 – Busca do reconhecimento, Ijuí- Capital Nacional das Etnias.

Em seu depoimento, Nelson Casarin afirma: *“Nos orgulhamos em participar deste movimento étnico. Nele conquistamos amigos para a vida e parceiros. Convivemos em um ambiente salutar, onde podemos criar e educar nossos filhos irmanados com a comunidade. Construimos nossos sonhos vivenciando o legado que herdamos de nossos antepassados. A arte, os costumes e a gastronomia nos remetem ao tempo de nossas infâncias. O futuro nos reserva coisas boas! Que os próximos tempos sejam de muita paz e entendimento e que consigamos continuar unidos diante da grandiosa diversidade que nos aproxima cada vez mais!”*.

Por fim, é possível afirmar que Nelson é um homem de muitas obras, mas a obra mais perfeita foi a família concebida junto à esposa Rosinha. Conhecido como um homem forte e empreendedor, mas protetor, emotivo e de grande coração quando se trata dos seus. Sempre presente e preocupado com o bem-estar de todos.

CERATTI

Onésimo Antonio Ceratti¹

Larissa Lucchese Ceratti²

Carlo Cesare Luigi Cerati – Patriarca da Família Ceratti, nasceu em 15 de setembro de 1834, na comuna de Viadana, província de Mantova, região da Lombardia, Itália. Faleceu em 19 de fevereiro de 1888, em Silveira Martins, RS, Brasil. Sepultado no cemitério da Linha 2 Norte (Linha Mantuani) Silveira Martins, RS. Era filho de Giovanni Battista Cerati e Eva Baracca.

Casou com Margherita Ângela Maria Piccinini, filha de Massimiliano Sobiolo e Caterina Sobiolo, em 11 de junho de 1866, em Viadana, Mantova, Lombardia, Itália. Margherita nasceu em 19 de abril de 1841, em Viadana. Faleceu em 24 de dezembro de 1919 e foi sepultada no Cemitério da Matriz em Silveira Martins, RS.

Eles tiveram os seguintes filhos:

Cesare Luigi Giovanni Cerati, que nasceu em 16 de março de 1867, em Viadana, Mantova, Itália. Faleceu em 14 de agosto de 1948, em Barreiro, Ijuí, RS, e foi enterrado no Cemitério do Barreiro. Cesare Luigi casou-se com Elvira Lubini, filha de Giovanni (João) Lubini e Thereza Capoani Lubini, em 26 de outubro de 1884, na Igreja Santo Antônio de Pádua, de Silveira Martins, RS.

¹Onésimo Antonio Ceratti, bacharel em Ciências Políticas econômicas pela Faculdade de Cruz Alta e bacharel em Direito pela Unicruz – Universidade de Cruz Alta. Neto de Massimo Ceratti, imigrante italiano.

²Larissa Lucchese Ceratti, bacharel em Administração pela Unijui – Universidade de Ijuí. Bisneta de Massimo Ceratti, imigrante italiano.

Elvira nasceu em 27 de fevereiro de 1868, em Cizogncasa, Mantova, Itália. Ela faleceu em 27 de maio de 1918, em Silveira Martins, RS.

Cesare Luigi também casou com Joana da Silva Bueno, filha de José Crescêncio Bueno e Antônia da Silva, em Barreiro, Ijuí, RS. Joana nasceu em 12 de julho de 1896, no Barreiro, Ijuí, e faleceu em 1950.

Massimo (Massimino) Giovani Cerati nasceu em 3 de dezembro de 1869, em Viadana, Mantova, Itália. Faleceu em 11 de maio de 1949, em Ijuí, RS, e foi enterrada no Cemitério Municipal de Ijuí, RS.

Massimo casou-se com Maria (Marieta) Damian, filha de Santo Damian e Mariana Sfredo, em 30 de dezembro de 1889, em Silveira Martins, RS, Brasil. Maria nasceu em 1870, em Fontanafredda, Pordenone, região de Friulli-Venezia Giulia, Itália. Ela faleceu em 16 de dezembro de 1902, em Jaguari, RS, e foi enterrada no Cemitério da Linha 9, Jaguari, RS.

Massimo, viúvo, também casou, em segundas núpcias, com a viúva Ida Angela (Angelina) Gonzatto, filha de Nicola Gonzatto e Maria Fioravanzo, em 02 de junho de 1903, em Jaguari, RS. Ida Angela nasceu em 04 de março de 1875, em Verona, região do Veneto, Itália. Ela faleceu em 13 de agosto de 1972, em Ijuí, RS e foi enterrado no Cemitério Municipal de Ijuí, RS. Ida Angela viúva de Carlo Ceribola, tinha três filhos: Angelo Ceribola, casado com Maria Boff; Vitório Ceribola, casado com Amábile Sperotto e Matilde Ceribola casada com Alfredo Padias.

Geovanni Camillo Cerati nasceu em 12 de agosto de 1871, em Viadana, Mantova, Itália. Faleceu em 26 de fevereiro de 1954, em Santa Rosa, RS. Casou-se com Giustina (Augusta) Zordani, filha de João Zordani e Rosa Veronesi, em 20 de agosto de 1892, em Silveira Martins, RS. Giustina nasceu em 1873 e tiveram os seguintes filhos: Teresa Santa Ceratti, Antonio Maximiliano Ceratti, Rosa (Rosina) Margherita Ceratti, Antonio Luis Ceratti, Imério Pedro Ceratti, Tereza Ceratti e Albino Ceratti.

Sigismondo Giovanni Cerati nasceu em 10 de dezembro de 1873, em Viadana, Mantova, Itália. Faleceu em 8 de janeiro de 1923, em Cacequi, RS. Casou-se com Chiara (Clara) Castellazzi, filha de Enrico Castellazzi e Prassede Castellazzi, em 14 de setembro de 1895, em Silveira Martins, RS. Chiara nasceu em 1879, na Itália e faleceu em 20 de outubro de 1936, em Júlio de Castilhos, RS. Tiveram os seguintes filhos: Rosa Ceratti, Margarida (Tinen) Ceratti, Carlos Ceratti, Henrique (Riqueto) Ceratti, Delcisa (Bila) Ceratti, Rizzieri Augusto Ceratti, Pedro Ceratti, Imério Maximiliano Ceratti,

Margherita Ceratti, Arlindo Domingos Ceratti, Helena Ceratti e Elvira Ceratti.

Carlo Cesare Patrizio Cerati também foi casado, em primeiras núpcias, com Monica Maramotti, filha de Giuseppe Tosi e Angela Tosi. Monica faleceu em 17 de abril de 1866, em Viadana, Mantova, Itália.

Eles tiveram os seguintes filhos:

Giuseppe Ulisse Cerati, nasceu em 21 de novembro de 1857.

Cesira Angela Francesca Cerati, nasceu em 28 de fevereiro de 1859. Faleceu em 8 de setembro de 1859.

Maria Ernesta Francesca Cerati nasceu em 5 de novembro de 1861, Itália.

Pietro Cesare Luigi Cerati nasceu em 12 de fevereiro de 1864, vindo a falecer com 8 dias, aos 20 de fevereiro de 1864, na Itália.

Giuseppe Ulisse Cerati e Maria Ernesta Francesca Cerati não acompanharam o pai na vinda para o Brasil, permanecendo na Itália.

Histórico

A história da família Ceratti no Brasil, oriunda de Cogozzo, Viadana, Mantova, região da Lombardia, Itália, iniciou com a chegada do casal patriarca Carlo Cesare Patrizio Cerati (43 anos) e Margherita Piccinini Cerati (36 anos) e seus quatro filhos Luigi Cerati (10 anos), Massimo Cerati (8 anos), Camilo Cerati (6 anos) e Sigismondo Cerati (4 anos) no porto de Vitória (ES), no dia 20 de janeiro de 1878 e no porto do Rio de Janeiro em 26 de janeiro de 1878.

No navio a vapor “Izabella” que havia partido do porto de Genova, Liguria, Itália, no dia 27 de dezembro de 1877 também vieram outras famílias originárias da comuna de Viadana, Província de Mantova, na região da Lombardia, norte da Itália, segundo o Padre Dom Guido Tassoni (genealogista) da paróquia “Santi Apostoli Filippo e Giacomo”, da Itália.

Carlo Cesare Patrizio Cerati, sua esposa e quatro filhos chegaram a Colônia de Silveira Martins, RS, em setembro de 1878, integrando a segunda leva de imigrantes italianos que vieram para a então quarta colônia imperial, no centro da então província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

O percurso usado para chegar a Colônia Silveira Martins, segundo relato de antigos imigrantes e historiadores é provável que tenham partido do porto do Rio de Janeiro de navio até o porto de Rio Grande. De barco através

da Lagoa dos Patos e do rio Jacuí até chegar em Cachoeira do Sul. Depois teriam utilizado carretas de bois para percorrer cerca de 100 km até Val del Buia no pé da serra. Lá encontraram um barraco para abrigar os imigrantes no qual ainda haviam russos que estavam deixando a região após enfrentar uma terrível epidemia de “febre amarela”. Muitos imigrantes italianos morreram e os sobreviventes continuaram a jornada enfrentando o aclave e as dificuldades da subida da serra até chegarem à Colônia Silveira Martins.

Os imigrantes italianos procedentes da província de Mantova foram assentados na Linha 2 Norte (Linha Mantuani), uma área acidentada da Colônia Silveira Martins. A área já havia sido demarcada em lotes pelo Engenheiro José Manoel da Siqueira Couto, chefe da Comissão de Terras da então quarta colônia imperial, que concedeu a cada chefe de família imigrante um lote rural (colônia) de 25 ou 30 hectares com respectivo título provisório de propriedade.

Carlo Cesare Patrizio Cerati recebeu o lote número 505 onde estabeleceu-se com sua família e mais tarde agregando também o lote de número 500 (no mesmo travessão) para seus herdeiros. Os imigrantes construíram casas com paredes de pedra medindo até 60 cm de espessura.

Carlo Cesare Patrizio Cerati faleceu em 19 de fevereiro de 1888 vítima de uma insidiosa pneumonia tendo recebido todos os sacramentos dos enfermos, de acordo com o Padre Sório, no óbito (Livro n. 1 1884-1907, 18v), e foi sepultado no cemitério da Linha 2 Norte em Silveira Martins.

Dos quatro filhos de Carlo Cesare Patrizio Cerati, Sigismondo permaneceu em Silveira Martins e os outros três Luigi, Massimo e Camillo, depois de se fixarem por algum tempo em Jaguari, foram para a Picada Conceição. Luigi em 1909 e Massimo em 1915 se estabeleceram definitivamente no Barreiro (Picada Conceição), Ijuí, RS, enquanto que Camillo se transferiu para Santa Rosa.

Além de dedicar-se a lavoura, Luigi Ceratti foi também proprietário de um bolicho, durante vários anos, na sede do povoado do Barreiro. Após certo tempo transferiu o bolicho para o seu sobrinho e afilhado Carlos Ceratti, filho de Massimo Ceratti, que explorou o comércio de 1942 até 1948 quando se transferiu para o seu novo armazém de secos e molhados, localizado na rua Marechal Mallet, 398, bairro da Penha, Ijuí, RS.

Do casamento de Luiz (Luigi) Ceratti e Elvira nascem 19 filhos: Catterina Francisca, João Baptista, Erminia Maria, Carlos Luiz, Elvira

Theresa, Rinaldo Júlio, Miguel Domingos, José Ecipriano, Maria, Elvira, Júlia, Margaritha Rosa, Luiz, Margarida, César, Adelaide, Jesmina, Rosa e Carolina.

Luigi também casou com Joana da Silva Bueno, e tiveram 5 filhos: Elvira, Helena, Luiza, Regina e Élida.

Massimo Ceratti e filhos chegaram ao Barreiro, Ijuí, RS, em 1915. Sua profissão básica sempre foi a agricultura, mas também “quebrou muito galho” como dentista prático, atividade limitada apenas à extração de dentes, com um instrumento precário recebido de herança de seu pai Carlo Cesare Cerati, tendo transmitido mais tarde este ofício para o seu filho Gildo Ceratti.

Massimo Ceratti e sua esposa Angelina (Angela) Gonzatto Ceratti, em 1948, se transferiram para Ijuí acompanhando seu décimo primeiro filho, Carlos Ceratti, vindo a falecer em 11 de maio de 1949, na cidade de Ijuí com 79 anos.

Do casamento de Massimo Ceratti e Maria Damian nasceram oito filhos: Dosolina Rosa, casada com Pacifico Bressan; Theresa (faleceu com 7 meses); Theresa Maria, casada com Marco Damian; Fioravante César, casado com Angelina Brum; Carlos (faleceu com 1 ano de idade); Margarida, casada com Júlio Callegaro; Victorio, casado com Regina Dezordi e João casado com Elisabeth Martini.

Do casamento de Massimo Ceratti com Ida Angela (Angelina) Gonzatto nasceram mais seis filhos: Maria, casada com Celso Guimarães; Elvira, casada com Natalino Bronzatto; Gildo, casado com Luisa Boff; Virginia, casada com Benjamim Miron; Carlos, casado com Amábile Deboni e Dileta casada com Faustino Ávila.



Angela Gonzatto Ceratti e suas netas: Selene, Rita, Odila, Regina, Lourdes e Lair.

Carlos Ceratti casou-se com Amabile Maria Deboni Ceratti, filha de Francisco e Joana Deboni, em 20.05.1942. Tiveram cinco filhos: Selene Maria, Lair Antoninha, Onésimo Antonio, Nerêo Francisco e Maria Madalena.



Carlos e Amabile Ceratti com os filhos: Onésimo Antonio, Selene Maria, Nerêo Francisco, Maria Madalena e Lair Antoninha.

Após seu casamento, em 1942, alugou a casa comercial de seu tio Luigi Ceratti, existente no Barreiro. No período que trabalhava como aprendiz no comércio de seu tio Luigi transportava produtos coloniais do Barreiro para Cruz Alta, com um carroção puxado por bois, trazendo no retorno mercadorias diversas para serem revendidas. Cada viagem demorava em torno de 3 dias.

Em 1948 transferiu-se para Ijuí, para o seu novo armazém de secos e molhados, situado na esquina das ruas Marechal Mallet com a das Chácaras, bairro da Penha. No mesmo bairro, em 1960, associou-se ao Sr. Juvenal Braz na exploração da Fundação Serrana Ltda, exercendo a atividade industrial até a sua aposentadoria no ano de 1978.

Participações comunitárias de Carlos Ceratti:

- Criação e construção em sistema de mutirão da Capela Nossa Senhora da Penha.
- Fundação da Associação dos Moradores do Bairro da Penha, um dos bairros mais antigos de Ijuí.
- Integrante da comissão que conseguiu a criação do Colégio Estadual N.S. da Penha.
- Colaboração na construção da Matriz São Geraldo.
- Membro integrante do PTB-Partido Trabalhista Brasileiro até a extinção pela ditadura militar.
- Participou dos primeiros movimentos para a fundação do CTG Clube Farroupilha



Carlos e Amabile Ceratti com os netos.

O casal Carlos e Amábile Ceratti teve cinco filhos

- Selene Maria, casada com Antonio Nilo Schirmer;
- Lair Antoninha, casada com Egone Franke;
- Onésimo Antonio, casado com Maria Iignes Lucchese;
- Nereo Francisco;
- Maria Madalena, casada com Adolfo Valentim Llano Giacomo.

Carlos Ceratti, como esposo, pai e avô teve uma vida simples, gostava muito do trabalho, conhecendo vários ofícios, gostava de pescarias, de usar bombacha, de assar churrasco, de jogar cartas, de contar histórias do passado, de visitar parentes e amigos, tendo deixado aos seus filhos e netos um legado muito precioso de amor à família, de respeito e honradez, de tomar posições firmes e, principalmente, ter honrado seus pais e ancestrais, tendo orgulho de sua maior identidade, o nome Ceratti. Ele faleceu no dia 30 de outubro de 1994, com idade de 82 anos.

Primeiro Encontro da família Ceratti

Em 2008 na cidade de Ijuí aconteceu o primeiro encontro da família Ceratti. Foi um momento de muita alegria ao reencontrar parentes que há muito tempo não se viam.



1º Encontro da Família Ceratti.

O descendente Onésimo Ceratti

Onésimo Antonio Ceratti, terceiro filho do casal Carlos e Amabile Deboni Ceratti, é bacharel em Ciências Econômicas e Ciências Jurídicas e Sociais, pela Unicruz, de Cruz Alta; foi funcionário do Banco do Brasil, de 1969 a 1996. Tesoureiro da Paróquia São Geraldo (1985 a 1992); presidente da Comunidade Católica Nossa Senhora da Penha (1993 a 1996); tesoureiro (1969, 1992 a 1996 e 1999 a 2000) e presidente (2001, 2002, 2011 a 2014) do Centro Cultural Regional Italiano de Ijuí; presidente da União das Etnias de Ijuí e da Fenadi - Festa Nacional das Culturas Diversificadas (2003 a 2006); conselheiro do Consu – Conselho Universitário da Unijuí, representando a comunidade externa; e atualmente conselheiro do Conselho Diretor da Unijuí, como representante da comunidade externa; Conselheiro do CPEA – Conselho Paroquial de Economia e Administração da Paróquia São Geraldo; Conselheiro do CDEA– Conselho Diocesano de Economia e Administração da Mitra Diocesana de Cruz Alta.

Família de Onésimo e Maria Ighes Ceratti

De seu casamento com Maria Ighes Lucchese Ceratti nasceram três filhos.



Família de Onésimo e Maria Ighes Ceratti.
Expojui/Fenadi 1993.

Ana Cláudia, odontóloga, especialista em periodontia e odontopediatria. Reside em Ijuí com a família. Casada com Marco Túlio Thomé da Cruz, advogado, mãe de Ana Beatriz e Joana.

Ciro Carlos, Engenheiro Eletricista, casado com Raquel Fontoura Kasienko, advogada, pai de Maria Fernanda; reside com a família há mais de 10 anos na capital do estado. Quando jovem dançou nos grupos de dança “*Pimpinelli*” e *Giovanotti*”.

Larissa, bacharel em Administração, especialista em gestão estratégica de negócios; reside em Ijuí e desde pequena tem grande envolvimento no Centro Cultura Italiano. Dançou nos grupos de dança “*Banbini*” e fez parte de diversas diretorias da entidade, sendo atualmente segunda secretária.

Momento marcante da família com as netas do casal: Ana Beatriz Ceratti Thomé da Cruz, Joana Ceratti Thomé da Cruz e Maria Fernanda Kasienko Ceratti.



Onésimo e Maria Ines Lucchese Ceratti. De pé: Ciro Carlos, Raquel, Ana Cláudia e Larissa. Sentados: Onésimo (Maria Fernanda no colo), Maria Ines (Joana no colo). Agachados: Ana Beatriz e Marco Túlio.

CHITOLINA

Euclides Chitolina¹
André Vinícius Chitolina²

Família proveniente da Região da Lombardia, província de Mantôva, Vilarejo do Saccheta, Comuna de Sustinente, Porto do Gênova.

A origem da família em registros mais longínquos está em Giuseppe Chitolina, o qual nasceu em Dosollo, Paróquia da Diocese de Cremona, província de Mantôva em 9 de janeiro de 1792, filho de Giovane Chitolina e Ana Maria Genari e após, seu filho, Eustácchio Inocente, filho de Giuseppe Chitolina e de Apolonia Graziani, nasceu em 28 dezembro de 1816, em Sacchete, comuna de Instinente, Diocese e província de Mantôva.

O precursor da imigração ao Brasil, o patriarca Pio Giuseppe Chitolina, filho de Eustácchio Inocenta Chitolina e de Tereza Carreri, nascido em 16 de outubro de 1847 em Sacchetta, comuna de Instinente, província de Mantôva, foi batizado dia 17 de outubro de 1847 na Igreja São Gerônimo, paróquia da mesma localidade de nascimento em Sacchetta. Casou-se no dia 17 de fevereiro de 1871 com Teodora Dominica Gadioli, natural de Pieve de Coriano, província de Mantôva. A cerimônia foi realizada na igreja São Gerônimo de Saccheta. Saíram da Itália em 1878 no mês de março, de Saccheta até a sede da província, foram de carroça. E de lá até o porto de Gênova viajaram de trem.

¹Professor, filho de Carlos Chitolina e neto de Marcos Chitolina.

²Filho de Euclides Chitolina.

Chegaram ao Brasil na 2ª quinzena de abril do mesmo ano, em Porto Alegre. Pouco tempo depois se instalaram na Colônia Dona Isabel, hoje, Bento Gonçalves. Em 1884 receberam um lote de terra, na Linha Armênia. Hoje pertencente a Monte Belo do Sul/RS.



Pio Giuseppe Chitolina.

Interior do Rio Grande do Sul e os primeiros assentamentos

No início de 1900 toda família de Pio Giuseppe transferiram residência para Guaporé/RS. Nesta cidade, cada filho adquiriu um lote de terra, todos trabalhavam na agricultura. O Filho Marcos Antônio Chitolina teve 10 filhos: Maria, Pio, Deleisa, Carlos (MEU PAI), Anália, Francisco, Vitória, Tereza, Luiz e Casemiro.

No início da 3ª década de 1900, Marcos Antônio Chitolina transferiu-se de residência para a cidade de Santa Rosa/RS, com toda família, com exceção de Maria Chitolina, que foi para a cidade de Videira, estado de Santa Catarina.

Também foram para Santa Rosa os irmãos de Marcos Antonio Chitolina: Verissimo e Francisco.

Os demais Irmãos: João, Eugênio, Cesar, Leandro e Deleisa permaneceram em Guaporé. Júlio Chitolina foi para Carazinho/RS e Santo para Região de Santo Ângelo/RS e Giruá/RS.

A primeira moradia da família de Marcos Antônio Chitolina foi feita de maneira bastante rústica, mesmo para os padrões da época, na linguagem



Marcos Antônio Chitolina.

popular, de “pau-a-pique”, coberta de capim e fechada com taquaras do mato. Porém, visando melhorar o padrão, logo começaram preparar a madeira para construção de outra moradia, com mais conforto e segurança. As tábuas e troncos eram serrados de maneira manual, em estaleiro e esta era amarrada com troncos de árvores na altura desejada onde se colocava as toras na parte mais alta e fixadas. Uma pessoa em cima do estaleiro e outra embaixo com uma serra especial serravam as tábuas. As toras eram trazidas até o estaleiro com uma junta de bois de arrasto ou de carroça. Simultaneamente usavam as tabuinhas para cobrir a casa. Na época não havia serrarias na redondeza. Estas surgiram bem mais tarde. No começo as janelas das casas eram cegas.

Em geral, os imigrantes entendiam e dominavam um pouco do conhecimento sobre as técnicas de carpintaria e marcenaria, o que auxiliou muito para o empreendimento da edificação das residências.

Mais tarde, Marcos A. Chitolina construiu uma casa grande com cantina na parte inferior. Na parte interna uma sala grande rodeada de dormitórios. Também tinha sótão com mais dormitórios. Desta forma, conseguiu dar um pouco mais de conforto à família.

O sustento que vem da terra

A economia na época era baseada na lavoura com produção de milho, trigo, feijão, mandioca e outras culturas menores. Não diferente, a família de Marcos A. Chitolina teve na terra o seu sustento e geração de renda.

A produção de milho e mandioca se destinava para o trato dos animais, bois,

vacas de leite e suínos. Com o tempo, a suinocultura passou a ser a principal atividade econômica.

Os homens se dedicavam principalmente aos serviços da lavoura e as mulheres cuidavam da casa, criação de galinhas e ordenha das vacas. Fazer o queijo, alimentar os animais, cultivar a horta e cuidar das crianças, eram tarefas do cotidiano para a família.

Também se produzia muitas frutas, laranjas, plantas ornamentais, maçãs, peras, melancias, melões, etc.

O cotidiano das famílias

O dia a dia da família era baseado no trabalho, praticamente todo manual, o qual envolvia praticamente todos, cada qual com seus afazeres para que a soma representasse a continuidade de uma vida simples, porém com uma profunda raiz italiana, mantendo os costumes de seus antepassados.

A nona, como era popularmente chamada a avó no seio da família italiana, trabalhava também com a Roca que preparava o fio para as roupas. O fio era de algodão ou lã de ovelha.

As roupas eram costuradas pelas mulheres da casa, principalmente as de uso diário. As domingueiras e as de festas eram feitas por costureiras ou alfaiates.

A culinária italiana

A alimentação ficava a cargo das mulheres, porém, com alguma ajuda dos homens da casa. Era a base de pão, massa, arroz, feijão, polenta, queijo, leite, carnes de frango, suínos, milho, morangos, hortaliças diversas, etc... O radiche era cultivado o ano inteiro, outras culturas eram sazonais. Esses alimentos eram usados principalmente no almoço e janta. Uma alimentação rica em carboidratos e proteínas, pois precisavam de muita energia para o desenvolvimento do árduo trabalho em suas terras.

No matinal servia-se: pão, polenta brostolada, queijo, café, leite, salame ou copa, mel, melado, manteiga ou nata. Alguns alimentos eram alternados. Precisavam de muita caloria para enfrentar o dia de trabalho.

Doces, cucas, tortas eram feitos principalmente nas festas do Natal, Páscoa e nas festas de casamentos. Segundo a tradição italiana.

Na Itália ainda hoje esta tradição é respeitada por muita gente.

O lazer da família, a época

Na época o lazer era bastante restrito. Às vezes ocorriam bailes surpresa, pois sempre havia um gaiteiro nas redondezas. Com o tempo foram surgindo bailes públicos nos salões comunitários. As festas religiosas e o futebol faziam parte do lazer nos finais de semana.

Os bailes surpresas eram realizados na sala grande da casa. A dança da vassoura e a dança do espelho eram um costume na época. Ofereciam-se bolachas, biscoitos, vinho, etc.

Os jogos de cartas como três sete e quatrilha, com baralho espanhol, atividades essas muito disputadas.

Os casamentos, a religião

As festas de casamento duravam o dia todo. Começavam pela manhã com foguetório e se estendiam até noite adentro, com baile, comida e bebida.

No casamento, o almoço tinha como entrada a sopa, depois se servia frangos recheados, assado de leitão, pão, cuca, tortei cozido na água, enrolados em panos, rocambole, vinhos, sucos, etc. O ambiente era ao ar livre, com uma armação coberta de taquaras e folhas de palmeiras.

Nos primeiros anos os noivos iam a cavalo para o casamento na igreja e no civil. Para as mulheres, havia uma sela especial chamada “selim”. Os Chitolina eram muito devotos a Santo Antônio e a Nossa Senhora.

Frequentavam a missa aos domingos quando havia padre na paróquia. Na parte da tarde, se participava do terço na capela e nos dias santos.

A família ia à missa a cavalo, mais tarde surgiu a “aranha” condução com duas rodas puxada por dois cavalos.

História de Carlos Chitolina, um ramo da Família Chitolina

Carlos Chitolina, filho de Marcos A. Chitolina e Luiza Catarina Pascoali, nasceu dia 7 de janeiro de 1906, em Guaporé/RS.

Em 22 de junho de 1929 casou-se com dona Rosa Jacomina Gheller, nascida em 31 de outubro de 1911, natural de Soledade. Filha de Stefano Gheller, natural da Itália e de Rosa Ghellar. Esta faleceu em Soledade, os netos não chegaram a conhecê-la.

Após o casamento, se estabeleceram no interior de Santa Rosa/RS e ficaram morando uns anos com os pais, onde nasceram os primeiros 2 filhos.

Após, compraram uma colônia de terra nas proximidades pertencentes a José Dal Pizzol.

Os demais filhos nasceram na nova propriedade, ao todo Carlos e Rosa tiveram 11 filhos: Itavim, Euclides, Elimar, Maria, Iraci, Zenaide, Olisses, Valdomiro, Terezinha, Celso e Laureano.

- Itavim casou-se com Rosalina Da Rocco têm 5 filhos.
- Euclides casou-se com Eldiva Dal Forno têm 4 filhos.
- Elimar casou-se com Leonora Dal Pizzol têm 4 filhos.
- Maria casou-se com Fideles Carpenedo têm 4 filhos.
- Iraci casou-se com Juanito De Conti, têm 8 filhos (a mais faceira)
- Zenaide casou-se com Cleto Bortoli têm 2 filhos.
- Olisses casou-se com Maria Helena têm 5 filhos.
- Valdomiro casou-se com Albrida Fachinello têm 2 filhos.
- Terezinha casou-se com Eli Chitolina, têm 4 filhos.
- Celso casou-se com Elizabete têm 2 filhos.
- Laureano casou-se com Carmem têm 3 filhos, e em segunda núpcias com Joslaine Machado têm 1 filho.

As atividades econômicas da família de Carlos Chitolina

No começo, as principais atividades econômicas eram baseadas na agricultura como os demais ancestrais da família. Mais tarde, a suinocultura passou a ser principal atividade econômica da família.

A extração da madeira passou a ser uma atividade econômica importante também, muito porque as matas eram abundantes e a madeira era um produto de mercado.

O milho e a mandioca eram produtos bastante cultivados, pois se destinavam também a alimentação dos animais.

Também fabricavam açúcar mascavo, melado e rapaduras para consumo próprio. Um pequeno engenho extraía a “guarapa” da cana. Esse era movido com uma junta de bois, forma bastante rústica de produzir.

O açúcar branco era para as crianças pequenas, visitas e para fazer doces. Não era usado no consumo do dia a dia, devido ao seu alto custo para os padrões da época.



Carlos Chitolina.

A família tinha um parreiral grande, cujo objetivo principal se destinava para produção de vinho colonial, com reservas em pipas de madeira, para o ano inteiro, pois era a principal bebida dos pais e avôs Italianos. A vizinhança sempre se ajudava uns aos outros, pois o trabalho para produção do vinho exigia muita mão-de-obra nos dias de colheita da uva e, conseqüentemente, para moer a uva para produção do produto.

O costume italiano trazia sempre o vinho no almoço e na janta. Com 8 anos os filhos já podiam tomar vinho. Essa era uma tradição na época.

Com as cascas que sobravam se fabricava a Graspa, uma bebida semelhante a cachaça, porém a base da matéria prima para a fabricação era a casca e restos dos cachos.

No começo da década de 40 foi instalado um pequeno alambique para a produção de cachaça. Três anos depois desistiram, pois não era lucrativo.

Acompanhando a história, guerra mundial de 1940 a 1945

A família sentiu os efeitos da Segunda Guerra Mundial, apesar do Brasil e nossa região estarem longe do conflito, enfrentavam-se diversas dificuldades na vida doméstica e no comércio. Havia escassez principalmente de querosene, gasolina e sal.

Os carros foram adaptados a gasogênio, combustível a base do carvão vegetal. Só havia uma casa comercial na região, que recebia sal e querosene, em quantidade limitada. Ele distribuía um pouco para cada um, de maneira que todos os clientes pudessem, ao menos, ser parcialmente atendidos.

A casa comercial era distante 16 km da moradia de Carlos Chitolina e quem ia buscar geralmente era a sua esposa, a senhora Rosa G. Chitolina. Ela

montava um tordilho marchador para deslocar-se até a venda.

Às vezes os filhos a acompanhavam montado num burro empacador. Acordava-se de madrugada para estar de volta logo à tarde, pois as distâncias tornavam demorados os deslocamentos.

Atividade primária, subsistência própria

Na época, as famílias, vizinhos e amigos ajudavam-se mutuamente em atividades que se exigia maior quantidade de mão-de-obra. Isto era um marca registrada da união de todos em prol do bem comum.

Na colheita do trigo e do feijão a vizinhança ajudava. O trigo era colhido com foicinhas, colocado em porções e depois amarrado em feixes e colocado em galpões, até chegar a trilhadeira, só havia aquela para toda região e toda a vizinhança auxiliava na trilha do trigo.

O feijão era arrancado manualmente e colocado no chão até ficar bem seco. Depois era colocado numa lona e debulhado com “mangoal” ou cavalos.

A soja foi introduzida mais tarde. Era plantada em consórcio com o milho. Foi tomando o lugar do feijão. A debulha era feita com máquina (trilhadeira).

Para conseguir farinha de milho ou de trigo, o produto ia em cima do lombo do cavalo, distante 6 a 16 km, até o moinho mais próximo.

Havia criação de suínos, visto que era uma das principais fontes de proteína. O aproveitamento do animal era quase total e, além do consumo da carne, era utilizado na fabricação de salame, copas, codeguim, morcilhas, pois era uma forma de conservação do alimento por mais tempo.

Carne bovina era coisa rara na época. De tempo em tempo alguém carneava uma para os vizinhos e redondeza. Só se comprava o que se consumia em poucos dias. Não havia energia elétrica e nem geladeiras.

Seguindo a história, Euclides Chitolina, filho de Carlos Chitolina

Euclides Chitolina filho de Carlos e Rosa Ghellar Chitolina nasceu em 12 de setembro de 1931, na localidade de São Marcos, município de Santa Rosa.

Aos 7 anos começou a frequentar a escola e ajudar a cuidar das crianças menores. Com 8 anos ajudava na lavoura até os 20 anos. Nos últimos 4 anos ajudava nas férias.

Dos 9 anos até os 15 anos sofreu 2 acidentes. O primeiro, a queda de uma árvore numa altura de 5 metros, teve o ouvido direito prejudicado. O segundo acidente foi com arma de fogo, uma espingarda que disparou atingindo a mão esquerda perdendo 3 dedos, isto com a idade de 15 anos.

Aos 16 anos foi estudar na Escola Normal Rural Marista em Guaporé em regime de internato em 1948. O curso durou 4 anos, tendo concluído em 1951 como Professor do Ensino Primário Rural. Em abril de 1952 assumiu funções de Professor e Diretor da Escola Rural da linha 28 Norte pertencente a Ijuí, hoje Ajuricaba.

Em março de 1956 foi transferido para a Escola Rural Reunida da Vila Salto em Ijuí, hoje Município de Bozano/RS.

Assumi as funções de Professor e Diretor, durante 28 anos. Nos últimos anos exercia somente as funções de Diretor. Alguns tempos se passaram...

Em dezembro de 1956 encontrou-se com a Srta Eldiva Dal Forno em Cruz Alta. O primeiro encontro foi no cinema - Cine Ideal, localizado à Rua Pinheiro Machado. A Srta. Eldiva estudava no Colégio Santíssima Trindade de Cruz Alta. Assim iniciou o namoro, o qual durou praticamente 3 anos. Em 9 de janeiro de 1960 casaram-se na Igreja Santo Antônio de Vila Salto.

Na lua de mel viajaram a Porto Alegre de avião, na época haviam voos regulares de Ijuí a Porto Alegre. O matrimônio foi agraciado com 4 filhos, Grace Meri, João Carlos, Marcos Aurélio e André Vinícius. Todos contam hoje com Cidadania Italiana. Grace Méri casou-se com Ivo L. Villetti e teve 2 filhos: Manoela e Pedro; Marcos Aurélio casou-se com Cláucia D. Villetti e teve 2 filhas: Paola e Giovana; André Vinícius casou-se com Iria de Oliveira Cunegatti e teve uma filha: Júlia. Da família de Grace Méri ainda nasceu a primeira bisneta de Euclides e Eldiva: Alice, filha de Manoela, a qual casou-se com Marcelo Castro.



Família Euclides e Eldiva Chitolina.

Enfim...

Até aqui falamos sobre 7 gerações da família Chitolina, desde os primórdios tempos, desde a região da Itália de onde foram oriundos, e após a imigração ao Brasil, atravessando o grande oceano Atlântico e a família fixando suas raízes no Extremo Sul do Brasil, no interior do Estado do Rio Grande do Sul. Hoje a família possui um grande número de membros espalhados em várias regiões, alguns fora do país, porém todos, em algum grau, possuem um vínculo parentesco.

COSTA BEBER

Celito Costa Beber¹

Rene Líbera Callai Costa Beber²

Em 1875, num acordo entre o governo imperial brasileiro e a Itália, começou um grande movimento de emigração de italianos para o Brasil. A pequena comuna de Posina, na Província de Vicenza, onde morava a família de Luigi e Appolonia Benetti Costa Beber, também foi alvo dos agentes de emigração, à procura de pessoas que quisessem vir para o Brasil.

Com a aquiescência da esposa Appolonia e dos filhos, já um pouco crescidos, em janeiro de 1883 a família tomou a importante decisão de emigrar.

A viagem durou em torno de 36 dias, aportando na Ilha das Flores (RJ). Dali, ainda de navio, rumou para o porto de Rio Grande e depois Porto Alegre, seguindo de barco pelo Rio Jacuí até Rio Pardo e dali até o “barracão”, em Silveira Martins, de carroções puxados por juntas de bois, sendo que as mulheres e crianças viajavam embarcadas e os homens seguiam a pé!

Após a breve estada no “barracão”, a família se instalou na Linha Seis Norte, região próxima a Silveira Martins, onde viveram por muitos anos.

¹Filho de João Costa Beber sobrinho e Pierina Zamberlan Costa Beber, neto de Luigi e Appolonia Costa Beber.

²Orientadora Educacional e esposa de Celito Costa Beber.

Genealogia de Luigi e Appolonia

Luigi Costa Beber e Appolonia Benetti Costa Beber nasceram na comuna de Pósin, Província de Vicenza, Itália. Ele em 08/02/1846 e ela em 30/06/1846 e casaram na mesma localidade em 04/01/1869.

Em 1883, partiu para o Brasil o casal e seis filhos: Pietro (17/10/1869), Giovanni Battista (13/06/1871), Leopoldo (13/07/1875), Giuseppe (26/10/1877), Santa (15/01/1880) e Antonio (20/09/1882), posto que Maria (29/06/1873) faleceu ainda pequena, na Itália.

No Brasil nasceram: Maria Catarina (15/09/1885); João (28/09/1887) e Maria (02/09/1890).

Luigi e Appolonia deram origem a uma das mais numerosas famílias de descendentes italianos existentes no Brasil.

Nesta narrativa será dado enfoque ao primogênito de Luigi e Appolonia, Pietro, que veio ainda adolescente da Itália.

Ele casou em 17.08.1891, em Silveira Martins, com Maria Catterina Mogentale, também natural de Pósin, Vicenza.

O casal teve doze filhos: Júlia; Andréa Avelino; Serafim; Lúcia Irene; Pedro Justino; Giustina; Albina Margarida; Maria Tranquilina; Rosa Ana; João, meu pai; Vitória e Zenone Belino (padre Palotino).

Na Linha Seis Norte, próximo ao rio Guarda-Mor, a família se dedicou exclusivamente ao cultivo da terra, à exceção do avô Pietro, que com 17 anos passou a compor a equipe de demarcadores de terras da nova colônia de Ijuí.

Esse trabalho, contudo, foi temporário, em torno de três a quatro anos. Logo voltou para a Linha Seis onde casou e constituiu uma prole de doze filhos, conforme referido.

Com o aumento das famílias, as terras foram escasseando, o que de certa forma “forçou” a busca por maiores espaços!

O trabalho de auxiliar de demarcador de terras feito pelo “nonno” Pietro, quando ainda jovem, serviu de elo para que, parte de seus filhos, a maioria já casados e com filhos, optassem em transferir residência para as novas terras entre Cruz Alta e Ijuí, interior da Vila Visconde de Rio Branco, hoje município de Pejuçara, as quais eram mais próprias para cultivo! Meu pai, por ser um dos mais jovens dos doze filhos, somente veio para esta região por ocasião do casamento com Pierina Zamberlan Costa Beber, de cuja união fui o quinto filho, nascido em 06/04/1942.

Ingresso nos Italianos

Oficialmente, o CECRI iniciou suas atividades em agosto de 1987. Mas só em 1989 passamos a participar esporadicamente de suas atividades, sendo que foi em 1991, quando da eleição do casal presidente Egídio e Marli Dal Forno, atendendo um convite da Marli para ajudar na Fenadi, que passamos realmente a participar do CECRI. A ela, pois, o nosso agradecimento! Outra razão muito forte que consolidou o nosso engajamento, foi o convite para o nosso caçula Leonardo fazer parte do grupo de dança Pimpinelli. Dos seus colegas da época citamos: Nadiesca e Naiara Casarin, Vinicius e Suelen Astarita, Ciro Lucchese, Igor Oppermann, Camila Stumm e Candice Viecilli.!

A partir daí, integramo-nos definitivamente, mantendo o vínculo até o momento atual.

O tempo foi passando e cada vez mais fomos nos comprometendo, integrando diversas Diretorias, na condição de casal Vice Presidente, Tesoureiro e Secretário e de comissões de eventos. E assim, cada vez com mais experiência, vontade de fazer as coisas e o gosto pelo movimento étnico, foi surgindo no grupo a ideia de assumirmos como casal presidente. Porém, como naquela época eu estudava à noite, sobrava pouco tempo para uma dedicação efetiva.



Celito e Renê.
Arquivo pessoal da família.

Mal concluídos meus estudos em 1998, já no ano seguinte, assumimos a presidência do CECRI por dois anos! Com isto tivemos o privilégio da nossa gestão atravessar o século e o milênio, o que não deixa de ser algo inusitado!

O que de certo modo caracterizou as nossas gestões em 1999/2000 e 2007/2008 foi o desenvolvimento de um trabalho de consolidação do Centro. Não fizemos grandes obras e sim pequenas reformas e aquisição de louças, toalhas e cortinas para o Canton e nos dedicamos a estimular os grupos de Danças Bambini, Pimpinelli e Giovanotti, que em 2008 foi substituído pelo grupo Volare e os Grupos de Canto Gira L'Amore

(infantil) e Bel Vivere (adulto), que surgiu em agosto de 1999, na nossa primeira gestão. Foi grande também nosso envolvimento na organização de inúmeros jantares, coordenação de reuniões, representação em eventos, participação efetiva da UETI, na Festitalia e nas Fenadi/ExpoIjuí.

Além das atividades rotineiras, como casal presidente:

- Incentivamos o intercâmbio com a ACITA-Associação de Cultura Italiana de Tupanciretã, comparecendo em eventos por eles promovidos e retribuindo às diversas visitas e apresentações de seu grupo de danças em nossa casa e no palco durante as ExpoIjuí.

- Apoiamos o grupo de teatro quando da apresentação da peça “La Nonna”.

- Oportunizamos o resgate cultural através de visita dos alunos do Curso de Língua Italiana à 4ª Colônia (Vale Vêneto, Silveira Martins, São João do Polênise, Dona Francisca e Nova Palma).

- Participamos da edição e lançamento do Livro de Receitas “Mangia che ti fa bene”, uma coletânea de receitas da cozinha Italiana.

- Incentivamos e apoiamos a continuidade do Curso de Língua Italiana.

- Diligenciamos a participação do CECRI no Concurso Miss Itália nel Mondo, através de nossa representante Luciana Scarton, do grupo de dança Santa Lucia, atendendo a um convite do Consulado da Itália, em 1999.

- Fato relevante que iniciou na nossa gestão foi a tratativa para anexar o terreno da casa do produtor ao espaço do CECRI, sendo que a conclusão do negócio ocorreu mais tarde.

- Acompanhamos os grupos de dança nas apresentações em Oberá, no “Porto Alegre Em Dança” e tantos outros eventos no Estado.

A par da coordenação das atividades sociais, nos dedicamos ainda a causas humanitárias, dentre as quais destacamos o lançamento e participação da campanha “Salvemos uma vida” em prol da saúde do menino Eric William Poffo, neto dos colaboradores Miguel e Rosa Poffo e do movimento desenvolvido pelo Hospital Bom Pastor, cujo objetivo era arrecadar fundos para dar continuidade à construção de seu novo Hospital.

No que se refere ao programa radiofônico, “Italianos Trazem sua Mensagem”, pela Rádio Progresso, incentivamos a inclusão de mais colaboradores na locução. Convidamos Clarice Steinke para participar do

grupo e, numa atitude um pouco inusitada, eu mesmo me escolhi colaborador, permanecendo até hoje! No início atuei com a Dóris, Geder, Ivo Piovesan e Rosângela Tissot. Hoje continuo atuante junto com Altamir Antonini, Clarice V. Steinke, Dolair Callai e Elis Regina Alegranzi, operando na forma de rodízio.

Com o falecimento do Nono Cargnelutti, a partir de 2003, a coordenação da tradicional “colazione” (café da manhã à moda dos imigrantes, com polenta brustolata, fortaia, vinho, salame, queijo, pão e cuca italianos), comemorativa aos aniversários do Programa e oferecida às autoridades, diretoria e funcionários da Rádio Progresso e demais convidados, ficou sob nossa responsabilidade.

Vale também lembrar que as festas dos aniversariantes do trimestre - excelente ferramenta de integração do nosso grupo - tiveram início em nossa gestão, há exatos 20 anos, ao longo dos quais aconteceram eventos memoráveis, que são lembrados até hoje! Só para termos uma ideia, num determinado trimestre o tema foi “os anos sessenta”. Não é que além das calças cor de rosa boca de sino, jaquetas de couro com correntes prateadas, botas a Elvis Presley, o “Il Nostro Canton” foi invadido por motocicletas, lambretas e um carro Chevrolet “Rabo de Peixe”? Coisa de louco!

Reiteramos que não fomos ousados na expansão dos espaços físicos do Centro. Outros dirigentes, com mais propensão para isso o fizeram, de modo que, cada um fazendo a sua parte, atingimos um patamar de crescimento jamais imaginado! Sempre cuidando, entretanto, para que o Centro fosse se equipando à medida das necessidades, tanto em móveis como material de cozinha e outras melhorias. Isso nos permitiu que fizéssemos duas gestões bastante fecundas, com frequentes encontros entre o nosso próprio grupo, sempre acompanhados de um bom jantar típico, cercado de muita alegria e animação!

O resultado foi o fortalecimento de laços de amizade e muita colaboração entre todos os membros do centro.

Outra atividade que fazemos questão de registrar é a nossa participação nas excursões. Quem não gosta de sair, viajar com amigos, conhecer novos lugares?

Pessoas da nossa geração, vivendo no nosso meio, enquanto jovens e mesmo já adultos, muito poucas oportunidades tivemos de realizar esses desejos!

Com o ingresso no Centro Cultural, de certo modo vimos se realizar o sonho de participar de excursões. Viagens curtas, é verdade, mas bem aproveitadas.

Assim, ao longo desses trinta anos, tivemos oportunidade de viajar para Foz do Iguaçu/Ciudad D’Leste, Argentina, duas vezes para as Termas de Piratuba, São Miguel das Missões, Iraí, Serra Gaúcha, Bento Gonçalves, Farroupilha (com direito ao Maria Fumaça) e mais Canela e Gramado, Vila Velha no Paraná, onde amanhecemos e tomamos um delicioso café junto às monumentais pedras. Depois Curitiba e todos os seus pontos turísticos, Camboriú, Termas de Machadinho, hotel fazenda de Vale Real e a última excursão, que ocorreu em maio de 2019, para a cidade das pedras semipreciosas, Ametista do Sul.

Uma característica das excursões são os quitutes que todos levam e, já na saída de Ijuí, começa a degustação!

Muita cantoria, música, violão, acordeão e um costume muito bonito: ao chegarmos os hotéis ou restaurantes o grupo costumava cantar, geralmente sob a batuta do nosso cantor Miguel Poffo: “abre a porteira que eu quero entrar, cidade grande me faz chorar, abre a porteira que eu quero entrar, é em Curitiba (cidade em que nos encontrávamos) que eu vou ficar”! À noite, após o jantar, muita música, cantoria, brincadeiras e dança. Momentos inesquecíveis!

Uma importante prática que se iniciou em 2002 e perdura até hoje é o tradicional Concurso de Vinho Colonial.

O idealizador do evento foi o jornalista José Luiz Bonamigo, que trabalhava na Rádio Progresso e desafiou o CECRI a se engajar no projeto e promover um concurso de vinho colonial, produzido em Ijuí e região.

Ainda que sem nenhuma experiência, saímos a campo em busca de informações, pesquisando acerca dos procedimentos necessários para a realização do concurso, assim como a estruturação de uma ficha de avaliação, com as instruções sobre as várias etapas de uma degustação.

Tendo como local a Cantina Dei Nonni, o primeiro concurso foi realizado em setembro, sendo que para a parte técnica da degustação tivemos a presença do Sr. Lodi Cesa, experiente na área, de Caxias do Sul, que comandou a 1ª equipe de degustadores.

Pelo grande número de amostras, foram necessárias duas noites para avaliá-las.

Até hoje continuamos com o concurso alcançando sucesso, graças ao crescente número de inscritos. A melhora da qualidade dos vinhos e da apresentação das amostras é fruto de um trabalho desenvolvido sob a orientação do jovem casal de enólogos, Eloir e Elizangela Hass e da SMADER – Secretaria de Agricultura do Município. Desse modo, com uma equipe de degustadores de alto padrão, mais um grupo de colaboradores, chegamos em 2019 à 16ª edição, sempre com expressivo sucesso. Sem dúvida, a ideia do Bonamigo caiu em terreno fértil!

Como referimos anteriormente, enquanto casal presidente, nosso objetivo foi sempre dar continuidade ao trabalho das diretorias que nos antecederam.

Dessa forma, estamos convictos de que através da nossa participação como membros do CECRI, por mais de trinta anos, fizemos um trabalho positivo, objetivando o permanente crescimento do movimento de Ijuí, mas ao mesmo tempo temos plena consciência de que os maiores beneficiados fomos nós, que tivemos o privilégio de conhecer e conviver com um grande grupo de amigos que torna a nossa vida mais leve! Obrigado.

A Família de Renê e Celito

Conhecemo-nos em 1959, quando vim para Ijuí e fui ser pensionista da Sra. Joanna Callai, mãe da Renê. Morei lá um ano e começamos a namorar. Foi só o namoro ser anunciado, que prontamente nossos pais decidiram que ali não poderia ficar. Morar sob o mesmo teto, nem pensar e lá me fui para o Hotel Ijuí... mas isto não impediu almoços apressados para dar tempo de um encontro antes do trabalho: eu no Escritório Kirst e a Renê na empresa Konrad & Bauer.

À noite frequentávamos a mesma turma no curso de Contabilidade no Duque de Caxias. As idas e vindas eram sob o olhar atento do Jaeme, que também lá estudava, irmão da Renê, nomeado pela “mamma” Joanna, nosso fiel escudeiro. A formatura foi em 1962.

Depois de cinco longos anos, em 1965 nos casamos e fomos morar em Cruz Alta, onde na FAFI cursei Filosofia e a Renê Pedagogia. Na época eu era funcionário do Banrisul.



Em pé da esquerda para direita: Marcelo, Renê e Leonado. Sentados: Celito e Hervé.
Arquivo da família.

Em 1971 retornamos para cá. Trabalhei na Novo Hamburgo Seguros e a Renê assumiu como Orientadora Educacional na escola Polivalente. E ainda cursei Direito e a Renê fez Pós-Graduação em Orientação Educacional.



Henrique e Mariana.
Acervo dos avós.

Em 1966 nasceu o Hervé, pai da Mariana; em 1971 o Marcelo, pai do Henrique; em 1980 o Leonardo, que nos deram as noras Letícia, Fabiana e Carolina. São eles, que dão sentido às nossas vidas e nos trazem tanta alegria e felicidade!

Além da alegria e realização que os filhos nos trouxeram, o nascimento do primeiro neto Henrique, nos mostrou um pouco mais da plenitude do amor que foi corroborado com a chegada da neta Mariana. Nossos tesouros.

Família Costa Beber – Irmãos Tulio, Hugo Lino, Igino e Tarcisio

A participação da família Costa Beber, representada pelos irmãos acima nominados, netos de Pietro e Maria Catterina Mogentale e filhos de Andréa Avelino e Tereza Stella Costa Beber, moradores da localidade de Santa Lúcia, município de Bozano, “Rincão dos Costa Beber”, remonta o ano de 1987, quando aconteceram as primeiras reuniões do movimento étnico para a construção da casa Italiana.

Nesses primeiros passos, foi muito importante a participação dessa família. Vale salientar, a doação de toda a cobertura da casa, tendo sido usadas “scandoles”, feitas com madeira selecionada nas suas propriedades. Madeira esta preparada com muito cuidado para fazer as tabuinhas, que até poucos anos cobriam a casa. Coube ao Tarcisio, na boléia do caminhão Mercedes, fazer todo o transporte da madeira, que veio de Frederico Westphalen!

No decorrer da construção, o Tarcisio tinha a função de “provedor”, pois era um dos encarregados de providenciar o material necessário para suprir as necessidades dos construtores. Ele esteve muito presente em todas as etapas da construção.



Gema e Tarcisio Costa Beber em atividade no CECRI.

Concluída a casa, o movimento se consolidando, os Costa Beber, juntamente com seus filhos, genros, noras e netos, continuaram por muitos anos colaborando e participando de todos os eventos promovidos pelo Centro Cultural.

Também é bom lembrar que no primeiro e segundo concurso de vinho colonial, em 2002 e 2005, o Igino foi classificado em primeiro lugar nos vinhos tinto e branco, respectivamente! Mercê da qualidade de seus produtos, nos anos seguintes, foi convidado a compor a equipe de degustadores, colaborando com sua competência por muito tempo, até pedir seu afastamento por motivos de saúde.

Mas a família, como tradicional produtora de vinho, ficou representada pelo Tarcisio, que por várias edições teve seus vinhos, de preferência uva bordô, classificados entre os primeiros colocados! Pela qualidade de seus vinhos, até hoje são adquiridos pelo Centro para comercialização nos eventos das nossas casas, o que o deixa muito gratificado!

Com toda certeza podemos dizer que a Gema e o Tarcisio carregam uma profícua trajetória dentro do Centro Cultural, que vem desde a sua fundação, como já referido, estendendo-se até os nossos dias!

Por muitas Fenadi/Expoiujú foram os provedores dos produtos comercializados na Cantina dei Nonni, buscando nos interiores do Salto, Santa Lúcia, Vista Alegre e Bozano, salames, pães, cucas e queijos para abastecer a cantina. Por alguns anos, tiveram a ideia de encomendar copas com mais de metro de comprimento! Não deixava de ser uma novidade, motivo de muita curiosidade dos visitantes! Aproveitando o inusitado das belas peças, que efetivamente chamavam a atenção das pessoas, a Cantina aproveitava a oportunidade para promover uma rifa dessas peças, que eram sorteadas no final da feira, proporcionando maior lucratividade ao movimento da Cantina!

Tarcisio e Gema por muitos anos tiveram o cuidado de trazer para expor durante a Expo/Fenadi instrumentos de trabalho utilizados na agricultura e também na marcenaria, atividades que a família se dedicava, usadas inclusive pelo “nonno” e que hoje se encontram no Museu da Família de Andréa Avelino Costa Beber, no interior de Bozano.

E o que dizer da Gema, sempre solícita, prestando sua colaboração e conhecimentos de culinária por ocasião dos diversos jantares oferecidos ao público anualmente. Não dá para deixar de enaltecer o esmero e a qualidade das tão apreciadíssimas “fortaias” e muitas outras iguarias saborosas!

Também cabe destacar a participação do casal nas várias diretorias, prestando sua colaboração nos trabalhos do Centro, mormente naquilo que se refere à manutenção do patrimônio!

Sem falsa modéstia, uma das características do casal é o bem querer. Tratar bem as pessoas que estão ao seu lado, que comungam de um mesmo ideal de grandeza, de amizade e convivência fraterna! Sempre procuram respeitar e cativar os que os rodeiam, tornando, com seus sorrisos, o convívio bem mais agradável!

Casal de um dinamismo invejável, continua com muito entusiasmo trabalhando incansavelmente na cozinha e na Cantina dei Nonni, cantando no Bel Vivere e, porque não, animando os bailes que acontecem após os jantares... E como gostam de dançar!

E assim, mostramos com este relato um pouco desse casal ligado ao Centro Cultural Regional Italiano, nesses 30 anos de sua existência.

DAL MOLIN

Simone Dal Molin Ribeiro¹

Iniciar uma história de família não é tarefa fácil, parece ser complicado, mas é no momento da escrita que percebemos os detalhes, as semelhanças, as diferenças, a coragem de buscar uma nova vida, abrir novos caminhos e acreditar. A história começa com Angelo Dal Molin, desbravador que busca uma nova vida para si e seus filhos.

Angelo Dal Molin nasceu no ano de 1843 na comuna de Zenone, província de Treviso. No seu primeiro casamento teve um filho chamado Luigi Dal Molin, ficou viúvo e casou-se novamente com Carolina Alberti, tiveram seis filhos: Maria nascida no ano de 1873; Luigia e Giovanni (gêmeos) (1876); Modesto (1881); Antonio (1885) e Celeste (1887). A família desembarca no porto de Santos-SP no ano de 1893, ficam trabalhando no interior de São Paulo nas fazendas de café aproximadamente por seis anos, Angelo fica novamente viúvo. Nesse tempo, a filha Luigia casa-se com um imigrante italiano da família Mazzarolo e retorna a Itália. Passados muitos anos um filho do casal vem para o Brasil e fixa residência no interior de Ijuí na Linha Sete Leste, um descendente dessa família é o padre Silvio Mazzarolo, que foi vigário por um tempo na paróquia Nossa Senhora da Natividade. Padre Silvio é bisneto de Luigia Dal Molin Mazzarolo. O filho Giovanni casa-se com Rosa Destefani em São Paulo e no ano 1899 nasce a primeira neta de Angelo, que recebe o nome de sua avó falecida Carolina.

¹Professora, Filha de Sady Dal Molin.



Angelo Dal Molin.

No ano de 1900 a família viaja para o interior do Rio Grande do Sul. Chegam à cidade de Ijuí e fixam residência, aproximadamente, na localidade do Alto da União, onde hoje é a empresa Camera Agroalimentos S.A. No ano de 1901, em Ijuí, nasce o segundo neto chamado Angelo João. Os filhos Maria, Antonio e Celeste casam e vão residir em lugares diversos. O filho Modesto casa com Ernestina Italia Barrichelli, conhecida por todos como tia Ernesta e residem juntamente com o pai Angelo e o irmão Giovanni. A família dedica-se à agricultura como fonte de renda. Produzem vinhos que são comercializados na cidade de Cruz Alta, possuem um alambique onde produzem aguardente e comercializam a produção.

A família vai crescendo e todos residem na mesma casa. Giovanni e Rosa têm treze filhos, sendo três homens e dez mulheres. Modesto e Ernesta têm seis filhos sendo quatro homens e duas mulheres. Nos almoços

da família sentam-se à mesa vinte e quatro pessoas todas sob a proteção e comando do patriarca da família, Angelo Dal Molin. Permanecem sob o comando de Angelo até o ano de 1928, quando este vem a óbito no dia 23 de março, com 85 anos. Seu sepultamento ocorreu no cemitério velho da cidade de Ijuí, onde foi construída a Praça dos Imigrantes, seus restos mortais foram transferidos para o cemitério do Alto da União.

A história agora segue a partir de seu filho Modesto Dal Molin, nascido no dia 19 de agosto de 1881, casado com Ernestina Italia Barrichelli, nascida no dia 3 de dezembro de 1887, filha de Benedicto Barrichelli e de Filomena Jacometti.



Família Modesto e Ernesta – dezembro de 1942. Em pé da esquerda para direita: Regina e Vergínio, Paulino, Luiz, Jorge, Breno, Araci, Ricieri, Adélia, Filomena, Helena, Antenisca e Fioravante. Altair, Antonia, no colo Gídio, Neusa, Almiro, Ernesta, Modesto, Sady, Santina, no colo Nery e Dary.

Nos primeiros anos moram juntos com o patriarca da família, nascem seis filhos. Vergínio nascido no ano 1907, Fioravante (1908), Recieri (1910), Luiz (1911), Antenisca (1913) e Filomena (1920). Trabalham todos juntos e aos poucos vão construindo seu lar perto da casa do pai, ao lado da viação férrea, que hoje é o depósito de calcário de Goi Scarton. A família se mantém trabalhando na propriedade onde todos ajudam. Os afazeres são distribuídos de acordo com a idade e homens e mulheres ajudam em tudo o que é preciso fazer. O tempo passa e os filhos crescem. Vergínio, o primogênito, casa-se com Regina Barrichelo e têm cinco filhos (Almiro, Araci, Adélia, Altair, Breno) Fioravante casa-se com Santina Comerlatto e têm cinco filhos (Dary, Sady, Nery, Mauro, Maria Helena). Recieri casa-se com Antonia Manhabetosco e têm quatro filhos (Neusa, Gídio, Marli, Vera), Luiz casa-se com Helena Protti e têm quatro filhos (Alvenir, Lenir, Dirceu, Lorena), Antenisca casa-se com Jorge Cargneluti e têm dois filhos (Lídio, Lídia), Filomena casa-se com Paulino Goi e têm seis filhos (Adelma, Cristina, Edi, Lourdes, Carmem, José).

O casal Ernesta e Modesto, após os filhos seguirem seus caminhos e constituírem suas famílias, ficam alguns anos morando sozinhos em sua residência, após um tempo decidem que não podem morar sozinhos e o filho Recieri acolhe seus pais. Na moradia nova, localizada agora na cidade, eles auxiliam o filho numa pequena fábrica de sabão. Ernesta vive pouco tempo na casa do filho, falece repentinamente no dia 10 de fevereiro de 1942, com 56 anos. Modesto vive mais alguns anos e no ano de 1946 realiza uma cirurgia na vila Augusto Pestana com o famoso médico Ataídes, “cirurgia nos olhos”, provavelmente catarata. O procedimento transcorre bem, na volta para casa volta acompanhado pelos filhos Fioravante, netos Sady, Gídio e Lídio e o genro Jorge Cargnelutti, que dirige o caminhão. No caminho sente um mal estar, param, descem nas proximidades da vila Barreiro onde acontece a comemoração da festa da Nossa Senhora da Conceição. Modesto falece logo após descer do caminhão, no dia 08 de dezembro de 1946, com 65 anos. O casal encontra-se enterrado no cemitério da Vila Alto da União.



Santina e Fioravante – junho de 1934.

Nesse momento vamos contar a história de Fioravante Dal Molin. Fioravante nasceu no dia 03 de agosto de 1908, trabalha juntamente com seus pais na colônia. Casa-se com Santina Comerlato filha de Valentim Comerlato e Thereza Tissot, nascida no dia 16 de dezembro de 1917. As famílias Comerlato e Tissot eram da região de Caxias do Sul, da vila Galópolis, trabalhavam no Lanifício São Pedro. Fioravante e Santina casam no dia 09 de junho de 1934, na igreja Nossa Senhora da Natividade. Nos primeiros anos de casamento residem na Linha Sete Leste, onde montam um “Boliche”, no qual vendem açúcar, café, sal, farinha, gasosa, aguardente, soda, fumo em corda e outros itens. O sustento da família é tirado das vendas. No ano de 1936 nasce o primeiro filho do casal, no dia 11 de setembro, Dary Theodoro, na casa da avó paterna, que

os acolhe nos primeiros tempos. Passados alguns anos, recebe de seu pai uma quantia em dinheiro. Com esse valor adquire seis hectares de terra na vila Rincão do Tigre. Com a ajuda de seu irmão Vergínio, que era carpinteiro, constrói sua casa ao lado da capela Nossa Senhora Medianeira. Junto a casa eles montam novamente um “Bolicho”, agora maior, onde aumentam os itens de venda, incluem então tecidos e calçados. Ao lado da capela tinha uma escola, a professora Julieta é acolhida pelo casal e mora com eles. Quando o padre visita a comunidade também fica hospedado na casa da família. Seu Fioravante é conhecido por todos por “Seu Flor”. No ano de 1939 nasce o segundo filho, Sady José, no dia 25 de fevereiro, após dois anos, nasce o terceiro filho do casal, Nery Luís, no dia 23 de março de 1941. O casal trabalha no ramo do comércio no interior e vai sustentando a família e guardando alguns trocados. No ano de 1945 vendem a propriedade para o seu irmão Vergínio e compram um armazém na cidade de Ijuí. A mudança é trazida por duas carroças. Iniciam uma nova vida na cidade, os filhos precisavam estudar. Ao meio a tudo isso, Santina espera seu quarto filho, Mauro Antônio, que nasce no dia 12 de junho. Os filhos crescem, a família continua trabalhando com vendas no armazém. Os quatro filhos homens estudam no Grupo Escolar Rui Barbosa, hoje Ruizinho. Todos fizeram o primário completo e logo após começam a trabalhar para ajudar os pais. Os filhos Sady e Mauro foram sacristãos, do Padre Pio José Busanello. No ano de 1951 nasce a filha do casal, Maria Helena, no dia 06 de julho.

Os filhos crescem e se tornam adultos, pessoas do bem. Dary tornou-se alfaiate, Sady escolheu ser mecânico, casa-se com Clementina Bronzatto e têm dois filhos Sérgio e Simone. Nery seguiu o ramo de atendente de farmácia, casa-se com Laci Bozetto e têm dois filhos Tatiana e Fabiano. Mauro seguiu o ramo do comércio, casa-se com Nair Manhabosco e têm duas filhas Marlova e Camila. Maria Helena torna-se professora da educação infantil. O casal deixa para os seus filhos um legado de valores: honestidade, a fé católica, a responsabilidade, o amor ao próximo.

Santina era uma mulher de fé, quando residiu no Rincão do Tigre foi catequista, era devota de Nossa Senhora, divulgava a oração do terço de maneira carinhosa. Fazia de crochê uma bolsinha bem pequena na qual colocava um terço que ganhava de uma amiga. Quando recebia visitas, na hora da saída, entregava a lembrancinha, muitas meadas de linha comprou para confeccionar as sacolinhas. Também costurava roupas para as crianças carentes, ganhava retalhos de tecido das costureiras e no decorrer do ano ia fazendo bermudas, shorts, saias. No Natal entregava na pastoral, que

entregava as crianças necessitadas, pois gostava de ficar no anonimato. Sempre comentava a passagem bíblica de Mateus 6 - *Quando deres esmola que a tua mão esquerda, não saiba o que faz a tua mão direita, de modo que a tua esmola fique oculta.* Auxiliava na igreja Nossa Senhora da Natividade, nos almoços e jantares que havia. O casal foi integrante do Apostolado de oração Nossa Senhora da Natividade. A vó Santina tinha alguns ditos que deixaram marcas: *Vou ouvir o sino tocar dos dois lados, a verdade está no meio. Só sabe a dor, o sofrimento quem passa. Mas ela, também não se faz querer bem. Esse é o meu pensamento.*

Fioravante era um homem organizado, caprichoso no que fazia e metódico no seu dia a dia. Mantinha suas ferramentas organizadas e etiquetadas. Fazia as coisas no capricho e tinha alguns ditados: *Senão fizer direito vai durar das doze ao meio dia. Parece que colou com cuspe. Isto vai durar do Natal a Santo Estevão.* Foi sócio do Clube Esporte São Luiz, pertenceu ao Clube de Tiro de Guerra 337 em 1933, onde prestou valioso auxílio tanto moral como material. Seguiu uma rotina, tinha horário para levantar, tomar chimarrão. Após o almoço a sesta, à tardinha tomava banho e saboreava o seu cafezinho, que nunca dispensava, mesmo fazendo muito calor. Às dezoito horas rezava seu terço, que não podia ter barulho, após assistia sua novelinha. Era devoto de São José, sempre recitava a jaculatória: "Jesus, Maria e José a minha alma vossa é."

Santina e Fioravante viveram por 67 anos casados. No dia 12 de fevereiro de 2001 Fioravante parte para a outra vida e deixa sua família. Santina vive mais algum tempo nos ensinando e transmitindo sua fé e nos deixa no dia 04 de setembro de 2006. Até agora nos resta às lembranças, os exemplos, os ensinamentos transmitidos de geração em geração como escreveu Cecília Meireles "De que são feitos os dias? De pequenos desejos, vagarosas saudades, silenciosas lembranças".

Agora seguimos contando a história de Sady José Dal Molin, que nasceu dia 25 de fevereiro de 1939 na Vila Rincão do Tigre. Com seis anos de idade inicia os estudos na Escola Rui Barbosa, brincava nas ruas e nos pátios das casas, ajudava a família no comércio. Como a família era cristã, Sady foi ser sacristão do padre onde ajudava na missa, que era celebrada em Latim, e buscava as refeições no Colégio Sagrado Coração de Jesus. Aos 13 anos começou a trabalhar nas Casas Pernambucanas. No turno da manhã entregava panfletos na rodoviária, que estava localizada em frente ao Colégio Evangélico Augusto Pestana, no turno da tarde empacota mercadorias. Com 14 anos começou a trabalhar como aprendiz de mecânico na firma Alfredo Krampe S.A. onde trabalhou por mais de 20 anos. Quando completou 18

anos prestou o serviço militar no 7º Grupo de Artilharia 75 Cavalaria, prestou serviço um período na cidade de Ijuí e outro no Rio de Janeiro, Distrito Federal nessa época. A viagem foi de trem Maria Fumaça e durou 5 dias e 4 noites, era enfermeiro veterinário. Após prestar o serviço militar, retorna a Ijuí e volta a trabalhar na empresa Alfredo Krampre S.A. como mecânico, onde passou a despertar uma paixão por essa profissão, tornando-se um excelente profissional.

Clementina Bronzatto, filha de Benedito Ricieri Bronzatto e Judith Goi nasceu dia 14 de agosto de 1938 na Vila Parador. Na infância, brincava de casinha, gostava de ficar com sua mãe e ia sempre atrás dela na roça. Tinha afazeres desde pequena, dava milho para as galinhas, carregava lenha, entre outros. Estudou na escola perto de sua casa. Quando teve que fazer o catecismo preferiu caminhar cinco quilômetros para ir e cinco quilômetros para voltar, pois não gostava de ficar na casa de sua tia, queria voltar sempre para sua casa. Na juventude, Sady e Clementina participavam de bailes, idas ao cinema, iam às missas e nas festas da comunidade. Se conheceram em um velório, passados alguns dias trocaram olhares perto da casa de sua tia Isa Weber onde vinha acompanhar sua mãe na venda de queijos, ovos, leite, entre outros.



Sady e Clementina – julho de 1962.

Assim foi passando o tempo e o namoro inicia. Sady ia a casa de sua namorada a pé. No início do mês, quando recebia seu salário, pegava um auto de praça. Namoram por dois anos e no dia 02 de abril de 1961 foi pedir licença para noivar. Uns dias depois foi falar com o pai da noiva e disse: *Quero noivar com a sua filha agora no Natal?* Benedito respondeu: *Você está enganado, agora é Páscoa e não Natal.* Tudo culpa do nervosismo, ficaram noivos e no dia 21 de julho de 1962 se casaram.

Fixaram residência na cidade, em uma casa cedida pela empresa. Clementina cuidava da casa, Sady trabalhava de mecânico e no dia 18 de julho de 1963 nasceu o primeiro filho, Sérgio Roberto, em casa. Após quatro anos de casados conseguem comprar

uma pequena casa, onde residem até hoje. Aos poucos foram reformando a casa e no ano de 1969 nasce a filha Simone, no dia 11 de dezembro. No ano de 1974 a empresa onde Sady trabalhava entra em falência, dias difíceis. Então passou a fazer alguns concertos de motores por conta própria, aguardando a decisão da justiça. Logo em seguida consegue comprar um terreno com um galpão, sonha em montar sua própria oficina, conseguiu, montou. Foram noites, dias em busca de clientes, motores foram buscados em vários lugares. A Mecânica Dal Molin prosperou tornando-se uma referência em motores a diesel. A vida melhorou, a casa aumentou, alguns bens foram adquiridos, os filhos cresceram. Sady trabalhava em sua oficina e Clementina cuidava da casa. Nesse tempo as comidas feitas por ela já davam o que falar. Pessoas simples que aos poucos foram mostrando aos filhos o valor da honestidade, do certo e do errado, o valor do trabalho. Sempre incentivaram os filhos a estudar, pois sempre diziam: *Sem estudo tudo é mais difícil*.

O filho Sérgio casou-se com Carla Frantz em 23 de dezembro de 1995, tiveram dois filhos: Felipe e Enrico. Sérgio seguiu a profissão do pai, assumindo a oficina após a aposentadoria. A filha Simone casou-se com André Ribeiro no dia 12 de setembro de 1992 e tiveram dois meninos: Eduardo e Bernardo. Simone é professora de Educação Infantil (da rede municipal e particular) no município de Ijuí.

Clementina e Sady, a convite do nono Cargnelutti, no ano 1990, começaram a participar do Centro Cultural Regional Italiano, na época o presidente era Egídio Dal Forno.



Sady e Clementina – 2015.

Sempre dedicaram auxílio na cozinha, onde preparavam massas, galetos e ajudavam no que era preciso. Sempre prontos para ajudar, aos poucos, conquistaram espaço e foram convidados a participar da diretoria. São momentos valiosos, grupos são formados, amigos conquistados, risadas, choros, viagens, festas, auxílios para quem precisa e, assim, o centro começa a fazer parte de suas vidas. Muitos jantares, Feni, Expo-Ijuí e Fenadi. Passados alguns anos Sady aprimora sua habilidade em fazer polenta, esta ensinada pelo nono. Clementina, com sua magia na cozinha, faz a sobremesa dos almoços e jantares e o sagu com creme é marca registrada. Assim, fazer a polenta, tanto em casa como no Centro Cultural, é tarefa de Sady e ninguém faz igual. Clementina faz o sagu para quem quiser e sempre diz que o segredo é o vinho de boa qualidade.

É junto aos amigos do Centro Regional Cultural Italiano que vivem momentos de alegrias, diversão e trocam saberes sobre a cultura italiana. Esse grupo é parte da família Dal Molin.



Sady e Clementina – 2013.

Clementina e Sady caminharam juntos, formaram uma família, conquistaram amigos, cresceram como pessoas, mas em nenhum momento esqueceram que a vida é feita de momentos. Tiveram paciência para esperar pelo melhor, fé e força para lutar, mas nada é mais gratificante para eles do que saber que praticaram o bem em todos os momentos.



Família de Sady e Clementina – Bodas de Ouro – julho de 2012. Atrás-Felipe, Carla, Sérgio, André, Simone, Eduardo / Frente- Enrico, Sady, Clementina, Bernardo.

Como nossos antepassados, que vieram conquistar o novo numa terra distante trazendo consigo fé e coragem continuam suas buscas ao lado da família e dos amigos, pois família não está sempre no sangue, são aqueles que estão nas nossas vidas e que nos querem nas deles. São aqueles que nos aceitam como somos, são aqueles que fariam qualquer coisa para nos ver sorrir e que nos amam incondicionalmente, nossos amigos.

DALLA ROSA

Joaquim Dalla Rosa¹

Tiago Dalla Rosa²

Começando esta narrativa numa tarde chuvosa do dia 30 de maio de 2019, eu, Tiago Dalla Rosa irei auxiliar meu pai, Joaquim Arcelino Dalla Rosa, que participa do Centro Cultural Italiano de Ijuí desde sua fundação, a contar um pouco da história da família Dalla Rosa em Ijuí.

Joaquim é filho de Constantino Antônio Dalla Rosa e Josephina Dalla Rosa. A família teve 12 filhos, dos quais seis auxiliaram a contar a história desta família baseando-se nos fatos que participaram e também nas conversas que seus pais contavam. Iniciaremos contando sobre a vinda dos Avós de Joaquim da Itália. Seus avós paternos Frederico e Joanna. Frederico veio da Itália com seus três irmãos: Antônio, Luiz e Anacleto Dalla Rosa. Foram os quatro irmãos imigrantes que vieram da Itália no final do século XIX vindo residir em Caxias do Sul. No ano de 1920, os quatro irmãos migraram para o município de Ijuí onde se instalaram na então Colônia Santo Antônio, na parte norte.

Frederico Dalla Rosa casou-se com Joanna Salvarego, ainda na Itália. Aqui no Brasil, em Caxias do Sul, tiveram os filhos: Jose Júlio, Domenica, Valentin, Maria, Elizabeth, Tereza e Constantino Antônio Dalla Rosa.

¹Joaquim Arcelino Dalla Rosa, agricultor filho de Constantino Antonio Dalla Rosa e neto de Frederico Dalla Rosa.

²Tiago Dalla Rosa, bancário filho de Joaquim e neto de Constantino Antonio Dalla Rosa.

Aos 27 dias do mês de fevereiro de mil novecentos e treze nasceu Constantino Antônio Osvaldo Dalla Rosa, no município de Caxias do Sul. Constantino passou a primeira comunhão ainda em Caxias do Sul na catedral Santo Antônio.

Frederico veio a comprar e residir na propriedade de Jeronimo Basso na Colônia Santo Antônio. Em 1922 Frederico construiu sua primeira casa, o casarão. Em 1928 foi feita a cozinha. Em 1956 construiu a outra parte, que veio a ser somente os quartos.



À direita o casarão construído em 1922, ao meio a parte construída em 1928 e à esquerda a parte dos quartos, construída em 1956. Esta foto foi tirada por Joaquim Dalla Rosa em 2005, nela aparecem seus filhos Tiago e Diogo e também seu Sobrinho Mauri Dalla Rosa (filho de Gentil Dalla Rosa) e seu filho Daniel Dalla Rosa.

Constantino ingressou no exército brasileiro em 02 de maio de 1934 no Sexto Regimento de Artilharia Montada no município de Cruz Alta. Deu baixa do exército em 27 de abril de 1935.

Em 15 de junho de 1935 Constantino Antônio Osvaldo Dalla Rosa casou-se com Josephina Lorenzoni. Josephina nasceu em Ijuí em 18 de março de 1915, filha de Benjamin Lorenzoni e Rosa Basso.

Constantino casou-se e continuou residindo com seu pai Frederico Dalla Rosa. Após casar-se, Constantino entrou com pedido judicial para

retirar de seu nome o “Osvaldo”, passando a assinar Constantino Antônio Dalla Rosa.

Josephina não herdou terra de seus pais, pois na época as mulheres não herdavam terra de seus pais, apenas uma máquina de costura. Constantino herdou uma pequena gleba de terras onde morava com seus pais.

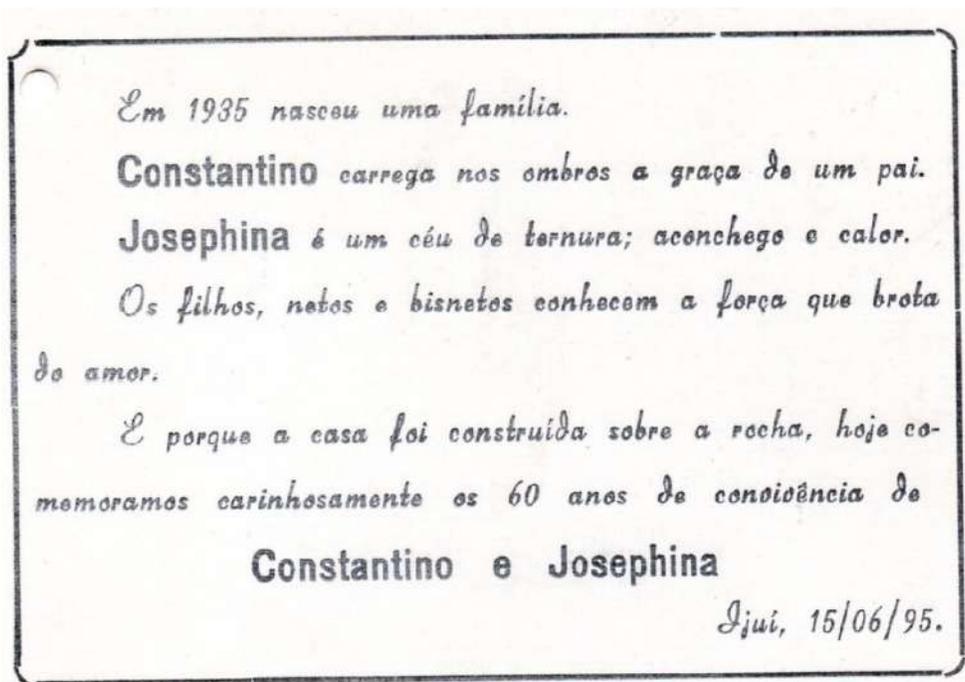
Constantino e Josephina tiveram doze filhos: Gentil Dalla Rosa nascido em 21 de junho de 1936, Frederico Dalla Rosa nascido em 06 de setembro 1937, Valentim Pio nascido em 19 de dezembro de 1938, Olinto Mario nascido em 19 de agosto de 1939, Joaquim Arcelino nascido em 25 de julho de 1942, Maria nascida em 27 de janeiro de 1944, Vivaldino nascido em 04 de abril de 1946, Ivo nascido em 29 de dezembro de 1947, Aldina nascida em 10 de julho de 1950, Juvelino nascido em 04 de abril de 1952, Cleuza nascida em 05 de fevereiro de 1956 e Lino nascido em 20 de novembro de 1962. Conforme Aldina, Josephina sempre dizia que ela teve quatro abortos, e que teria tido 16 filhos em vez de 12.



A imagem acima é uma pintura feita por um pintor que veio até a residência de Constantino e se ofereceu para fazer o quadro na década de 1970. Na foto, constam os doze filhos e o Casal Constantino e Josephina. Da esquerda para direita, de cima para baixo: Olinto, Valentim, Frederico, Gentil, Joaquim, Juvelino, Constantino, Josephina, Lino, Vivaldino, Ivo, Aldina, Cleusa e Maria. Foram 12 Filhos, 44 Netos e 52 Bisnetos.

Vivendo em uma época onde não existia energia elétrica e muito menos máquinas para auxiliar na agricultura, foi um período de muito trabalho braçal para poderem sobreviver.

Constantino e Josephina conseguiram criar seus doze filhos com muito trabalho e dedicação. Aos poucos foram adquirindo pequenas áreas de terra, chegando a ter 135 hectares, o que era considerada uma área grande para época e na região deles.



Lembrança das comemorações dos 60 anos de casado de Constantino e Josefina.

Vamos relatar como foi a história da vida desta família, falando um pouco sobre o trabalho, sobre o lazer, sobre a religiosidade e a trajetória na comunidade, baseado em depoimentos dos filhos de Constantino Antonio Dalla Rosa: Joaquim, Ivo, Frederico, Maria, Juvelino e Aldina e o Neto Luiz Constantino Dalla Rosa (filho de Valentin Dalla Rosa).

Constantino e sua família tiveram uma diversidade de investimentos, que foram bem arrojados para época. Assim como os demais imigrantes, que desbravaram nossa região, trabalhavam muito para poder se manter através de uma agricultura de subsistência nas pequenas propriedades rurais.

Agricultura

No início, para fazer uma área de lavoura, era necessário a derrubada da mata. Para derrubar as árvores era utilizado machado e grandes serrotes. Após a derrubada, as toras eram levadas na serraria dos Ilgenfritz. Depois, nas lavouras, onde haviam os tocos das árvores derrubadas era plantado o feijão preto na “roca nova”. Com o passar do tempo os tocos eram arrancados.

O plantio do trigo sempre fez parte da agricultura familiar. Plantava-se com máquinas manuais e era colhido com foice. No começo era “triado” de forma totalmente manual, posteriormente foi adquirido a trilhadeira da marca Tigre para poder “triar” o grão. Depois de colhido e “triado”, o trigo era levado por carroças para o moinho na linha Três Chorão do seu Treter. No moinho, uma parte do grão era usada para pagamento do feitorio da farinha e o restante era todo beneficiado em farinha de trigo, que retornava para casa. Em casa, Josefina fazia principalmente o pão para alimentar toda família. Diariamente eram consumidos aproximadamente 4 pães grandes assados na palha de milho. Conforme Maria, o tempo de assar os pães era calculado pelo relógio do sol. Por mês eram consumidos 60 kg de farinha de trigo na alimentação da família.

O milho também foi uma cultura que sempre esteve presente na agricultura da família. Assim como trigo, era plantado pelas plantadeiras manuais, também conhecidas como “bico de pato”. A colheita era totalmente manual. O milho era utilizado para alimentação dos animais e o melhor era selecionado e levado para o moinho movido a roda de água de Vergilio Lunardi, posteriormente no moinho de pedra de Gabriel Lorenzoni. O milho, assim como o trigo, também era usado para pagamento do feitorio da farinha de milho. Com a farinha de milho era feito basicamente a comida mais apreciada pela família: a famosa “polenta”. Todo dia Josefina fazia uma polenta. No inverno era Constantino que fazia a polenta sempre à noite. Eram consumidos 80 kg de farinha de milho por mês. A farinha era buscada no moinho na garupa do cavalo. Também se fazia a polenta de farinha de milho e abóbora, chamada de pastarói.

Também eram produzidos na agricultura o feijão, que também era plantado de forma manual e “triado” através do “manguá” um instrumento feito com dois pedaços de madeira e amarrados por uma corda.

Uma cultura muito forte na família, foi a produção da uva e do vinho. Sempre se mantinha um parreiral com aproximadamente uns mil pés de parreiras que produziam anualmente 1000 litros de vinho, que eram usados

para o consumo próprio. A uva produzida era francês e a niágara. Produzia-se o vinho tinto e o vinho branco. Além do vinho, eram produzidos doces como o sugo que sempre era feito no dia da colheita pela Josefina com o vinho doce e farinha de trigo.

Desde o princípio se trabalhou com a erva mate. O chimarrão foi um hábito que Constantino aprendeu com seus pais e manteve, passando para seus filhos, netos e bisnetos. A erva mate é uma árvore nativa da região. Na propriedade de Constantino haviam centenas de pés de erva mate, que eram muito bem conduzidos pela família. A erva mate, além de ser usada para o consumo do chimarrão da família, gerava receitas extras para o sustento da família. A cada três anos eram colhidas as folhas da erva mate nos ervais da família. Depois de colhida eram sapecadas ainda na lavoura, depois as folhas eram secadas no “barbacua” (um secador artesanal da época), um túnel subterrâneo de 18 metros de comprimento, onde se fazia muito fogo que gerava um calor intenso que era conduzido pelo túnel até o local onde ficavam as folhas, chamado de “arepuca”. Era um trabalho muito árduo que exigia virar as noites sem dormir para ficar cuidando para não queimar as folhas. Depois de sapecadas e secadas, as folhas eram levadas para o cancheador, uma espécie de cilindro que servia para quebrar em pedaços menores, este processo era movido a cavalo. Após era ensacada e vendida para as ervateiras. Chegavam a vender 45 mil kg de erva mate semi-processada para ervateira de Alvo Dalla Rosa. Para o consumo próprio se fazia no pilão ou no soque do moinho.

Em 24 de janeiro de 1949 a coletoria federal de Ijuí concedeu a “Patente de Registro” para fábrica de tijolos: a “olaria”. A fábrica foi instalada na propriedade, onde hoje é área de Frederico Dalla Rosa. Os tijolos eram fabricados através da retirada da argila dos banhados, com força braçal, a base da pá. Depois de retirada a argila dos banhados era colocada em uma pipa com um caracol onde era prensado o tijolo, este processo era tocado a cavalo. Depois de feito os tijolos eram secados por aproximadamente dois meses em local coberto. Após, eram levados para os fornos onde eram queimados durante 12 horas. Em 12 de janeiro de 1951 foi dada baixa da firma da olaria. Em 1960 a olaria foi reativada e durou mais seis anos.

Até o ano de 1957 não existia energia elétrica na propriedade de seu Constantino. À noite, a única luz artificial era através do lampião movido a banha de porco. Em 1957 Constantino inovou na colônia, instalando uma pequena central de geração de energia elétrica em sua propriedade. A usina de geração de energia elétrica foi instalada por Olmiro Ilgenfritz. Esta

pequena usina, que utilizava a força da água para gerar energia, armazenava luz através de um dínamo, abastecendo a família com energia, que era utilizada para tocar rádio, máquina de lavar roupa e a luz elétrica. Muitas famílias da colônia vinham para carregar baterias dos seus rádios. A usina foi utilizada até o ano de 1966 quando então, a Cooperativa de Eletrificação Rural – CERILUZ, levou energia elétrica para toda colônia Santo Antônio, gerando desenvolvimento e qualidade de vida aos produtores rurais. Porém, somente em 1974 foi instalada a luz pela CERILUZ.

Constantino foi um dos fundadores da Cooperativa Triticola Serrana Ltda - COTRIJUI, no ano de 1957.

A cultura da soja entrou no ano de 1950. A soja também era plantada de forma manual e colhida à base da foice. Depois de colhida, a soja era “triada” na “triadeira”. A soja era vendida para COTRIJUI, a partir de 1957.

Sempre se cultivou a mandioca, abóbora, melancia, melão, amendoim, cana de açúcar, saladas, alfafa, batata doce e inglesa, cebola, arroz, alho, culturas que se plantava sem o uso de agrotóxicos. O excedente era trato para os animais. E tudo era produzido com muita qualidade e em grandes quantidades.

Criavam porcos em mangueirão (encerra) fechado com pedra de onde produziam a carne suína, a banha, o salame, o toucinho, o torresmo e o presunto (sacoi). A banha era usada também para conservar as outras carnes, chegando a durar até um mês.

O gado era criado para produzir o leite de onde se fazia o queijo e a puina e também era para corte de onde se produzia carne. Quando se carneava um animal chamavam os vizinhos, que ajudavam no abate e compartilhavam as carnes entre os trabalhadores. Para conservar a carne, era feito o charque. Os bois eram utilizados para puxar a carroça e também para lavrar as terras preparando o plantio das diversas culturas.

Havia criação de galinha para produção de carne e também ovos. As galinhas eram criadas de forma solta no pátio. Os ninhos eram feitos do capim barba de bode.

Criavam ovelhas para produção da carne e também a lã, que era utilizado para fazer os acolchoados muito utilizados no inverno.

O fumo também fez parte das culturas da família, para o consumo dos homens da família e também para venda. Vendia-se o fumo em corda. O fumo era plantado de forma manual, colhido com a foice e colocadas as folhas para secar. Logo após, eram feitas as cordas de fumo. Todos

os homens da família começavam a fumar aos 16 anos. No entanto, um dos filhos de Constantino, Valentin, começou a fumar aos 12 anos por ordem médica do doutor Rosseto para diminuir a ansiedade pela comida, ele era um adolescente obeso. No entanto, o fumo não ajudou, mas acabou viciando o menino. Quando Valentin completou 42 anos, ao consultar com doutor Gastão, que era filho do de Rosseto, foi solicitado pelo médico que deixasse de fumar, pois o cigarro estava prejudicando sua saúde. Valentin falou “vou deixar duas carteiras de cigarro uma em cada bolso da camisa e um homem no meio” e assim nunca mais colocou um cigarro na boca. Com passar dos anos, os homens da família deixaram de fumar.

A família mantinha um lote de aproximadamente 7 cavalos que eram utilizados na agricultura, no transporte das carroças e também na “aranha” uma espécie de carroça com duas rodas apenas.

Toda a manutenção das lavouras era realizada com auxílio dos bois e cavalos e, é claro, com a enxada, que era utilizada para capinar as ervas daninhas nas lavouras. Todos os homens da família iam para a lavoura a partir dos 07 anos de idade. As mulheres trabalhavam nas tarefas domésticas a partir dos 05 anos.

Para lavar roupas, era utilizada uma sanga que passa em frente da casa como nos dias atuais. Para passar, era utilizado um ferro a base de brasas. Este serviço era realizado pelas mulheres. A primeira geladeira foi adquirida em 1974, a televisão em 1990, o chuveiro em 1957. No ano de 1970 foi adquirido o primeiro trator da família.

Lazer

Um dos principais lazeres era a prática do futebol aos domingos à tarde no Esporte Clube Flamengo. Os homens iam até o clube aos domingos à tarde para jogar bola. Também jogavam bocha.

A caça e a pesca também faziam parte dos momentos de folga dos homens da família. O principal rio utilizado para pesca era o rio Santo Antônio. E a caça era realizada nas matas da família com bodoque, arapuca e espingarda.

Aos sábados à noite frequentavam os bailes das comunidades da região: Santa Tereza, Coronel Barros, Três vendas, Catuípe e Itaí.

Nas noites dos dias de semana, praticavam o carteadado nas casas

das famílias mais próximas (famílias Lorenzoni, Basso, Benetti), jogavam o cinquilha, o três setes e a bisca. Todos são jogos de cartas jogados com o baralho espanhol, jogos típicos da etnia italiana. Além do jogo da mora.

De vez em quando se reuniam e iam para a casa dos parentes nos aniversários festejar, fazendo os tradicionais filós.

Podiam ir nos bailes a partir dos 18 anos. As mulheres ficavam em casa e faziam trabalhos de costura, bordados, crochês e ajudavam a cuidar dos mais novos. Todas as mulheres tinham que aprender a costurar antes de casar. Para a mulher era proibido o consumo do cigarro e bebida alcoólica.

Religiosidade

Todos os domingos, às quatro da manhã, os mais jovens iam até o campo buscar os cavalos para que às seis da manhã estivessem prontos para irem até a missa dominical, na igreja no município de Catuípe. Constantino não deixava seus filhos pegar os cavalos no sábado à tarde porque não queria que eles ficassem atados durante à noite. Os mais velhos iam a cavalo e os mais jovens iam com as mulheres de aranha ou de carroça.

Durante os dias da semana era rezado o terço todas as noites, puxado pelo Constantino, durante 45 minutos, ajoelhados. Até mesmo nas noites em que estavam trabalhando no fumo ou a empilhar milho, debulhar amendoim ou no sapeco de erva.

As crianças iam pra escola a partir dos 07 anos. Frequentavam a escola da colônia Santo Antônio. Tinha em média 130 alunos na comunidade, que tinha apenas um professor.

Constantino dividiu suas terras ainda em vida em 12 partes iguais para seus filhos, conforme ata lavrada pela Cleusa Dalla Rosa Bernardes em 10 de junho de 1979. Nesta ata consta que Constantino Dalla Rosa dividiu os 137 hectares entre seus doze filhos, sendo destinada a área de 11,41 ha para cada filho.

Ivo ficou residindo com Constantino e Josephina, morando na mesma casa e cuidando dos Pais. Os demais filhos cada um seguiu seu caminho. Frederico e Valentin ficaram morando na Colônia Santo Antônio. Gentil, Olinto e Cleusa foram residir em Catuípe. Joaquim, Aldina, Maria, Vivaldino e Juvelino vieram a residir em Ijuí. Lino foi residir em Chapecó.

Ata nº 1/79

Dia Dez de Junho de mil novecentos e setenta e nove domingo a Tarde foi realizada uma reunião na família de Beneditino Dalla Rosa para tratar da repartição das terras que contou com a presença de ~~seis~~ oito filhas e duas filhas um genro e duas noras a quantia de terra a ser repartida é de cento e trinta e sete hectares de terra sendo que serão repartido em doze partes iguais de doze hectares para cada um sendo que os que possuem terras suas parte a mesma sendo que os demais o pai dará a parte que quiser também ficou estabelecido que aquele que pegar o pedaço que tiver Lage não será recompensado com um pedaço a mais que os outros esse se um quiser trocar com o outro o seu pedaço sendo de comum acordo pode quem fica com a casa depende de informações maiores sendo que no momento quem fica como pai e mãe é o Mo. de arrendamento o pai está ganhando doze por cento do Mo. e Frederico de sessenta hectares de terra quanto ao Olinto e o Valentin pagam um arrendamento menor que ainda não ficou estabelecido para um dos ardeiros poderem vender terra ou tirar madeira etc. só com o consentimento do pai dependendo do pai e mãe só Helena e o Lino ao desporar que a herança deste inventário será repartida entre as doze partes beneficiadas não se avendo nada mais a acrescentar ou que lancei a presente ata como Helena Dalla Rosa

Ata nº 1/79, referente a repartição de terras.

Joaquim casou-se ainda na colônia Santo Antônio no dia 06 de fevereiro de 1971 com Lidia Maria Buratti, filha de Adelino Buratti e Gema Pedron Buratti, que também residia com sua família na Colônia Santo

Antônio. Em 16 de fevereiro de 1971 o casal Joaquim e Lidia veio morar em Ijuí onde tiveram os filhos Tiago nascido em 23 de março de 1979 e Diogo nascido em 11 de dezembro de 1980. Diogo casou-se com Marcia Regina Senger Sapierzinski e tiveram o filho Eduardo Dalla Rosa, que nasceu em 12 de maio de 2010 e Tiago casou-se com Sabrina Dalla Corte e tiveram a filha Sofia Dalla Rosa, que nasceu em 18 de março de 2016.

Joaquim ingressou no Centro Cultural Regional Italiano de Ijuí desde o princípio de sua fundação no ano de 1987. Auxiliou na construção da casa típica. Joaquim e Lidia foram componentes do grupo de canto Bona Gente e do grupo Bel Vivere. Lidia sempre cantou no Bel Vivere e faleceu no dia 24 de julho de 2014. Joaquim, mesmo após ficar viúvo, continuou cantando no grupo Bel Vivere.



Joaquim Dalla Rosa.
Acervo de Altamir Antonini.

Joaquim é uma pessoa bem humorada e irreverente; Sempre com um sorriso fácil e pronto para atender as pessoas. Se diverte muito com os amigos da etnia. Participa da festa dos aniversariantes, sempre engajado no tema e fazendo uma bela apresentação.

Junto com o amigo Chico Baldissera é o responsável pelas videiras da etnia italiana.

No ano de 2018 começou um novo relacionamento com Lenir Almeida, que passou a ser sua nova companheira no dia 13 de agosto de 2018, quando Lenir veio morar junto com Joaquim. E, ainda em 2018, Lenir ingressou no grupo Bel Vivere e juntamente com Joaquim participam ativamente no grupo de música e nas festas que ocorrem na etnia. Formando assim uma nova e grande família.

Lenir que também é viúva, é mãe da Isamara de Almeida Vercelino, da Inara de Almeida dos Santos, da Ana Paula de Almeida Rodrigues e do Caçula Luíz Carlos Antunes de Almeida Júnior. A Isamara é casada com

Odirlei Vercelino e tem o filho Luís Fernando de Almeida Vercelino. A Inara é casada com Cezar Toniazzo dos Santos e tem os filhos Bruno Diovane de Almeida da Silva, Amanda de Almeida dos Santos e Bernardo de Almeida dos Santos. Ana é Viúva de Júlio César Rodrigues com quem teve o Filho Samuel de Almeida Rodrigues. Junior é casado com Carine Knack de Godoy.



Lenir e Joaquim em frente sua casa vestindo um dos trajes típicos do grupo de canto Bel Vivere do Centro Cultural Italiano. Foto tirada no dia 06 de agosto de 2019.

Para nossa grande alegria geral da família, enquanto escrevamos esta história, tivemos a felicidade de termos a notícia de que Júnior e Carine estão esperando um bebê. Até o momento ainda não sabemos se é menina ou menino, mas temos a certeza de que esta criança é bem vinda e trará muitas alegrias na família.

Neste momento, podemos afirmar que esta história, apesar de narrada de forma breve, nos deixa muito feliz por ver que esta família nos mostra um exemplo de dedicação dos nossos antepassados, que não mediram esforços para criarem seus filhos com muito trabalho e dedicação, sempre buscando trilhar o caminho do bem. Agradecemos aos que contribuíram para escrevermos esta história de forma simples, mas com muito carinho pela família Dalla Rosa.

GOBBO

Rosaní Martiny¹

Meu objetivo aqui é contar e deixar registrado para meus filhos, Luis Eugênio, João Vicente, Pedro Ivo e Fernanda Leticia, frutos do meu casamento com Ailton Decio Martiny, e também para os demais familiares a história de minha descendência italiana. Como meus bisavós e avós vieram para a América, o que os motivou a fazer isso, como foram os primeiros tempos aqui no Brasil até que finalmente conseguiram instalar-se e efetivamente começar uma nova vida. Para fazer este relato faltam testemunhos escritos, vou relatar o pouco que ouvi falar sobre meus avós. Ouvi quando jovem. Em parte, posso estar sendo traída pela memória, que nos faz esquecer algumas passagens ou nos confunde a respeito de outras situações. Mas é o que tenho! Minhas lembranças. Escrevo para que meus descendentes tenham maior conhecimento sobre a história de nossos antepassados, mas inclusive sobre a história de nossa família Gobbo/Martiny.

Me chamo Rosaní Martiny, de solteira Rosaní Rosa Gobbo. Sou filha de Angelo Sebastião Rosa Gobbo, que era casado com Fracília Fogaça Gobbo, desta união resultou cinco filhos: Lenir Rosa Gobbo, Lucia Ligia Rosa Prates, Teresinha Gobbo da Luz, Eli Maria Bones e eu. Meu pai teve mais três filhos Rosmary Marudin Gobbo, Jorge Marudin Gobbo e Amilton Gobbo, de outros casamentos.

¹Funcionário pública federal. Filha de Angelo Sebastião Rosa Gobbo.



Casamento de meus pais Angelo e
Fracília.

Em trinta e um de dezembro de mil novecentos e setenta e sete na Igreja Santa Inês, na cidade de Três Passos-RS, contrai matrimônio com Ailton Décio Martiny. Ele é o sexto filho de uma família de dez irmãos cujo pai, Eugenio Martiny, era professor e a mãe, Leonilda Francisca Shneider Martiny, dona de casa. Começou a trabalhar muito cedo numa chácara no interior de Três Passos, de um amigo de seu pai para ajudar no sustento dos irmãos. Aos 18 anos foi para a cidade juntamente com os pais e os irmãos. Serviu o exército por dois anos e após começou a trabalhar em uma empresa no setor de cobrança, onde ficou por doze anos. Depois trabalhou na gráfica do Jornal Celeiro como gerente de revisor de provas. Em mil novecentos e setenta e sete estava terminando o segundo grau na Escola Cenicista de

Três Passos, quando nos conhecemos e casamos.

Em dezenove de agosto de mil novecentos e oitenta e um tivemos nossos primogênitos (trigêmeos univitelinos), Luis Eugênio, João Vicente e Pedro Ivo. Três anos depois, em quatorze de novembro de mil novecentos e oitenta quatro nasce nossa filha Fernanda Leticia. Logo após o nascimento dos trigêmeos, o Ailton optou por parar de trabalhar para cuidar deles, pois eu com vinte três anos já era servidora pública concursada do Instituto Nacional de Seguridade Social, com estabilidade no emprego e uma remuneração melhor. Neste momento, percebi que havia casado com um homem muito corajoso, pois tomar uma atitude dessas naquela época e numa cidade pequena não era para qualquer um. O Ailton ficou com as crianças até elas completarem dois anos. Posteriormente, ele teve a oportunidade de fazer um curso em São Paulo para aprender a instalar antenas de televisão. Este trabalho de instalador foi um novo desafio e também uma oportunidade de melhoria no orçamento familiar aliada à possibilidade de uma agenda mais flexível, graças a maior

autonomia para organizar seu tempo já que era trabalhador autônomo. Foi assim que ele conciliava seus compromissos de trabalho com o cuidado dos filhos, pois eu continuava no trabalho como funcionária pública.



Foto da família.

Ao contrário do que muitos pensam, nossa vida não foi fácil. Não tínhamos os nossos pais para ajudar na criação dos nossos filhos, superamos muitos obstáculos, passamos por muitas dificuldades, mas sempre acreditando que tudo daria certo. Esforçamo-nos muito para que todos os nossos filhos tivessem estudo e hoje todos estão formados. Tornaram-se ótimos profissionais, e são excelentes filhos, pois sempre estão do nosso lado, nos auxiliando no que precisamos e também nos incentivando a viajar e aproveitar para fazer tudo aquilo que não tivemos a oportunidade de fazer antes. Todo o esforço dispensado na época em que eles eram pequenos já nos foi recompensado, tamanho é o orgulho que temos pelas pessoas que eles se tornaram.

Uma viagem de sonhos

Desde pequena, tive o sonho de conhecer a terra de onde vieram meus bisavós e avô, pois sempre soube que meus familiares, tanto por parte de pai como por parte de mãe eram provenientes da Itália. Questionava-me muitas

vezes se um dia eu chegaria a conhecer este país, que tem uma história muito importante para a população mundial, pois diante de tantas dificuldades enfrentadas, eu achava impossível, parecia que esse dia tão aguardado nunca chegaria. Os anos foram passando e com o tempo as crianças foram crescendo e organizando suas próprias vidas.

Com o incentivo dos filhos, começamos a amadurecer a ideia de viajar para a Europa e conhecer a Itália. O apoio foi tão grande, que o nosso filho João Vicente providenciou nossos passaportes. Luis Eugênio e Pedro Ivo sempre nos falaram para conhecer cada lugarzinho e não deixar de aproveitar nada e nossa filha Fernanda Leticia não deixou que a oportunidade escapasse analisando o roteiro e indo à reunião do grupo de viagem para garantir nossa segurança, tamanha a preocupação. Ainda tivemos a grata surpresa de receber alguns euros para colaborar nas despesas e poder aproveitar todos os passeios disponíveis.

O meu único objetivo era poder conhecer a terra dos meus antepassados. Felizmente, em 2018, tivemos a chance de ir conhecer a Itália.

Fizemos dois mil e seiscentos Km em ônibus de turismo, conhecendo de norte a sul. Foi maravilhoso, sonho realizado. Chegamos à Europa por Lisboa e depois fomos direto a Milão onde pernoitamos e passamos dois dias. Em Milão, conhecemos Praça Del Duomo, Galeria Vittorio Emanuele. Andamos pela avenida de mesmo nome, Via Montenapole e Igreja Santa Maria della Grazie, onde está localizada a pintura de Leonardo Da Vinci “A Última Ceia”. Dali partimos para conhecer outros locais, cidades como Gênova, Cinque Terre, uma viagem fascinante, com paisagens do litoral da Toscana. De lá fomos a La Spezia, Luca, Pisa e Roma. Tivemos a oportunidade de participar de uma Audiência Papal realizada na Praça de São Pedro. Um momento emocionante e muito marcante em nossas vidas. Além disso, vimos o Papa Francisco bem de perto e recebemos sua benção. Após, fomos a Nápoles, Ilha de Capri e Sorrento.

Os dias eram muito corridos, mas o cansaço era compensado pelos lindos cenários como os que vimos na Costa Amalfitana. Esta cidade é patrimônio mundial da UNESCO e tem as mais deslumbrantes paisagens sobre o mar mediterrâneo. Ainda, fomos a Pompéia, a cidade escondida sob as lavas do vulcão Vesúvio, Assis, San Gimignano, Florença, a cidade do renascimento e terra de Leonardo Da Vinci, Pádua, Veneza, Mestre, Verona, cidade imortalizada por Shakespeare na história de Romeu e Julieta, Sirmione e Lago de Garda.

Foram dezoito dias de muito conhecimento e emoção, afinal estava realizando

o meu sonho de infância. O ápice da viagem foi quando passamos por Arcole, província de Verona, pois sabia que este era o local exato de onde vieram meus bisavós paternos. A emoção foi enorme, quase que impossível de descrever. Tive a sensação de que eu havia retornado para casa, tudo me era familiar e o sentimento tomou conta de mim de tal forma que foi impossível segurar as lágrimas.

Meus antepassados

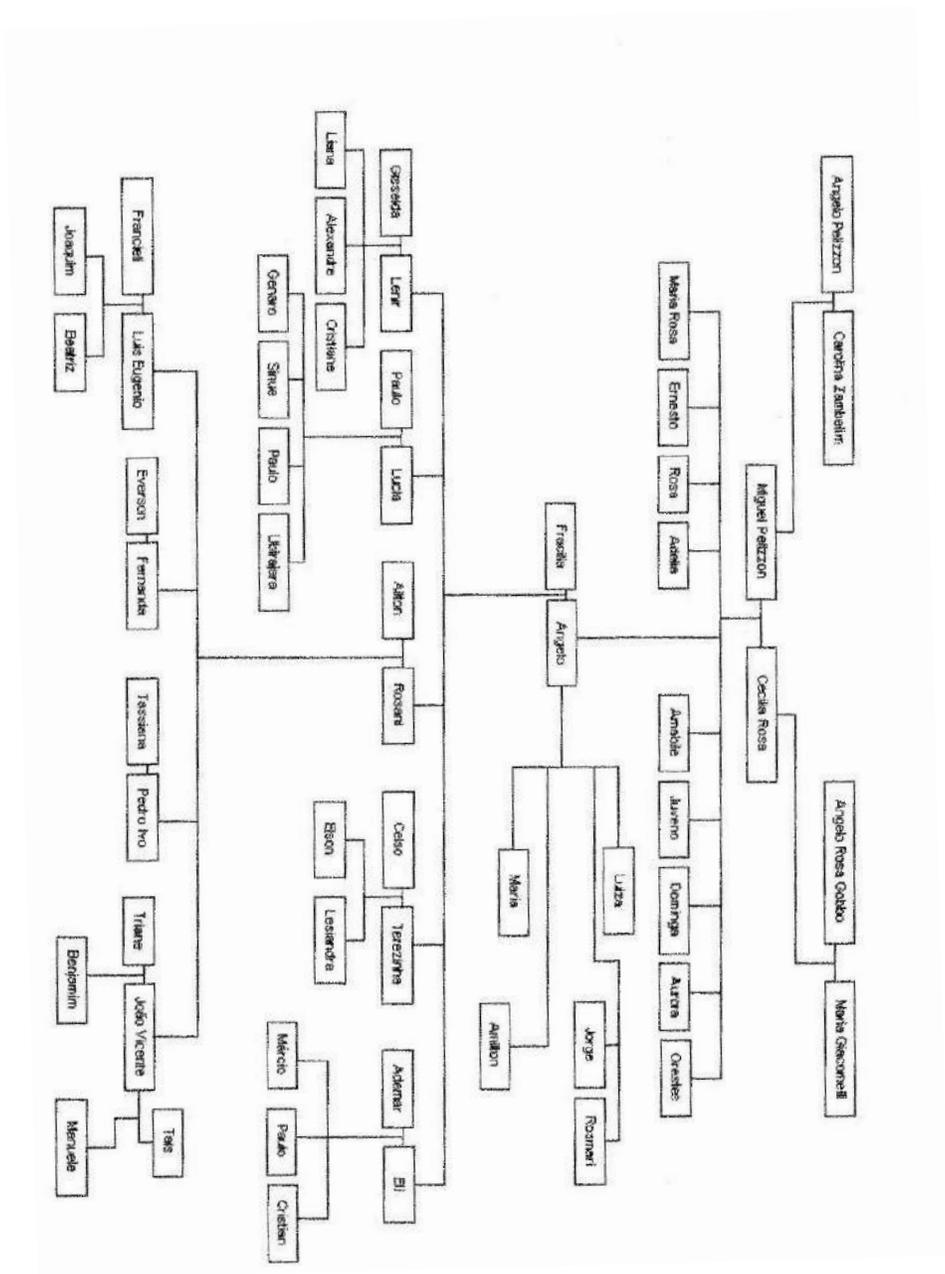
Falei de meu sonho, da satisfação em conhecer a terra de meus antepassados. É hora de relatar o que sei da história deles.

Meu pai era filho de Cecília Rosa e Miguel Pelizzon, agricultor, nascido em vinte e nove de setembro de mil oitocentos e oitenta e dois, na Itália, na cidade de Arcole, província de Verona. Filho de Angelo Pelizzon e de Carolina Zambelin, ambos também nascidos em Arcole. Ele veio para o Brasil em busca de dias melhores, pois na Itália estava passando fome, era agricultor (contadino), pobre e depois que a guerra chegou a situação se agravou e não tinha como sobreviver. Para custear sua passagem para o Brasil, veio como ajudante no navio. Neste trajeto pegou uma infecção no olho, a qual o deixou cego. De acordo com meu pai, ele desembarcou no Rio de Janeiro. Pela certidão de óbito, ele faleceu com sessenta e dois anos e carregava nos ombros uma história muito marcante para todos nós.

Ao vir para o Brasil, meu avô teve seu nome aportuguesado para Miguel, mas na certidão de batismo consta como Michele, que é precisamente Miguel na língua italiana. Nascido no dia 29 de setembro, foi batizado na Paróquia de San Giorgio, em oito de outubro de mil oitocentos e oitenta e dois. Estas informações constam no certificado de batismo da Diocesi Di Vicenza, Parrocchia de San Giorgio, Comune Arcole, Província de Verona.

Minha avó nasceu no Brasil, em 09/03/1884, filha de Angelo Rosa Gobbo e Maria Comel Giacomelli, ambos nascidos na Itália na comuna de Frisanco, Província de Pordenone. O casal migrou para o Brasil em 1883, com três filhos, mas minha avó Cecília nasceu no Brasil.

Meus avós casaram em 30/04/1906 na Igreja Católica Corpo de Deus da localidade de Vale Vêneto, Santa Maria-RS e tiveram dez filhos: Maria Rosa, Amabile, Juvino, Dominga Leopoldina, Ernesto, Angelo (meu pai), Adelia, Rosa, Orestes e Aurora. Em segundas núpcias meu avô teve outros três filhos: Cecília, Clementina e Antoninha. O casamento foi oficiado pelo Pe. João Lop e foram testemunhas Francisco Copetti e Guilherme Filipim.



Algumas lembranças da vida de meu pai.

Como perdi minha mãe muito cedo, não fui criada pelo meu pai e sim pelos irmãos mais velhos. Mas quando adolescente passei uma temporada com meu pai e lembro-me que uma vez por mês, quando era época de lua cheia, ele reunia a vizinhança da sua localidade de Boca da Picada, Vila Industrial, Distrito de Campo Novo -RS. Ele, como anfitrião, oferecia o brodo e o vinho de produção própria e a comida era trazida pelas famílias convidadas. A mesa era sempre arrumada no quintal da casa, embaixo de uma grande árvore, como se pode ver na foto abaixo.



Almoço no quintal.

À medida que as pessoas chegavam trazendo seu prato para partilhar, cantavam, jogavam e contavam histórias do que aconteceu e qual as dificuldades que estavam enfrentando. A maioria das famílias ali reunidas eram também colaboradoras, trabalhavam para o meu pai. Ele era comerciante, tinha um bolicho de secos e molhados. Ele tinha um “barbaquá” onde secava a erva, que depois era encaminhada para o engenho de produção para futura comercialização.

Uma das coisas que ele sempre me contava é que ele não tinha certidão

de nascimento e quando foi casar precisou fazer a certidão para o cartório fazer a de casamento. Contou também que fez, de uma só vez, a certidão de todos os irmãos, que não tinham e que colocou a idade do irmão mais velho na do irmão mais novo porque este queria ir para o quartel.

Outra história que me contou, foi que desde muito jovem tinha que auxiliar no sustento da família. Ajudou os pais a abrirem picada em mata virgem, fazendo as primeiras ruas da cidade onde moravam. Além disso, trabalhou muito para fazer a lavoura e trazer o alimento para a família. Quando tinha em torno de dez anos já sabia fazer copa, salame, torresmo e sabão.

Participação no Centro Cultural Regional Italiano

Como nada acontece por acaso, nosso ingresso no Centro Cultural Regional Italiano de Ijuí (CCRII) também não foi. Quando meu marido completou sessenta anos se deparou com a síndrome do ninho vazio, pois eu ainda estava trabalhando e os nossos filhos saindo de casa. Vendo essa tristeza nele, combinei com os filhos de presenteá-lo com um teclado, pois ele sempre gostou muito de música. Matriculei ele na escola de música da professora Tenisa Enricone Sareta. Ele fez aula com ela por quatro anos. Ela nos convidou para participar do grupo de canto Bel Vivere que faz parte do CCRII, em 2009. Desde então, compomos a grande família italiana, cantamos no grupo Bel Vivere e nas promoções do CCRII ajudamos na cozinha e no que nos for solicitado. Em 2012 tivemos a oportunidade de compor a diretoria do CCRII e fazer parte da história deste Centro, que é muito importante para nós. É muito bom poder integrar este grupo, pois assim fizemos muitos amigos, nos sentimos úteis e valorizados, podendo contribuir com nossas opiniões e vendo que realmente nos sentimos parte desta família.

A oportunidade de conviver, aprender e relembrarmos as tradições, que para mim não eram totalmente desconhecidas, visto que pelo pouco tempo que convivi com meu pai, mesmo de um modo simples e sem muito conhecimento, ele transmitiu a mim e a meus irmãos, faz com que nós nos sentimos felizes e agradecidos por estar junto com nossas raízes. Saber o passado traz alegria, satisfação e gratidão, pois somente conhecendo a nossa história, o pensamento, o comportamento e o sentimento que nossos antepassados tiveram é que podemos determinar como somos no presente e assim termos a capacidade de

formular e planejar um futuro melhor.

Retorno em busca da *cucagna*

Faleido sonho de minha vida, que realizei ao viajar à Itália e a terra de meus antepassados. As gerações mais novas por vezes acalantam sonhos maiores e mais radicais. Não só viajar para a Itália, mas inclusive ir viver na Itália. Foi precisamente o que ocorreu com um sobrinho, Iuri, que graças ao futsal transferiu-se para lá atuando como jogador profissional. Ele teve a oportunidade e a coragem de realizar seu duplo sonho que era ser jogador profissional e viver na Itália, conquistar a cidadania italiana.

Com orgulho transcrevo aqui suas palavras em que conta sua experiência. Aliás possa este testemunho demonstrar que é possível a travessia de retorno.

“Nossos antepassados com muita coragem, saíram da Itália para chegar ao Brasil, tentar uma vida digna. Com muita persistência conseguiram prosperar, criar seus filhos e nos proporcionar uma história de superação, de vitórias, que nos enche de orgulho e respeito pelos nossos antepassados Italianos.

Para nossa família a conquista da cidadania Italiana é muito mais que um objetivo, pois sabíamos que estávamos lidando com algo tão importante, que precisávamos ter antes de mais nada seriedade e respeito, sabendo que depois de conquistar, ela se torna um patrimônio familiar, que irá beneficiar a nós e aos nossos filhos, num projeto pelo qual sentimos imensa satisfação.

Ainda muito jovem, fui para a Itália, realizando o caminho inverso de nossos antepassados, também em busca de uma vida melhor. Com muita luta e dedicação estou conseguindo alcançar meus objetivos, neste que sempre foi o meu sonho. Nesses anos conquistei meu reconhecimento e minha cidadania Italiana, esta experiência me deu a oportunidade de vida em um país diferente do nosso em vários aspectos e tem sido muito gratificante essa grandiosa experiência.

Incentivado pelos meus familiares, eu Iuri Miguel Scheleski Gomes, jogador de Futsal, desde os quatro anos de idade participei das categorias de base da ACF Ijuí Futsal, onde trabalhei a base do Futsal. Tive outras experiências no futebol, como estar na base do Esporte Club Internacional de Porto Alegre, mas fiz a opção pelo Futsal, quando participei de uma avaliação em Passo Fundo da equipe Augusta Football Club, uma agremiação Italiana, onde vim a ser convidado a fazer parte da equipe e ir jogar na Europa. Fizemos pré temporada na cidade de Araçatuba SP e

embarcamos rumo à Europa e tão sonhada Itália.

Com então dezoito anos, sai do Brasil, apenas com a coragem sem ter nenhuma referência do lado de lá do oceano, apenas com a coragem e força das pessoas que me deram a vida e sempre estiveram presentes em todos os meus momentos. Sabia que levaria uma vida difícil, mas, tinha sonhos. No primeiro ano disputei o campeonato Italiano da série A pelo Augusta como lateral ofensivo e morei na cidade que dá nome à equipe, situada na Sicília, próximo à Catania. Com alguns brasileiros na equipe minha adaptação foi boa, aprendendo a língua e me moldando à vida e aos hábitos Italianos.

Com muita superação, permaneci em Augusta por cinco temporadas, de 2011 à 2015 e após fui para a equipe do Meta Catania em Catania em 2016 e 2017, nas temporadas de 2017/2018 fui para Nápoles fazer parte da equipe do Fuorigrotta e na temporada de 2018/2019 fui para Roma contratado pela Lazio, seguindo na mesma temporada para a equipe Aniene também em Roma, na temporada de 2019/2020 farei parte da equipe do Cataforio de Reggio na Calábria, dando seguimento à nossa jornada em terras Italianas.”

LUCCA

Sueli Terezinha Lucca Pizutti¹

Os imigrantes da família Lucca chegaram ao Brasil em janeiro de 1878, período do início da colonização, na Quarta Colônia de Silveira Martins, RS.

Graças à pesquisa feita por Celeste Lucca e publicada no livro *A saga das Famílias Lucca e Anversa*, pela Editora EST, em 2018, temos hoje toda a história da família e as árvores genealógicas. É uma linda história de amor e coragem. Amor pelos parentes que ficaram na Itália, viabilizando seu sustento e coragem, baseada na fé em Deus para sair e enfrentar uma viagem ao desconhecido.

A família vivia na *Comune di Spresiano*, província de Treviso, na região do Vêneto, ao norte da Itália. Localizava-se no vale do Rio Piave, o qual deságua no Mar Adriático.

Eram quatro casais com filhos e netos, ou seja, mais de 30 pessoas numa mesma casa. Possuíam *trenta campi d'arare* (+/- 30 hectares) e arrendavam outros 30 para sustentar a família. *Il paron* (O patrão), o proprietário das terras arrendadas, tinha uma casa grande e um comércio, por isso era quem determinava quais os produtos agrícolas que deveriam plantar. Tudo era supervisionado por um capataz. Produziam grãos, uvas, vinho, vacas de leite, galinhas e ovelhas. Não podiam produzir fumo, pois era considerado supérfluo. A maior parte era entregue na casa do patrão para a sua família e o seu comércio. Só podiam

¹ Filha de Celeste e Regina Antônia Lucca. Bisneta dos Imigrantes Pietro e Ângela Di Menis Lucca

engordar um porco por ano para seu sustento. E se faziam queijo e *puína*, lhes sobrava o soro. Diante da falta de mais terras próprias e de sustento para todos, decidiram, em uma reunião de família, que alguém devia partir. Na época os padres da localidade traziam as informações e a propaganda da América do Sul e do Brasil como uma terra de fartura (*La cucagna*) a ser colonizada. Andréa Lucca, num ato de coragem, disse:

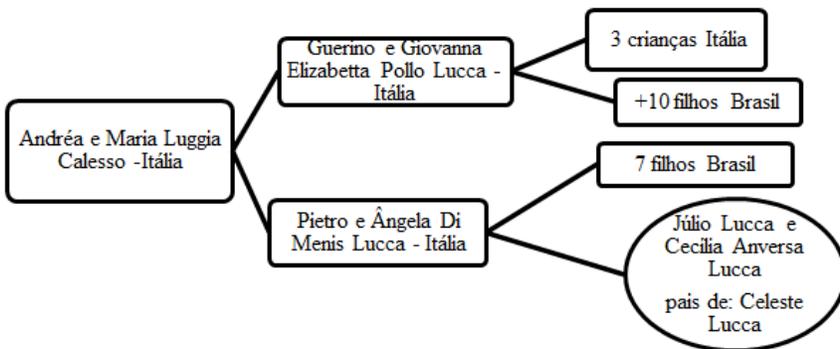
– *Se nissuno ci ne vá, io vado com la mia famiglia...*

(Se ninguém vai para lá, eu vou com a minha família...).

Triste decisão, porém necessária. Ficou acertado um valor pelas terras e pelos pertences daqueles que partiam, que foi pago em *marengbi* (moedas de ouro, pequenas e leves). Não era muito dinheiro, mas foi suficiente para pagar pelas terras chamadas “devolutas”, distribuídas pelo governo brasileiro (não receberam nada de graça), pagar pelos implementos agrícolas e sementes e, mais tarde, adquirir mais terras.

Na Quarta Colônia, os lotes eram distribuídos por casal e, sendo assim, receberam três lotes.

Os Lucca Itália – Brasil



O Vapor Ester (ou Esther)

Foi preciso organizar documentos e passaportes para a partida. Foram de carroça até a estação de trem em Treviso; depois foram até o Porto de Gênova onde embarcaram no Vapor Ester (o navio levava 614 passageiros) no dia 12 de dezembro de 1877 e chegaram ao Brasil em 11 de janeiro de 1878, conforme consta no SIAN – Arquivo Nacional, consultado em três de julho de 2019.

Tudo era novidade e motivo de perplexidade: o porto, o navio a vapor, a multidão de pessoas, os marinheiros e as águas do mar. A presença de mais famílias vindas da mesma região da Itália trazia um sentimento de segurança dentre eles, na certeza de que iriam se ajudar caso houvesse qualquer contratempo na viagem. Junto com os Lucca, vieram mais 40 famílias que falavam o mesmo dialeto vênето. Havia vários dialetos falados na Itália naquela época: vênето, trentino, florentino, central e outros. A Itália já estava unificada (1861) e a língua oficial era o dialeto falado em Florença, cidade que era um grande centro comercial na época. Os demais dialetos permaneceram e, por isso, muitos não se entendiam no navio.

Como o governo brasileiro pagou as passagens de vinda, estas eram de terceira classe, por isso as acomodações eram nos porões úmidos do navio, com péssimas condições sanitárias e com riscos de pegar doenças. Felizmente os Lucca não pegaram doenças no navio.

O roteiro da viagem transatlântica

Na viagem, passaram entre Toulon na França e a Ilha da Córsega; Ilhas Baleares e Cartagena na Espanha; Estreito de Gibraltar, que antes era denominado de Colunas de Hércules; passaram por Tanger, na África; de longe, pelas Ilhas da Madeira, por Las Palmas e Ilhas Canárias. Aportaram em Dakar, no Cabo Verde, na África, e foi ali que viram terra pela última vez. Depois, só enxergavam *Il cielo e acqua* (o céu e água).

Nos últimos dias, já no continente sul-americano, avistaram, ao longe, uma imagem pequenina verde-escura, que cada dia parecia ficar maior. Nos últimos dias, aquele verde-escuro tornou-se realidade, pois eram as matas de *l'América* e do Brasil. O navio Ester fez escala no Espírito Santo e seguiu até o Rio de Janeiro, onde ficaram hospedados em galpões na Ilha das Flores, para a quarentena de desinfecção.

De Rio Grande ao Jacuí

Após a quarentena, foram embarcados em um navio costeiro e vieram até o Porto de Rio Grande. Depois de uns dias, embarcaram em um navio lacustre chamado Dom Pedro (ou Guapo) e, viajando pela Lagoa dos Patos, chegaram a Porto Alegre. Lá foram alojados em um galpão destinado aos imigrantes, próximo à Praça da Harmonia. Ali, os Lucca e mais algumas famílias do Vênето indicaram ao Serviço de Distribuição de Terras que escolheram ir para a Quarta Colônia Imperial, em Silveira Martins, cidade de Santa Maria, RS.

De Porto Alegre foram levados de barco pelo Rio Jacuí acima, e

desembarcaram em um local chamado de Passo do Rio Jacuí, uma barranca do rio que formava uma esplanada e que servia de carga e descarga de mercadorias e pessoas. O local ficava acima da cidade de Rio Pardo e abaixo da cachoeira do Rio Jacuí, próximo da Ponte de Garibaldi, no município de Cachoeira do Sul.

A travessia por terra

Do Passo eles foram conduzidos por diversas carretas de duas rodas, que eram atreladas em juntas de bois, atravessaram matas, campinas e riachos. Os homens seguiam a pé e as mulheres e crianças seguiam nas carretas junto com seus baús de mudança. Havia dois trilhos no solo que as carretas já haviam demarcado. Os carreteiros regiam os bois com uma guia na mão, montados em seus cavalos, ao lado do comboio. Seguiam entre os rios Vacacaí Mirim e Vacacaí Grande e paravam para pernoitar quase sempre nas restingas ou capões de mato ou onde houvesse boa aguada, local já conhecido dos carreteiros. Algumas vezes eles pernoitaram nas fazendas próximas do caminho. Ficaram acampados, alguns dias, na fazenda de Miguel Martins devido às chuvas e enchente nos rios. No final do trajeto, foram desembarcados à margem direita da Sanga Funda, localizada em Faxinal da Palma, Camobi, Santa Maria, RS.

Dali em diante, eles seguiram a pé, atravessaram a sanga por uma pinguela, os homens carregando seus pertences, fardos e baús, e as mulheres levando as crianças e pequenos fardos. Chegaram, então, próximo as terras prometidas. Acamparam, provisoriamente, embaixo de árvores na propriedade da Fazenda dos Penna, hoje Faxinal da Palma.

Como diz a música do folclore italiano, *Mérica, Mérica*, de Ângelo Giusti:

Abbiamo dormito su Il nudo terreno

Come le bestie abbiamo riposà...

“Dormimos sobre o terreno desnudo...

Como os animais repousamos...”

Depois, a pé, as famílias foram sendo conduzidas até o barracão Val de Buia para ali aguardar a distribuição dos lotes de terras. Mas, os Lucca não foram para lá, porque, quando chegou a sua vez, veio a notícia de que o barracão estava superlotado, fato este que veio a salvar suas vidas. Foram levados até um galpão dos peões (escravos) da família Penna e, ali se alojaram pelos meses seguintes.

A peste, como ficou conhecida a febre do tifo negro, alastrou-se no barracão e, entre os meses de maio e julho de 1878, dizimou cerca de 300 imigrantes dos cerca de 1.000 que lá estavam alojados. Em 1977, foi inaugurado o Monumento ao Imigrante como uma homenagem àqueles que morreram.

A família na Quarta Colônia

Os imigrantes da família Lucca estabeleceram-se nas colônias da Linha duas Norte e, mais tarde, adquiriram três colônias no chamado Sítio Alto ou Sítio do Mello, nas proximidades do Rio Mello. As famílias cresceram e,



Júlio e Cecília (Anversa) Lucca com os 4 primeiros filhos, Sítio do Mello, Silveira Martins, RS, 1917. Fonte: Acervo da Família e livro da família.

na casa, já não havia mais espaço para todos. Em 1903, ocorreu a primeira separação da família, quando alguns construíram suas casas no sítio recém-adquirido e foram para lá residir e trabalhar a terra (hoje Faxinal do Soturno, RS).

Na época, o local ficou conhecido como *il monte dei Lucca* (o monte dos Lucca), pois havia um morro logo atrás da propriedade. Havia também uma fonte de água em um buraco no morro, na beira da estrada, à qual chamavam de “a toca da gruta” (hoje Capela Nossa Senhora de Lourdes) e servia de paragem para descansar, dar de beber aos cavalos e saciar a própria sede. Lá as famílias cresceram, casaram seus filhos e nasceram os netos e bisnetos dos imigrantes.

A saída da Quarta Colônia

Com os filhos casados, precisavam de mais terras para plantar e sobreviver. Ocorreu então a segunda separação da família. Novamente, tiveram o mesmo destino já experimentado pelos primeiros que vieram da Itália, abandonar a casa e a terra, por falta de espaço para acomodar a todos.

Alguns filhos de Guerino, como José, foram para Catuípe; e filhos de Júlio, como Constante, para Santa Rosa; Domênica (cc com Copetti), Ângelo

e Júlio para Santo Ângelo.

Júlio (pai de Celeste) partiu (1928) em busca de terras às margens do Rio Ijuí Grande, no interior do município de Entre-Ijuís e lá observou que a passagem só era feita por barco. Então, retornou para a Quarta Colônia. Noutra viagem, retornou e encontrou boas terras na Vila do Comandaí em Santo Ângelo, local onde havia uma estação de trem, com bastante movimento comercial e de passageiros naqueles tempos. As viagens eram mais fáceis, pois havia uma estação de trem em Val de Serra próximo à Quarta Colônia.

Inicialmente vieram o pai com os filhos mais velhos para derrubar o mato, construir a casa, fazer cercas e roçadas. Foi em 1933 que Júlio buscou a esposa e os filhos. Celeste Lucca veio com 12 anos. A família partiu em agosto de 1933 logo após a festa de Bodas de Prata de Júlio e Cecília. A mudança partiu em um carroção puxado por cavalos até a localidade de Colônia Pinheiro, onde, na casa da família Tomazetti, pernoveram e, no dia seguinte, baldearam a mudança para um caminhão (do Senhor Pietro Londero e seu ajudante Tondolo) e saíram em viagem para a Vila Comandaí.

As colônias de Santo Ângelo

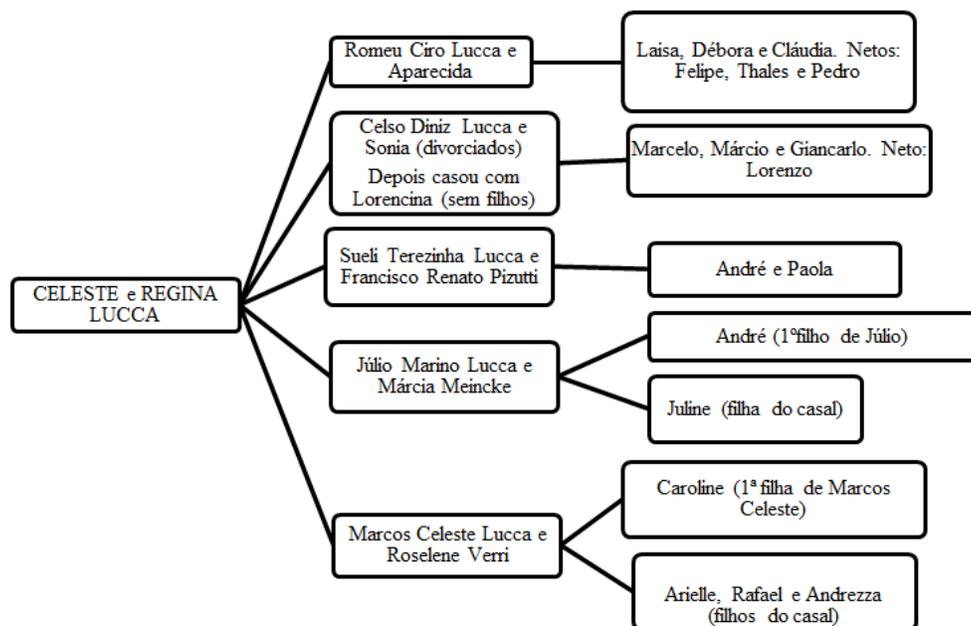
Júlio e Cecília instalaram-se na colônia onde os filhos cresceram trabalhando na roça, frequentando o colégio e indo a missas. O colégio e a igreja ficavam na Vila de Comandaí e as crianças deslocavam-se a cavalo para estudar. Então, em 1941, os Lucca, reunidos com os Copetti e outros moradores próximos, decidiram construir uma escola. E foi assim que, com a doação dos terrenos pelas famílias, em 1941, inaugurou-se a escolinha do Rincão do Sossego. Primeiro a escola e depois a capela.

Na Quarta Colônia, era costume construir primeiro a capela e depois a escola; porém aqui, eles decidiram construir a escola e depois a capela já que podiam ir à missa na vila ou na cidade. Depois de 20 anos foi construída a capela. Hoje o Distrito do Rincão do Sossego conta com a Escola Municipal, a Capela, o salão comunitário, a cancha de bochas e o cemitério. Na localidade, ocorre a Festa da Colheita, recebendo visitantes e descendentes de vários lugares do Estado e do País. Também lá foram realizados dois encontros da família Lucca. O *III Incontro della Famiglia Lucca* ocorreu em Entre-Ijuís, no Parque das Fontes, no dia 4 de agosto de 2018, conjuntamente com o lançamento do livro *A saga das famílias Lucca e Anversa* durante a abertura da Semana de Cultura de Santo Ângelo. Foi uma grande festa que nos encheu de orgulho.

Celeste Lucca em Ijuí

A terceira separação da família, agora de Júlio e Cecília (Anversa) Lucca, ocorreu no final dos anos de 1940, quando seus filhos foram casando e saindo do Rincão do Sossego. O casal Celeste e Regina Antônia Contri Lucca vieram para Ijuí. Torneiro-mecânico de profissão, ele trabalhou nas firmas Reimann e Höpner, depois foi trabalhar na montagem de indústrias de óleo como COTRIJUI e, depois, REFINASUL, em Giruá. Teve uma oficina própria e, mais tarde, voltou para a indústria de óleos da COTRIJUI, até se aposentar. Foi sócio-fundador do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Metalúrgicas e de Material Elétrico de Ijuí e membro do PTB – Partido Trabalhista Brasileiro. Foi o encarregado pelo Cinema do SESI de 1955 até 1963.

Família de Celeste



Celeste Lucca foi um historiador nato, pois, desde muito jovem, gostava de ouvir e anotar os causos contados por seu avô e por seus pais. Foi assim que muitos o conheceram: uma pessoa focada em registrar todos os acontecimentos da família e de suas origens. Concentrou sua pesquisa sobre a vinda dos imigrantes Lucca e Anversa da Itália, com nomes, datas e locais, chegando a concluir, em 1989, mais de 1.000 páginas, revelando toda a história da sua família e mais as duas árvores genealógicas. Graças a todo este trabalho, temos o livro da família publicado. Além das suas famílias, Celeste possuía, em suas pesquisas, dados de outras famílias próximas com fotos e documentos.

A participação de Celeste Lucca na Casa Italiana

Celeste Lucca foi sócio-fundador da AIMC – Associação de Integração Museu Comunidade – criada em 20-8-1983 (hoje Associação dos Amigos do Museu Antropológico Diretor Pestana de Ijuí) e foi na sede do museu que passou a participar das reuniões sobre a etnia italiana, no movimento étnico na cidade, que deu origem à FENADI – Feira Nacional das Culturas Diversificadas. Tornou-se sócio-fundador do Centro Cultural Regional Italiano de Ijuí, criado oficialmente em 12-8-1987 (a Casa dos Italianos). Recebeu a homenagem como um dos *Nonos* da Casa Italiana juntamente com a *Nona* Regina, em outubro de 1996, com suas fotos expostas na *Cantina dei Noni*, no porão da casa italiana, no parque.

O casal Celeste e Regina Lucca passaram a integrar o Grupo de *Canto Bona Gente*, criado em 1987, regidos pelo professor Antonio Grison. Naquele ano, Celeste organizou a primeira Mostra Museológica dos Italianos para a I FENADI e levou suas pesquisas, fotografias e objetos para um dos pavilhões da EXPOIJUI. Montou a árvore genealógica dos Lucca para exposição e, também, incentivou outros a fazerem o mesmo. Solicitou objetos de famílias italianas para expor e tinha muito cuidado para a devolução após cada feira. A mostra foi exposta por 4 ou 5 anos nos pavilhões. Depois retornou em 1994, quando Celeste, auxiliado pelos *nonos* e diretoria do Centro Cultural, levou sua mostra museológica para o sótão da casa.



Celeste e Regina Antonia (Contri) Lucca. Museu *La mostra dei ricordi dei nostri immigranti italiani*. Pavilhão A, Parque de Exposições Venderley Burmann de Ijuí, RS. II FENADI, 1988. Fonte: Acervo da Família.

As pessoas formavam fila para subir a escadinha que dava ao sótão para ver o museu dos italianos. Havia uma lista de sobrenomes italianos que os visitantes podiam ir acrescentando os faltantes.

A partir de 2002, Celeste, já com 81 anos, não pôde mais se dedicar aos cuidados do museu e lamentou ao saber que o seu acervo acabou sendo abandonado na Casa dos Italianos. Reunido com o *nono* Cargnelutti, foram os dois recolher parte do acervo de suas famílias do local.

Quando iniciou o programa de rádio dos italianos, na Rádio Progresso de Ijuí, Celeste falava e traduzia dialetos italianos e, dispunha de uma coletânea de cânticos antigos e de muitas histórias para contar. Em outubro de 1989, o *Jornal do Almoço* da RBSTV apresentou um programa sobre a FENADI em Ijuí, momento em que ele preparou um texto e assim falou:

Siamo venuti dal nord d'Itália della regione del Veneto, al Brasile. E poi a Ijuí como sub-colonizzazzione originati da Silveira Martins, Jaguari e da regione de Caxias do Sul. Ci dedichiamo all'agricoltura, poi anche all'industrie, come: mullini, segherie, fallestami, alambicchi e molto vino.

Abbiamo creato la colonia cantando, pregando e bestemando. Qui in'Ijuí e regione siamo più de cinquecento cognomi italiani.



Celeste e Regina, III Expoijuí.

Vimos do norte da Itália, da região do Vêneto, para o Brasil. E, depois, para Ijuí como sub colonização, oriundos de Silveira Martins, Jaguari e da região de Caxias do Sul. Nos dedicamos à agricultura, depois também à indústria como: moinhos, serrarias, carpintaria, alambiques e muito vinho.

Criamos a colônia, cantando, rezando e blasfemando. Aqui em Ijuí e região somos mais de quinhentos sobrenomes italianos.

Hoje, após mais de 30 anos, vemos como foi importante a participação de nossos pais para a construção e organização do Centro Cultural Regional Italiano de Ijuí. Ficam nossos eternos agradecimentos.

LUCCHESE

Maria Ighes Lucchese Ceratti¹

Larissa Lucchese Ceratti²

Giuseppe Lucchese e Bartolommea Favretto, juntamente com os filhos Giacomino e Francesco Giuseppe Luigi, oriundos da comuna de Caneva, província de Pordenone, região de Friuli-Venezia Giulia, Itália, chegaram na então colônia Caxias em 15 de dezembro de 1879. Segundo os historiadores Rovílio Costa e Mário Gardelin, o filho mais velho dos Lucchese, Antônio, teria vindo para Caxias, três meses antes, com sua esposa Lucia e dois filhos pequenos. Ali, a família de Giuseppe Lucchese construiu, em 1879, uma casa de pedras de dois pisos. A construção total da casa demorou cerca de dez anos e a técnica utilizada é chamada de taipa, ou seja, a sobreposição das pedras de basalto assentadas em uma liga feita com gordura de porco e barro.

A família Lucchese vendeu a casa em 1913 para a família Brunetta, que instalou um matadouro de suínos. Em 1946 a propriedade foi novamente vendida para a família Tomazzoni, que utilizou o imóvel como pensão, até decidir alugá-la para diversos ofícios. Esta Casa de Pedra foi desapropriada em 1974 e, após reforma em 1975, foi transformada em Museu Ambiência Casa de Pedra.

¹Bacharel em Direito pela Unicruz – Universidade de Cruz Alta. Bisneta de Francesco Giuseppe Luigi Lucchese, imigrante italiano.

²Bacharel em Administração pela Unijuí – Universidade de Ijuí. Trineta de Francesco Giuseppe Luigi Lucchese, imigrante italiano.



Casa da Pedra em Caxias do Sul – RS.

Francesco Giuseppe Luigi Lucchese e Luiza Pasqualle Lucchese

Francesco Giuseppe Luigi, filho de Giuseppe Lucchese e Bartolomea Favreto, nasceu em 21 de junho de 1858, na Comuna de Caneva, Província de Pordenone, região de Friuli-Venezia Giulia, Itália. Batizado em 22 de junho de 1858, na Parrocchia di São Tomaso Apostolo, em Caneva, - Diocesi di Vittorio Veneto, Faleceu em 26 de fevereiro de 1914, em Caxias do Sul (RS). Luiza Pasqualle nasceu em 11 de setembro de 1864, Italiana, filha de Antônio Pasqualle e Sara Franchetto.

Francesco Giuseppe Luigi Lucchese e Luiza Pasqualle se casaram em 11 de julho de 1883, na Paróquia de Santa Teresa, Catedral Diocesana de Caxias do Sul (RS).

Por volta de 1904, Francesco Giuseppe Luigi adquiriu uma extensa propriedade localizada nas proximidades da ponte do rio Ijuí, na Linha 6 Norte. Construiu um enorme casarão, típico italiano, de madeira assobradada, com finalidades de comércio de mercadorias e moradia para os familiares.

Foi numa de suas viagens a Caxias do Sul que veio a falecer no dia 26 de fevereiro de 1914, com cinquenta e cinco anos de idade.

Francesco Giuseppe Luigi Lucchese e Luiza Pasqualle tiveram os seguintes filhos: Vitória, casada com Angelo de Carli; Fermino, casado com

Antonieta Dalcanale; José, casado com Cleufe Alquatti e segundas núpcias com Alma Muller, Alberto, casado com Ursulina Dalcanale; Paulino, casado com Helma; Ambrósio, casado com Luiza e em segundas núpcias com Dionisia; Querino, casado com Itália Del Frari e Irene casada com Leopoldo Hickembich.



Francesco Giuseppe Luigi Lucchese (6) e Luiza Pasqualle (3), com seus filhos: Alberto, José, Vitória, Frimino, Ambrósio, Paulino, Guerino, Irene.

Vejamos o que diz a Tia Cecília Lucchese Marin, neta de Luigi Lucchese, em uma carta depoimento a sua sobrinha Maria Antonieta: “Vou voltar atrás para falar do avô Luiz, que ele ajudou a controlar o negócio, ele morava em Caxias, mas, de vez em quando vinha dar uma controlada. Como te disse, era dinâmico, gostava de trabalhar. Lá ele plantou arvoredo, frutas, um parreiral enorme, que não podia faltar na casa de gringo. Tempo das uvas ele vinha fazer vinho. Nas horas das refeições tinham que estar todos na mesa. Ele tomava uns copos de vinho e depois fazia o sermão, se as coisas não andavam como ele queria. Os filhos não aguentavam o sermão e iam saindo da mesa. A mamãe contava que no fim ficava só ela na mesa ouvindo tudo. Ela respeitava muito o velho sogro, e ele queria muito bem a ela”.

Histórico de Fermino Lucchese E Antonieta Dalcanale

Fermino – nascido em 11 de outubro de 1885, em Caxias do Sul, falecido em 21 de junho de 1966, em Ijuí (RS).

Antonieta – nascida em 1888, em Caxias do Sul, filha de Luiz Dalcanale e Rosa Piva, (italianos), falecida em 13 de julho de 1984, em Ijuí (RS).

Casamento em 13 de maio de 1909, em Caxias do Sul (RS).



Casamento em 13 de maio de 1909, em Caxias do Sul (RS).

Casamento de Fermino e Antonieta Lucchese.

Após o casamento, em 1909, o casal Fermino e Antonieta, juntamente com seus pais, Francesco Giuseppe Luigi Lucchese e Luiza Pasqualle Lucchese, partiram de Caxias do Sul, viajando numa diligência, puxada por dois cavalos, em direção a São Sebastião do Caí, onde seguiram para tomar o trem em Porto Alegre com destino até Cruz Alta, fazendo o restante do percurso para chegar a Ijuí, provavelmente em outra diligência, instalando-se na área já adquirida, nas proximidades da Ponte do rio Ijuhy, Linha 6 Norte. Abriram uma casa de comércio onde tinha um completo sortimento de fazendas, ferragens, miudezas, secos e molhados. Depósito permanente de sal, arame, farinha, etc. Comprava e vendia produtos coloniais a dinheiro, acompanhando os preços da praça. Nasceram nessa localidade quatro filhos do casal Fermino e Antonieta: Cecília, Luis, Mário e Nilo.



Casa Comercial de Fermino Lucchese, Linha 6 Norte, Ijuí.

Em meados de 1918, motivado pelo crescimento da cidade de Ijuí, instalou também uma casa comercial na sede, estabelecendo-se na rua 7 de Setembro, esquina com rua do Comércio, prédio alugado do então Intendente Coronel Dico. A casa comercial localizada na Ponte do Ijuhy, Linha 6 Norte, ficou sob a responsabilidade do irmão Alberto Lucchese. A localização da casa comercial, na época, era à direita, após passar a ponte em direção à Vila Chorão. Ainda permanece a capelinha construída em homenagem a Santo Antônio.

Fermino Lucchese teve uma intensa vida comunitária:

- Teve passagem no poder legislativo do município exercendo a vereança municipal.
- Um dos fundadores e membro atuante do Hospital de Caridade Ijuí;
- Um dos idealizadores da vinda do Colégio Sagrado Coração de Jesus para Ijuí;
- Membro fundador do Tiro de Guerra;
- Presidente da ACI-Associação Comercial e Industrial de Ijuí, no período de 01.01.1920 a 27.12.1920. Membro efetivo e fundador da entidade.
- Gostava muito de música e foi membro da Banda Municipal da



Casal Fermino e Antonietta Lucchese com seus filhos pequenos.

O casal, por serem católicos fervorosos, encaminharam os cinco filhos homens para estudarem em seminários, mas não tiveram a graça de terem um filho padre.

Após alguns anos de trabalho na sede, Fermino comprou um terreno na Rua Benjamin Constant, esquina Floriano Peixoto (atual Livraria Santo Antônio/Clip), onde construiu um prédio de dois pisos, instalando seu comércio em imóvel próprio.

Mais um trecho da carta depoimento da Tia Cecília Lucchese Marin para sua sobrinha Maria Antonieta: “Agora, vou desvendar o segredo da Tiazinha de ser como disseste. Graças ao Bom Deus, que me deu saúde até os 88 anos. Amar a vida depende do ambiente em que vivemos, a educação, carinho dos pais, estar de bem com Deus, nosso Pai do céu, os ensinamentos de nossos pais no lar, e bons exemplos de casa. É isso minha querida. Agora, o avô Fermino era de amor e carinho para com os filhos e outras crianças também. Eu, por ser a primeira. filha, a mais velha, era privilegiada. Quando inventa de viajar para Caxias lá ia a Cecília junto. Ele ia para visitar os parentes, que eram muitos. Eu ficava na casa da avó Dalcanale, e ele fazia as visitas dele. Na Casa de Pedra morava uma tia Dele, não lembro o nome, também eu tinha uns 5 ou 6 anos. Dormi uma noite lá e não gostei porque tive que dormir junto os donos da casa, na mesma cama, no meio dos dois. O quarto, era aquele de cima, tinha que subir a escada e tinha um pinico debaixo da cama”.



Casal Fermino e Antonieta com seus filhos adultos.

Familia de Fermino Lucchese

Nos primórdios da então Colônia Ijuhy, Fermino Lucchese e sua esposa Antonieta Dalcanale Lucchese, ambos nascidos em Caxias do Sul, construíram uma das mais tradicionais famílias de Ijuí no curso do século XX.

O prédio onde hoje está a Livraria Santo Antônio/Clip, além de ter sido um dos primeiros grandes prédios de Ijuí, foi construído por Fermino Lucchese. No andar térreo instalou sua Loja Geral, que vendia tecidos, armarinhos, miudezas, roupas feitas, calçados, cama, mesa, banho e secos e molhados. No andar de cima tinha três apartamentos de bom tamanho. Atrás do Edifício tinha o resto do terreno, conhecido como “pátio da Loja”, onde foram construídas quatro garagens para automóveis. Fermino já tinha, na época, um Ford 29, um Chevrolet Pavão e Jardineiras da época. Descendentes de famílias de Caxias do Sul, onde Fermino e Antonieta casaram em 13 de maio de 1909 e vieram para Ijuí, juntamente com seus pais, com recursos suficientes para bem se instalarem e assim o fizeram. Logo vieram seus irmãos Guerino, Alberto e José, que com famílias constituídas aqui se consolidaram e também se dedicaram ao comércio tornando-se conhecidos por toda a sociedade Ijuicense. O casal Fermino e Antonieta tiveram 8 filhos:

1- Cecília Lucchese, depois Cecília Lucchese Marin, exímia pianista e professora, foi casada com Vitorino Marin, granjeiro de trigo e soja, que morreu desbravando e trabalhando longas terras em Mato Grosso, há anos atrás, quando a Seriema ainda cantava pelos campos. Deixou Cecília viúva com os filhos Décio Régis, Denise, Vinicius e Enio.

2- Luiz Lucchese, em primeiras núpcias com Maria Nunes, vindo à

São Leopoldo com outros ijuenses (Casarin, Faustini e Fonseca) passaram a participar da até hoje existente e muito conhecida “Empresa CENTRAL de Transporte Coletivo”, conhecida como ‘CENTRAL’ e que faz a linha Porto Alegre a São Leopoldo, Novo Hamburgo e arredores, desde os anos 30. O casal teve os filhos gêmeos Nilton e Luiz Cláudio e as filhas Eunice e Therezinha e em segundas núpcias com Sylvia Kieling tiveram as filhas Maria Cristina, Maria Luiza, Maria Isabel, Maria Antonieta, Maria Zélia, Fausto e Hélio.

3- Nilo Lucchese, que estudou e vindo a Porto Alegre tornou-se Auditor Fiscal do Tesouro Estadual-AFTE (fiscal do ICMS). Casou-se com Clecie da Luz Emil e tiveram quatro filhas: Myriam, Nilcie, Rosa Maria e Maria da Graça.

4- Mário Lucchese, dedicou-se ao comércio e casou-se com a Professora Ivone Bós Lucchese que lecionou e alfabetizou centenas de alunos no Grupo Escolar Rui Barbosa, hoje conhecido como “Ruizinho”. Foram pais das gêmeas Ione Maria e Maria Cecília, de Guido e de José Carlos. Após a aposentadoria passaram a residir em Porto Alegre.

5- Cyro Lucchese casado com Maria Iara Mota era Contador da firma Alfredo Krampe S/A. Quando ainda muito jovem foi acometido de insidiosa enfermidade neurológica e acabou por falecer deixando Iara viúva com os filhos: Maria Ignes, que veio a casar com Onésimo Antonio Ceratti, João Batista, que se casou com Dária Cidilane Lemos de Brum e grávida de Ciro (filho) conhecido como “Cirinho”, que foi casado com Jussara Molina e que também veio a falecer ainda bem jovem.

6- Carmem Lucchese, depois Carmem Lucchese Fantinelli, casou com Fiorino Fantinelli, empresário de sucesso, que foi sócio proprietário do Cine Serrano e Cine América, em Ijuí, e também do cinema em Santo Ângelo. São filhos de Carmem e Fiorino: Flávio e Claudio.

7- Célia Lucchese, também exímia professora de piano, viveu a vida toda com os pais e cuidou deles até sua morte. Participou ativamente da vida dos sobrinhos especialmente dos filhos de seu falecido irmão Ciro, colaborando com sua cunhada Iara nos cuidados e educação das crianças. Após o falecimento de sua mãe Antonieta, passou a residir com o sobrinho João Batista Lucchese.

8- Celso Lucchese, jovem, trabalhou inicialmente com seu primo Nelson Lucchese no Atacado que ele tinha e depois instalou seu próprio Atacado tornando-se conhecido comerciante. Casou-se com a linda jovem Gládis de Souza e tiveram os filhos Beatriz, Roberto, Rogério, Celso Luiz e Fernando.



Bodas de Ouro casal Fermino e Antonieta, com irmãos, filhos, noras, genros e netos.

O casal Fermino e Antonieta Lucchese viveram e conviveram muitos anos vindo a falecer, respectivamente, em 21.07.1966 e 13.07.1984 tendo a alegria de ver todos os filhos bem casados e com netos e bisnetos, mas conhecendo também a profunda dor de verem o filho Ciro morrer antes deles, quebrando dessa forma a ordem natural da vida que é a de os mais novos enterrarem os mais velhos e nunca um pai enterrar um filho. Acho que não há dor maior. Honrosamente cumpriram sua missão perante Deus e perante os homens, ajudando a construir uma cidade e deixando um expressivo número de descendentes que se orgulham de levarem consigo o nome Lucchese por muitas cidades e estados do Brasil.

Maria Igenes Lucchese Ceratti, filha de Cyro e Maria Iara Mota Lucchese, neta de Fermino e Antonieta Dalcanale Lucchese, bisneta de Luigi e Luiza, casou-se com Onésimo Antonio Ceratti e tiveram três filhos: Ana Cláudia, casada com Marco Túlio Thomé da Cruz, Ciro Carlos, casado com Raquel Fontoura Kazienko e Larissa Lucchese Ceratti. Do amor dos filhos nasceram as netas: Ana Beatriz Ceratti Thomé da Cruz, Joana Ceratti Thomé da Cruz e Maria Fernanda Kazienko Ceratti. O casal Maria Igenes e Onésimo e a filha Larissa são participantes ativos do Centro Cultural Regional Italiano de Ijuí desde 1989.



Família de Maria Ines e Onésimo Ceratti. Da esquerda para direita: Raquel, Ciro e Maria Fernanda; Marco Tulio, Joana, Ana Claudia e Ana Beatriz; Maria Ines, Onésimo e Larissa.

Formou-se professora no curso normal do Colégio Sagrado Coração de Jesus; bacharel em Direito pela Unicruz – Universidade de Cruz Alta; foi funcionária do Banco do Brasil SA, de 1973 a 1998.

Cresceu junto com seus irmãos, João Batista e Ciro, na casa dos avós Fermino e Antonieta Lucchese. Deste convívio herdou tradições e ensinamentos religiosos bem como o gosto e dom pela música e canto.

Foi catequista e animadora de casamentos realizados na Matriz São Geraldo. Participou do coral São Francisco, regido pelo Frei Gabriel, da Matriz São Geraldo. É participante da Comunidade Católica Nossa Senhora da Penha fazendo parte das equipes de liturgia, animação, ação fraterna e coordenação.

Foi integrante do famoso grupo musical “Os Vocalistas”, regido pelo seu tio Celso Lucchese, da Matriz São Geraldo. Participaram deste grupo seus primos: Vinícius Lucchese Marin e Nilton Lucchese, e os amigos Tuca Prates, Roque Comerlato, Tirson Friedrich, Dileta Baggio, Maria Helena e Maria da Graça Craidy.

MANHABOSCO

Elis Regina Manhadosco Allegranzzi¹

Paolo Magnabosco foi o precursor da família no Brasil. Oriundo de Zevio² - província de Verona, filho de Antonio Manhadosco e Rosa Visentini, nascido em 25 de janeiro de 1833 e batizado na Parrocchia San Pietro Apostolo – Comune Zevio – C.A.P 37059, Província Di Verona, il giorno 26 gennaio anno 1835.

Segundo o Professor Argemiro J. Brum no seu livro História da Picada Conceição (Barreiro), Paolo Magnabosco (Manjabosco ou Magnabosco), apesar da diferença de grafia a família é a mesma, diante das dificuldades na Itália decidiu vir para o Brasil com a sua família. Embarcou no vapor Righi, que saiu do porto de Gênova em 19 de março de 1878.

Chegou ao Rio de Janeiro em 20 de abril de 1878 e, no Barracão da Colônia, então “Núcleo Russo de Santa Maria da Boca do Monte” (depois Silveira Martins), em 08 de maio de 1878. Integrava uma leva de 83 famílias e 322 indivíduos. Junto a ele, veio a esposa Mariana Valdo e três filhos menores: Luígia (Luisa), Maria e Giuseppe (José).

¹ É pesquisadora, descendente da 5ª geração no Brasil, neta de Paulo Manhadosco e filha de Antonio Euclides Manhadosco.

² É uma comuna italiana da região do Vêneto, província de Verona, com cerca de 12.033 habitantes e área de 55,02 km².

Os imigrantes saíram da Itália em busca de melhores condições de vida fugindo da miséria. Vieram para o Brasil em busca de um sonho: de “Fazer a América”. Enganados por promessas de fartura, tiveram que lidar com enormes dificuldades como “traçar caminhos e derrubar o mato, tornando habitável um espaço praticamente despovoado” (www.silveiramartins.rs.gov.br). O descaso do governo imperial e as saudades da terra natal fazia parte do cotidiano. A fé e a vontade de fazer um futuro melhor para seus filhos foram os sentimentos que lhes deram coragem para continuar a jornada.

Tendo perdido a esposa, Paolo Magnabosco casou-se, em segundas núpcias, com Maria Rocco, viúva de Francisco Menuzzo, que também vieram para o Brasil na mesma época acompanhada de 7 filhos. O casamento aconteceu em 01 de fevereiro de 1888 na Igreja Santo Antônio de Pádua de Silveira Martins.

No segundo casamento, Paolo Magnabosco e Maria Rocco tiveram um único filho, nascido em 31 de janeiro de 1889. Foi batizado em 28 de fevereiro de 1889 na Matriz Santo Antônio de Pádua de Silveira Martins, com o nome de Antonio Angelo Magnabosco e teve como padrinhos Antônio Brum e Carolina Menuzzo.

Picada Conceição

Segundo o historiador Danilo Lazzarotto no seu livro *A presença Italiana em Ijuí*, as matas que circundavam o Rio Ijuí eram um empecilho no percurso entre Cruz Alta e Santo Ângelo. Para facilitar o acesso do correio, o governo imperial mandou abrir uma picada. Esta tarefa foi realizada pela orientação do engenheiro agrônomo cruzaltense José Gabriel da Silva Lima, que fez passar a estrada pelo meio de uma grande propriedade sua. Para manter este caminho aberto, José Gabriel instalou ao longo da picada algumas famílias de nacionais que foram os primeiros moradores do hoje distrito de Barreiro.

Intermediado pelo Engenheiro José Gabriel e Siqueira Couto, chefe da Comissão de Terras de Silveira Martins e pelo líder da primeira leva de imigrantes italianos de 1877, senhor João Protti, imigrantes italianos oriundos de Silveira Martins começaram a se instalar na Picada Conceição no início de 1890.

Os colonos foram instalados ladeando a picada. Paolo Magnabosco se instalou no lado sul, de leste a oeste, próximo ao rio Conceição, no lote rural de número 548.

Dentre as famílias pioneiras de imigrantes italianos que se estabeleceram na Picada Conceição, procedentes de Silveira Martins, encontrava-se a de Giacomo Dezordi, cuja filha Antonia viria a contrair núpcias com o filho mais jovem de Paolo Magnabosco e Maria Rocco.

Paolo Manhabosco, juntamente com Giacomo Dezordi, eram muito religiosos. Foram importantes cantores na Igreja de Nossa Senhora da Conceição.

Segundo memórias de Armando Manhabosco, neto de Paolo Magnabosco, o avô, juntamente com Giacomo Desordi foram contratados por José Gabriel para abrir a picada Conceição e o convenceram a doar um terreno de 200 x 200 metros para a construção da escola, igreja e cemitério. O cemitério foi trocado de lugar porque o terreno original era muito úmido.

A descendência de Antonio Magnabosco e Antonia Desordi

Seguindo a trajetória de Paolo “Esta família veio para Picada Conceição no início da década de 1890. Com ela também o filho Giuseppe Manjabosco do primeiro casamento de Paolo... Mais tarde a família de Giuseppe Transferiu-se para a localidade de Cadeado, hoje Augusto Pestana” (BRUM, Argemiro J).

Paolo e Maria faleceram no ano de 1907 com apenas um dia de diferença: ele em 31 de outubro com 74 anos de idade e ela em 01 de novembro. Contam os descendentes que Maria, ao se despedir do esposo Paolo, antes do cortejo ir para o cemitério, disse: “Vá oggi Paolo, che domani vo mi”. Os familiares retornaram do enterro e a encontraram morta, com as mãos postas sob o rosto, num semblante de paz. Na certidão de óbito está registrado que Maria faleceu de causas naturais.

Em consequência, ficou órfão o filho do casal, Antonio Magnabosco, com apenas 18 anos de idade.

Antonio Magnabosco não aceitou transferir-se para o Cadeado para morar com o irmão Giuseppe. “Nesse caso a solução era casar. Conhecia uma moça, com quem dançara num baile. Os dois irmãos dirigiram-se à residência de Giacomo Dezordi, expuseram a situação e o interessado pediu a mão da

filha Antonia, na época com 16 anos, em casamento. Houve concordância e menos de dois meses depois do pedido realizava-se o casamento” (BRUM, Argemiro J.).

Antonio Magnabosco casou-se com Antonia Luiza Dezordi em 04 de julho de 1908 e deu continuidade à família na picada Conceição. O casal teve 12 filhos:

1. Paulo Manhabetosco

Casado com Amabile Conceição Goi.

Filhos: Terezinha Emilia, Antonio Euclides, Alvarino Pedro, Aldair José, Marlene Maria, Clarice Madalena, Clovis Tadeu e Luis Fernando.

2. Jacob Manhabetosco

Casado com Anzela Hickenbick em primeiras núpcias.

Filhos: Olivio Paulo, Lídio Marcelo, Ercy Maria, Noeli Cecília, Dércio Justino e José Antonio.

Casado com Gonçalves Dalla Corte em segundas núpcias.

Filhos: Carmem Antonia e João Carlos

3. Alfredo Manhabetosco

Casado com Helma Mallmann.

Filhos: Maria Clair, José Valdir, Lorena Antoninha, Neusa e Célia Lúcia.

4. Aquiles Manhabetosco

Casado com Carmelinda Bernardi.

Filha: Odete Maria

5. Maria Manhabetosco

Casada com Angelim Goi.

Filhos: Elzira Terezinha, Odila e Neiva

6. Olinda Manhabetosco

Casada com Lormando Wadas.

Filhos: Leonir, Leneocir, Laudi, Lorimar, Leocir e Lauri

7. Próspero Manhabetosco

Casado com Anorma Wadas.

Filhas: Ironita e Fátima

8. Irene Manhabosco

Casada com Arthur Liebchen.

Filha: Nerli

9. João Manhabosco

Casado com Adelina Ceratti.

Filho: Delamir

10. Orestes Manhabosco

Casado com Lucia Weiller.

Filhos: Lurdes Maria, Nair Terezinha, João Carlos e Sonia Maria

11. Humberto Manhabosco

Casado com Elsa Dallegrove.

Filhos: José Ivo e Marli

12. Armando Manhabosco

Casado com Egeltrude Bernardi.

Filhos: Neuza Antoninha, Cleuza Fátima, Jairo Luís, Eliseu Antonio, Pedro José, Maria Regina, Paulo Gilmar, Beatriz Helena e Raquel Teresinha.

Segundo relatado pelo historiador Argemiro Jacob Brum, antes de falecer, Antônio Manhabosco adquiriu mais terras nas adjacências, formando uma propriedade relativamente extensa. Além das atividades na lavoura, também estava entre os maiores produtores de erva-mate na picada conceição.

Antonio Manhabosco faleceu no Barreiro no dia 25 de julho de 1967 com 78 anos de idade. Já era viúvo.



Acervo pessoal de Nerli Biesdorf. Da esquerda para direita: Em pé: João, Orestes, Próspero, Maria, Armando, Alfredo, Aquiles e Humberto. Sentados: Irene, Jacob, casal Antonia e Antonio, Paulo e Olinda.

Armando Manhabosco: o caçula já tem 89 anos

Conversar com Armando Manhabosco, único descendente ainda vivo de Antonio e Antonia Manhabosco, é um exercício que mexe profundamente com as emoções. Com a saudade de tempos passados, vividos dentro do mais puro sistema de obediência hierárquica, fé, religiosidade e trabalho é um homem com uma acurada visão do mundo, politizado, de grande positividade, muito falante e muito querido por todos os familiares.

Conversei com ele na tarde do dia 10 de julho de 2019, na residência da filha Cleuza Bronzatti na vila do Barreiro. Com uma memória prodigiosa foi recordando o passado. Foram muitas histórias que relato abaixo com a preocupação maior de preservar suas memórias.



Armando Manhabosco. Arquivo Pessoal de Elis Regina Manhabosco Allegranzi.

“Nasci no dia 06 de fevereiro de 1930. No mesmo lugar onde moro até hoje. A casa não é mais a mesma, mas o galpão ainda existe. Esta é a mesma propriedade que meu avô Paolo, que veio da Itália, comprou na Picada Conceição, onde meu pai morou e onde moro até hoje com o filho Paulo, nora Cledi e a neta Alessandra. A casa de antigamente era de madeira e tinha a cozinha separada do corpo da casa porque tínhamos medo que ela incendiasse.

Fui para a escola por “tre anni”; Aprendi as operações básicas da matemática, português e história. A escola, Grupo Escolar Getúlio Vargas, era de madeira e se localizava onde hoje é o clube do Barreiro. Vínhamos a pé, de pé no chão, com geadas de 4 dedos de altura. Eu e o irmão Humberto. Saíamos de casa às 7 horas da manhã, para chegar à escola e lavar os pés antes das 8 horas, início das aulas. Eram duas professoras que

lecionavam da primeira a quarta série. Todos os meus irmãos estudaram nesta mesma escola.

Fui batizado, crismado e fiz a Primeira Eucaristia na Igreja Nossa Senhora da Conceição onde anos mais tarde também comemorei as bodas de prata, mas me casei em Augusto Pestana, localidade da noiva.

Sempre fui namorador. Conversei com a Egeltrude (tia Nena) quando ela tinha 13 anos numa festa na vila Augusto Pestana. Passou-se três anos e a reencontrei num baile e começamos a namorar. Na terceira visita que fiz a pedi em casamento que foi consentido pelo seu pai. Eu não queria casar até quitar as dívidas, por isso o namoro durou 6 anos. Nos casamos no dia 30 de maio de 1959. Tivemos 9 filhos e todos estão vivos, 16 netos e 3 bisnetos.

A vida foi sempre muito trabalhosa. A principal atividade era a produção de erva-mate. De dia trabalhava na lavoura e na criação de porcos, à noite até a

meia-noite sapecava erva; da meia-noite às 3 da manhã ensacava a erva. Dormia pouco e trabalhava muito. Nossa família era a maior produtora de erva-mate da região. Todas as árvores eram nativas. Nossa produção era de 2700 arrobas por ano. Primeiro se fazia o corte e a sapeca, depois era quebrada e se fazia os feixes. Cada 30 feixes eram 60 arrobas de erva verde. Depois era cancheada e ia para o soque do Carlos Hickenbick. Depois de socada era ensacada em bolsas de 60 kg e vendida para Jaguari, São Borja e Bagé. Os maiores compradores eram Antonio e Angelin Sarturi de Jaguari que traziam fumo em corda. Toda a família trabalhava junto. Meu pai foi comprando terras nas adjacências até completar 5 colônias. Vô Desordi tinha 12 colônias e deixou uma para cada filho.

A principal diversão eram as carreiradas, que eu gostava muito, jogo de bocha e as festas da Igreja. Nas festas Eu e alguns amigos éramos responsáveis de tirar do mato os ramos que viravam os espetos do churrasco. A festa, antigamente, era sempre no dia 08 de dezembro. Como na época não havia rádio, a comunicação se dava através de foguetes conhecidos como morteiros: Na noite anterior a festa, acendíamos três morteiros para avisar o pessoal de Ijuí que a festa sairia no outro dia; no dia da festa às seis horas da manhã largávamos mais três e às sete horas a última bateria.

Perguntei a ele sobre a história do Capitel que relatou: “Segundo meu pai, vô Paolo contava que o local era um atoleiro. Um lugar muito perigoso para os carroceiros. Então um morador decidiu colocar a imagem de Nossa Senhora do Rosário no tronco de um açoita-cavalo que era próximo ao local para proteger os viajantes. O local passou a ser visto como um local sagrado e muitas pessoas vinham de longe para fazer suas orações e pagar promessas. Com o tempo, a imagem foi levada para a Igreja Nossa Senhora da Conceição para ficar mais protegida. Ocorre que numa noite a imagem desapareceu da Igreja e reapareceu no tronco da árvore. Levaram-na novamente à Igreja e novamente a imagem reapareceu na árvore. Diante da situação, decidiu-se construir um capitel no local. Até hoje o capitel é visitado por peregrinos de diversos lugares.

No dia 01 de dezembro deste ano, a Igreja Nossa Senhora da Conceição comemora seu centenário.”

Encontro da Família Manhabosco

O primeiro encontro dos descendentes de Paolo Magnhabosco aconteceu no dia 11 de março de 2006 na localidade que o acolheu, Barreiro, Município de Ijuí.

O encontro foi idealizado pelos descendentes de Antonio e Antonia Manhadosco que residem na localidade do Barreiro. Era um velho sonho acalentado há muito tempo: reunir a família, celebrar a vida e recordar o passado, uma vez que somente se encontravam nos velórios.

A programação contou com missa às 10 horas da manhã e a participação de Armando Manhadosco, então com 77 anos de idade, que muito se emocionou ao recordar causos da infância difícil e trabalhosa pela qual passou.

As pessoas mais idosas que se encontravam no encontro foram: Armando Manhadosco de 77 anos, Maria Manhadosco Jabroski de 91 anos, Amabile Manjabosco Bernardi de 80 anos, Anair Manjabosco Deboni de 73 anos e Olga Manjabosco Mainardi de 74 anos.

O fator mais importante a se destacar foi a emoção de reencontrar os parentes e/ou conhecer parentes. O entusiasmo do momento levou a programação do segundo encontro, desta vez somente dos descendentes de Antonio e Antonia Manhadosco, que também aconteceu na comunidade do Barreiro.

O segundo encontro repetiu a emoção do primeiro e com um número maior de participantes. O destaque do evento foi a simbolização das famílias levadas ao altar pelos descendentes da quarta geração e o espaço para fotografias ornamentado com objetos antigos usados pelas famílias no dia a dia que muito chamou atenção pela delicadeza da lembrança e rendeu belas fotografias. Novo encontro, o terceiro, está previsto para acontecer no mês de fevereiro de 2020.

As Margaridas: A continuidade da descendência

Conforme Clarice Madalena de Andrade, da quarta geração do imigrante Paolo, “revendo a trajetória de nossos antepassados, sentindo no peito o orgulho da enorme herança étnica que nos emociona a cada nota da música italiana que chega aos nossos ouvidos e nos remetem a uma Pátria-mãe generosa que permitiu aos seus filhos viverem em lugares longínquos onde as saudades e as recordações seriam as companheiras de dias extenuantes e longas noites, quando a esperança de uma vida digna para seus filhos, fez com que se aproximassem de seus iguais, formando numerosas famílias unidas

pela força e a coragem desses bravos italianos.

Após o primeiro encontro da família Manhaborco, Já na quarta geração, um grupo de mulheres (primas), descendentes da numerosa família de seu Antônio e Dona Antônia, percebeu que deveriam resgatar e unir mães, filhas, netas e agregadas, para que não se perdesse na bruma do tempo os conhecimentos e ensinamentos de suas antecessoras, preservando as raízes de sua genealogia. É nesse contexto, que surge a ideia da formação do grupo “As margaridas”, o qual se reuniria algumas vezes ao ano para um reencontro; uma atividade social que lhes possibilitaria reconhecerem-se e compartilharem de algumas horas de brincadeiras descontraídas e gostosas gargalhadas ao lembrar causos acontecidos que fazem parte da tradição oral tão prezada pela família italiana.



Arquivo pessoal de Nerli Biesdorf Fotógrafa da ocasião: Carla Hickenbick. Da esquerda para a direita. Em pé: Doniali, Marga, Bruna, Cleusa, Clarice, Laudi, Mana Brum, Elis Regina, Neuza, Nerli, Divanete, Cristina e Otávio. Sentadas: Lorena, Lurdes, Irma, Antonia, Elzira e Maria Clair (Nega).

Neste primeiro encontro, cerca de 20 mulheres de seis a oitenta anos (4 gerações portanto), se reuniram na casa de Nerli Liebchein Biesdorf, filha de Irene e neta de Antônio e Antônia.

O nome de “As Margaridas” surgiu naturalmente por ser esta uma flor símbolo da Bondade, da Paz e do Afeto da mulher madura; como

também da juventude, da sensibilidade e da pureza da menina que, como o grão de areia que se transforma em pérola dentro da ostra, se abriga no colo da mãe e seguirá seus passos através das gerações que se sucedem estabelecendo um poderoso liame de identidade e laços familiares que não se perdem no tempo, mas se perpetuam através do passar dos anos. O grupo criou uma página na rede social (whatsapp) e conta com 29 participantes as quais se comunicam diariamente, já estando no quinto encontro e cada vez agregando mais componentes comprometidos com sua história”.

E chegou o Centro Cultural Regional Italiano

Fomos convidados pelo casal Nelson e Rosinha Casarin à participar do Centro Cultural Italiano no ano de 2003 fazendo parte da diretoria como vice-presidentes. Desta data até hoje sempre estivemos envolvidos com as atividades do CECRI. Assumimos diversos cargos na diretoria até a presidência nas gestões 2015-2016 e 2017-2018. Falar desta atividade é algo extremamente prazeroso. A causa é apaixonante e as pessoas também. Confesso estar profundamente envolvida pelas atividades culturais. A etnia conta hoje com quatro grupos de dança, um grupo de canto, um programa de rádio semanal que está no ar há 25 anos (até virei locutora júnior) e tem convênio com a ACIRS/RS para curso de Língua Italiana.

O nosso trabalho como presidentes da Entidade foi bastante focado no viés cultural. Aqui vale ressaltar duas grandes atividades: Em 2017 a comemoração dos 30 anos da Entidade e o projeto cultural História e Cultura da Itália que está no seu quarto ano de atividade.

A comemoração dos 30 anos do CECRI foi marcada por um evento de grande emoção: Foi descerrada uma placa com o nome dos ex-presidentes afixada numa pipa doada pelo Sr. Joaquim Lorenzoni e a concessão da “Medaglia Sangue Italiano” com intuito de homenagear e reconhecer pessoas que se dedicaram à Entidade

No ano de 2016, iniciamos um Projeto Cultural sob a coordenação do professor Jaeme Callai, que tinha como objetivo incrementar a atuação cultural, reforçar a identidade ítalo descendente e aprofundar o conhecimento sobre a história e cultura Italiana. No módulo I-2016 foram oito palestras com diversas personalidades iniciando na identificação das origens dos participantes, cidadania italiana, a unificação italiana, imigração em massa e

Itália atual (economia, turismo, música, cinema, arte). No módulo II-2017 em seis palestras tratamos dos temas: Vêneto (proveniência da maior parte dos imigrantes), genealogia das famílias, histórias das famílias, prática vocal e vinhos. No módulo III-2018, tivemos a contação de história de quatro famílias que pertencem ao Centro Cultural: Callai, Ceratti, Chitolina e Costa Beber. Neste ano, 2019, o projeto consiste em aulas e palestras com os grupos de danças com temas relacionados ao trabalho artístico, uma exposição sobre a obra de Leonardo Da Vinci em referência aos 500 anos de morte em parceria com o Museu Antropológico Diretor Pestana da FIDENE. Mas a ousadia maior de 2019 é a edição do livro com a história de 17 famílias ligadas ao Centro Cultural, que origina este escrito. Uma ousadia, que a muitas mãos e com muita emoção se tornou realidade. Você mesmo pode conferir.

“Salute, felicità e continuità”.



Parte dos integrantes do CECRI na FENADI/2018.
Acervo de Elis Regina Manhadosco Allegranzzi.

STRAPAZON COPETTI

Helena Copetti Callai¹

Cirilo, como era mais conhecido e Nahyr foram um dos primeiros casais a participarem do grupo étnico italiano. Desde a construção da casa, a organização da “cantina”, o comando da cozinha, a recepção aos visitantes, a participação nas festas de aniversário do Centro Cultural Regional Italiano de Ijuí e, especialmente a presença constante nas Fenadis. Em todas as Fenadis! Este era um compromisso inadiável.

Cirilo costumava contar como se iniciaram as atividades do Centro Cultural, quando enquanto uns trabalhavam na construção da casa, outros providenciavam a alimentação, cozinhando ainda ao ar livre, pois não havia nem a casa e, obviamente, nem a cozinha.

Membros entusiasmados do grupo de canto Bonna Gente, que tinha a direção de Antônio José Grison, tiveram a oportunidade de participar da gravação de um CD com cantos tradicionais do folclore italiano e ítalo-brasileiro.

¹Doutora em Geografia do Brasil pela Universidade de São Paulo - USP. Professora na Unijuí.



Antonio e Cirilo com os netos participantes dos grupos de dança. Ao fundo Tomás, da esquerda para a direita Luana, Sérgio, Sara e Andréia.

Criados os filhos, curtindo os netos, já aposentados, a participação na vida do grupo étnico italiano representou um novo horizonte e desafio. Na agenda anual do casal os preparativos e a participação na Fenadi era uma responsabilidade obrigatória, que se sobrepunha a qualquer outro afazer. Seu empenho fez com que todos os netos residentes em Ijuí – Andréia, Tomás e Sérgio, estes Copetti Callai, Sara e Luana, da família Copetti Klohn, participassem dos grupos de dança Santa Lucia, Giovanoti, Pimpineli. A filha, Lúcia, era inclusive a mãe responsável por coordenar, por um período, o grupo de danças Giovanoti.

Mas quem foram Nahyr e Cirilo? Conheceram-se em alguma festa ou teria sido na saída de uma missa? Ela nascida e criada na cidade de Ijuí, ele nascido em Bozano, na época, chamado Faxinal. Após ter

feito o serviço militar em Cruz Alta veio trabalhar na cidade. Casaram em 1946, após um tempo de namoro possivelmente mais longo do que o gosto do Cirilo. Embora nenhum dos dois tenha em momento algum comentado sobre estes tempos de namoro, uma carta que foi preservada pelo Cirilo e encontrada em seu criado mudo, após seu falecimento possibilitou conhecer um pouco desta história.

Datada de 1944, Cirilo escreve a Nahyr manifestando seu interesse no namoro e questiona se ela está ou não interessada, mais que isto, declara-se preocupado com a indecisão dela. O mais interessante é que esta carta ficou guardada por 74 anos! Numa gaveta do criado mudo, no lado do Cirilo.

Nahyr, nascida Muraro Strapazon, era filha de Carmelina Muraro e João Strapazon. Estes, nascidos em Caxias vieram para Ijuí em 1914. Seus pais

tinham propriedade nas proximidades do que é hoje a IMASA, nos limites da então nascente cidade, onde criaram os filhos Nahyr e Sady e todos os netos.

Sady foi figura conhecida na cidade. Contador atuou no comércio local, foi vereador por diversos mandatos e prefeito de Ijuí, sempre militando no antigo PTB, depois no PDT, tendo sido filiado ao MDB no período da ditadura militar quando vigorou o bipartidarismo. Com forte participação comunitária foi dirigente do Esporte Clube São Luiz, Presidente da APAE, Presidente da Associação dos Aposentados de Ijuí. Foi, inclusive, o presidente da comissão provisória quando da constituição do Centro Cultural Regional Italiano.

Os Strapazon são originários de Arsié, uma pequena comuna da Província de Belluno. Chegaram ao Brasil em 1876 instalando-se inicialmente em Caxias do Sul, na 4ª Légua. O patriarca da família, Antônio Strappazon emigrou com a esposa Maria Fusinato e os filhos. Dentre estes, Ângelo, com dois anos de idade que, mais tarde, virá a ser avô de Nahyr e Sady.

Carmelina Muraro é filha de João Muraro e Lucia Strapazon, ambos italianos, ele nascido também em Arsié., casaram-se em Flores da Cunha.

A transferência de Caxias para Ijuí foi feita em dois grupos, num primeiro os filhos homens, de carroça, numa viagem que durou 23 dias, mas não sabemos o trajeto percorrido. Muito possivelmente vieram por Vacaria, Passo Fundo, antigo caminho de tropas, que segue pelo divisor de águas das bacias do Rio Uruguai e os rios tributários do Guaíba/Lagoa dos Patos. Mas não faltava experiência à família em trilhar caminhos e picadas, pois em Caxias se dedicavam, também, ao transporte de mercadorias entre a Serra e o litoral. O outro grupo era composto das mulheres e dos patriarcas Antônio e Maria, este grupo veio de trem.

Antônio Cirilo, nascido Savegnago Copetti, era filho de Luigi Copetti e Bertolina Savegnago. Os Copetti são originários de Gemona de Friuli, Província de Udine, vindo instalar-se no Núcleo Norte, hoje Ivorá, que pertencia à 4ª Colônia – Silveira Martins. A família Savegnago é originária de Castello di Godego (Treviso), tendo Bertolina nascida em Cruz Alta .

Luigi e Bertolina casaram-se em 1912, transferindo-se para Ijuí em busca de terra e melhores oportunidades. Vieram de trem, de Santa Maria a Cruz Alta, trazendo também suas montarias. Contava o Cirilo que de Cruz Alta até o Faxinal (Bozano) o jovem casal fez o trajeto a cavalo. Com a

prematura morte do marido coube a viúva a responsabilidade de criar os 6 filhos- Maria, Elibio, Rita, Antonio Cirilo, Irma e Gilda freira do Sagrado Coração de Jesus.

Cirilo quando falava da infância referia-se sempre às dificuldades enfrentadas e dentre os causos uma referência constante era a passagem da Coluna Prestes pela região. Contava ele que um grupo da Coluna foi até a casa de seus pais, tendo inclusive levado o cavalo de seu pai, deixando em troca um outro cavalo, estropiado. Contava, sem mágoa, talvez pelo fato de ter ganhado uma moeda de um dos soldados.

Antônio Cirilo e Nahyr tiveram quatro filhas – Helena, Lucia, Carmen e Elisabeth.



Cirilo e Nahyr com as filhas, a partir da esquerda: Elisabeth, Helena, Lucia, Carmen

HELENA (Jaeme Luiz Callai) netos – Andréia (Luis Fernando Gelati), bisnetas Isabela e Alícia; Tomás (Vanessa Azeredo), bisnetas Valentina, Olívia; Sérgio (Bruna Zeni). LUCIA (João Adolfo Klohn) netas - Sara (Niel Reader), bisneta Alina; Luana (Sergio Rosa Lopes Dutra), bisnetos Benjamin e Martina. CARMEN (Nestor de Almeida) netos - Juliana (Felipe Leal Moutella), bisnetas Giovana e Eduarda; Rodrigo (Maitê Daiana dos Passos Lopes), bisnetos Gustavo e Gabriel; Tiago (Lunara Soares Pilecco), bisneta Manuela. ELISABETH (Marco Aurélio Geiss de Queiroz) netos -Vicente

(Renata Lima Moreira), bisneta Vitória; Rita (Carlo Isaia Neto), bisneta Stela; Julia (Tomás de Moraes Machado); Fabio (Adriana Sugimoto).

As filhas Helena e Lúcia constituíram família em Ijuí e, por conta disso, juntamente com seus filhos, participaram das atividades do CECRI. Carmen e Elisabeth casaram e vivem em Porto Alegre e Xangri-lá. Uma família que cresce, cada filha; cada neto/a constituindo nova família e construindo sua própria história tem como resultado a diáspora pelo Brasil e mesmo no exterior. Resultado é que a família Strapazon/Copetti encontre-se hoje não só em Ijuí, aliás, menos em Ijuí e mais em Porto Alegre, Xangri-lá no RS; Chapecó (SC); Macaé (RJ), Houston (Estados Unidos da América), Bologna (Itália) e em Southam (Inglaterra).

Cirilo foi motorista profissional, inicialmente de ônibus e, posteriormente, por muitos anos, trabalhou em empresas de distribuição de combustível que atendiam postos e granjas da região noroeste e inclusive oeste catarinense. Antes de ser motorista profissional, por curioso que pareça, sempre trabalhou no setor de transportes, foi condutor de carroça. Num tempo em que estas eram sujeitas a cadastro municipal e licenciamento como se exige hoje de automóveis e caminhões. Não esquecendo que foi chauffer particular dirigindo automóveis cujos proprietários que, por não possuir habilitação ou qualquer outra razão, tinham por uso contratar um motorista.

Nahyr foi postalista nos “Correios” tendo iniciado sua carreira profissional como funcionária pública federal no Cadeado, atualmente município de Augusto Pestana, sendo posteriormente lotada na agência de Ijuí onde se aposentou. Mulher decidida e ciosa de sua autonomia sempre se preocupou em ter seu próprio trabalho e salário. Mais que isso, insistiu sempre com suas filhas para que estudassem, tivessem uma profissão. Fizessem o curso de magistério, que na época era atividade de prestígio social e financeiramente reconhecido, de modo a terem garantido seu próprio emprego e salário, sem depender de marido.

Na época, década de 1940/50, não era muito usual a mulher trabalhar fora de casa, ter independência financeira e profissional. O exemplo da mãe foi fundamental para que as filhas de Cirilo e Nahyr tivessem, todas, uma carreira profissional própria seja como professoras (Helena e Lúcia), médica (Carmen) ou jornalista (Elisabeth).

A vida familiar era conduzida pela Nahyr, que, sempre animada,

proativa, procurava agregar toda “familhagem”. Era sempre a primeira a telefonar para cumprimentar pelo aniversário de qualquer um dos familiares. Reunia o maior número de filhas e netos nas festas de natal e ano novo ou nas férias escolares, na casa da praia em Itapema (SC). Sua massa com galinha, sua ambrosia, tortas e bolos faziam a alegria de todos que ela reunia em torno da mesa farta.

Por sua vez o Cirilo preferia ser paparicado, ser o centro das atenções. Supriu, ao longo da vida, a baixa escolaridade com muita leitura, o que lhe proporcionou amplitude cultural e que se manifestava num papo sempre bem informado. Por anos assinante da revista Seleções e até o final da vida do jornal Correio do Povo, mantinha-se sempre atualizado. Quando se tratava de livros, a preferência era por história das guerras mundiais, as recordações e causos de seu tempo de quartel e das manobras militares em Saicã, onde, aliás, aprendeu a dirigir caminhão, eram uma constante.

Eram fiéis devotos da Madre Paulina e especialmente de Santo Antônio. Nahyr sempre recorria a este quando os familiares perdiam alguma coisa. De modo um tanto incompreensível, quando perdíamos algum objeto, depois de muitas e infrutíferas buscas a alternativa, último recurso, era pedir a Nahyr que rezasse para Santo Antônio. Nunca falhou! Ou Santo Antônio ou a reza da Nahyr. Por uma ou outra razão o fato é que o objeto perdido aparecia. Tão logo foi criada a paróquia de São Geraldo, tendo os capuchinhos como párocos, o casal passou a participar ativamente das atividades colaborando com a igreja. Nahyr era prima do frei Jaime Biazus, juntamente com Cirilo foram padrinhos do frei Clemente Dotti quando este assumiu a responsabilidade de pároco em Ijuí. Para construção da Igreja Matriz foram doadores de uma das portas de entrada desta.

Falamos da Nahyr e do Cirilo como participantes de primeira hora do Centro Cultural Regional italiano, como um dos primeiros nonos e nonas homenageados pela etnia italiana. Suas fotos compõem a galeria daqueles primeiros e mais velhos membros do grupo. Falamos de seus antepassados, de seus descendentes. Falamos um pouco do que fizeram, de seus interesses e usos.



Cirilo e Nahyr trabalhando na Cantina dei Nonni

Porém, não dá para esquecer de dizer que eram fanáticos torcedores do Sport Clube Internacional, seu orgulho era terem contribuído na Campanha do Tijolo, na década de 60, que arrecadava fundos para construção do Estádio Beira Rio. Por essas e por outras, a totalidade das filhas, boa parte dos genros, netos e bisnetos formam parte da torcida colorada muito certamente por influência deles.

Nahyr faleceu em 2012, aos 87 anos, vitimada por um câncer, contra o qual lutou por longo tempo, sem nunca perder o ânimo, a vontade de viver. Nos últimos anos “negociava” com o médico em Porto Alegre, onde fazia o tratamento quimioterápico, de modo a ajustar as sessões de quimio aos seus compromissos com a “etnia” nos dias da Fenadi. A gana de viver, a intensidade como viveu, sem nunca se entregar à autocomiseração era seu jeito de ser, admirado por todos. Aos familiares e em especial às netas e netos, sempre paparicados e que muito a amavam e admiravam, deixou como última e mais grata das lições, o gosto pela vida. Sem que conhecesse Violeta Parra ou Mercedes Sosa, ela poderia dizer ‘Gracias a la Vida que me a dado tanto...’.

Cirilo faleceu em 2018, com 96 anos, sem sua companheira, um pouco surdo e cego, com sinais de senilidade, morreu aos poucos. Neste final de vida ouvíamos surpresos ele murmurar trechos de uma canção folclórica italiana,

que desconhecíamos e que nunca havíamos ouvido ele cantar. Ele cantarolava, fragmentos, de uma música que ele não sabia nos explicar qual era, do que tratava.

Pesquisando na internet encontramos aquela que talvez seja a canção que Cirilo tentava cantarolar, buscando-a no fundo de sua memória. De acordo com o site <https://www.ouvirmusica.com.br/branduardi-angelo/1032935/> trata-se de uma canção de amor, algo trágico. Cuja letra, numa tradução livre e bastante resumida diz:

“Dona Lombarda, ama-me. Esquece teu marido que é a mim que queres bem. Vem que te ensino a fazê-lo morrer...”

Por que caminhos, após décadas de esquecimento, quando avança a senilidade ressurgem estas canções?

Esta talvez tenha sido a última lição do Cirilo, ao chamar a atenção para as potencialidades e riqueza da memória dos ancestrais, a qual, por vezes, não damos a devida atenção.

TISSOT

Rosângela Tissot¹

Em 03 de março de 1925 a família Tissot iniciou a sua história em Ijuí, com a vinda do meu tio João Tissot, que emigrou de Transacqua, Província de Trento, norte da Itália, para o Brasil. Desembarcou do navio Aniraglio Bertolo no Porto de Santos. Veio acompanhado da esposa, uma filha com três meses, a sogra e um casal de cunhados, Catarina e Pedro Zagonel.

Inicialmente estabeleceram-se na região de Caxias do Sul, mas o local não agradou por que apresentava relevo montanhoso, acidentado e pedregoso bastante semelhante ao da Itália. Desse modo, em contato com os Tisot ou Tissot, daquela Região, soube que havia outros locais do Rio Grande do Sul sendo colonizados para o cultivo agrícola e decidiu vir para Ijuí. Uma localidade de terreno relativamente plano, em busca de colonizadores. Aqui conheceu Maximino Tisot, que lhes ofereceu o suporte inicial para se fixar e procurar um local para se estabelecer. O local encontrado foi na linha Base Sul, onde desbravou e construiu o abrigo para a família, dedicando-se à agricultura de subsistência.

A nossa família era composta pelo meu pai Erminio Tissot, minha mãe Augusta De Bastiani Tissot, meus irmãos Primo, Dante, e eu Rosângela.

¹Filha de Ermínio Tissot.



Família de João Tissot. Arquivo pessoal da autora.

A nossa vida na Itália

Nossa vida na Itália era simples e sofrida como a de todos os habitantes da época, que sofreram a escassez e as consequências da guerra. Como nós tínhamos a casa no “paese” (povoado) e um abrigo numa pequena fração de terra na montanha, local chamado Castelir, no verão subíamos e ficávamos até o fim da primavera. Inicialmente toda a família, que se dedicava na preparação do solo para o plantio de batata, feijão, milho e verduras utilizadas para o nosso sustento. Feito isso, a mãe possuía a tarefa de acompanhar o desenvolvimento das plantas, cuidar de algumas galinhas, um porquinho, uma cabra, uma ovelha, além de colher as frutas da época (pera, maçã, nozes e a uva). O cultivo era pouco, mas garantia o sustento da família durante o inverno. Meu pai, então, se deslocava para a parte mais alta da montanha para pastorear a vaca, tosar a ovelha, ceifar, preparar o feno e cortar a lenha a ser consumida no inverno e, quando necessário, um dos meus irmãos o auxiliava.

A casa do “paese” era uma fonte de renda, pois era alugada temporariamente para turistas por ser um lugar de clima agradável, com muito verde e cercado de flores, que compunham a vegetação da cadeia de montanhas, denominadas Dolomitas, hoje Patrimônio da Humanidade pela UNESCO.

Com a aproximação do inverno, a família voltava para a casa do povoado. A colheita era armazenada em tulhas ou potes de barro. Com a chegada da neve desciam os animais, que nos forneciam ovos, carne, leite e eram acomodados no curral. No inverno tudo mudava, meu pai cuidava dos animais, da limpeza do curral, ordenhava a vaca e a cabra. O leite não consumido era levado à queijaria, que depois de uma determinada quantidade nos disponibilizava queijo e manteiga. Além disso, ele também preparava a lenha para o fogão e para a estufa, em caso de forte nevasca ele precisava retirar a neve da porta, das janelas e, às vezes, até do telhado. O restante do seu tempo era dedicado à leitura, conversas com amigos e ao jogo da mora, onde não podia faltar um “bicchierotto di vino”.

Ele era um exímio jogador e mesmo com os dedos machucados continuava porque a mora era sua paixão. Minha mãe dedicava-se aos trabalhos da casa, como: costura, tricô, crochê, cardar e fiar a lã da nossa ovelha para tecer as nossas roupas.

Como o inverno era o período propício para o aconchego e visitas aos vizinhos, com frequência, acontecia o “filó”, em que o principal objetivo era a reza do terço, posteriormente as mulheres faziam os trabalhos manuais, os homens discorriam sobre vários assuntos e as crianças participavam de brincadeiras. Eu e meus irmãos frequentávamos a escola. Eu com cinco anos, no Jardim de Infância, o Primo com onze anos, o Dante com nove anos, na Escola Elementar.

A vinda da nossa família foi incentivada pelo tio João, que relatava ao meu pai, através de longas correspondências, os pontos positivos da Região, como o clima agradável, a terra produtiva e de fácil aquisição, além das oportunidades de trabalho. Esses relatos, somados a tristeza de ver as famílias da localidade, a procura de trabalho em outros países, retornando para a casa da família apenas em algumas ocasiões, como acontecia com seus irmãos. Meu pai pensou numa vida melhor para seus filhos. Isso fez com que antes do início da 2ª Guerra Mundial ele decidisse emigrar para o Brasil, ao encontro do irmão.

Com a notícia da 2ª Guerra Mundial, em 01 de setembro de 1939, ocorreu o fechamento dos portos, impedindo a saída do país, frustrando assim, o desejo do meu pai momentaneamente. Passaram-se quase seis anos de tensão, angústia, dificuldades e sofrimento. Na nossa cidadezinha de Transacqua não havia combates e bombardeios, por ali passavam as tropas vindas da Alemanha, que se dirigiam para o fronte. Nessa guerra, a Itália e a Alemanha eram aliadas e os alemães montaram um campo de concentração. Nesse período, Transacqua, passou a ser habitada apenas por mulheres, crianças e idosos. Os homens, maiores de 16 anos participavam da guerra como combatentes voluntários, e

os soldados alemães, pela carístia existente, às vezes forneciam alimentos às crianças ao retornarem da escola. À noite a cidade ficava totalmente às escuras, um pequeno avião fazia a ronda e caso percebesse o brilho de uma luz poderia acionar o alarme provocando um bombardeio ou invasão do inimigo.

Minha mãe nos relatava que os “partigiani”, combatentes italianos, na incerteza do regresso, antes de partirem para o fronte, desfilavam pela cidade acenando lenços brancos ao som “Oh Bella Ciao”, canto da Resistência italiana, um movimento da sociedade civil contra o nazismo. O fronte a que me refiro é o Monte Castello, norte da Itália, onde bravos pracinhas da Força Aérea Brasileira venceram a Batalha de Monte Castello. Finalmente no dia 08 de maio de 1945, foi assinado o acordo de “cessar fogo” finalizando a guerra. O que permitiu meu pai encaminhar novamente a documentação necessária para a nossa partida e providenciar a venda dos poucos bens.

A despedida da terra natal

A despedida da Escola foi um momento marcante de nossas vidas, lembro que fomos homenageados e também participamos das apresentações com poesias, teatro e cantos. Não só para recebermos, mas também deixarmos a nossa lembrança.

Era chegada a hora do adeus. Os avós paternos Antônio Tissot e Margherita Bettega, já haviam falecido então a despedida foi entre os irmãos. Mais doloroso foi a despedida com meus avós maternos Primo De Bastiani e Angela Bortolin e irmãos da mãe. Foi uma comoção geral e muitas lágrimas. Partimos de “corriera”, (ônibus). Minha madrinha e prima chamada Giovanina nos acompanhou até o Porto Gênova. Permanecemos alguns dias em Gênova, até finalizar o visto e o pagamento das passagens que, segundo o conceito do pai, “custaram muito caras, em torno de mil liras”.

A viagem e a vida no Brasil

No dia 16 de março de 1949 embarcamos no navio Cabo de Buena Esperanza, que se dirigia para a Argentina. O navio abrigava 1.200 passageiros, entre eles 200 tripulantes.

O embarque, um momento comovente de lágrimas, sussurros, acenos e tristeza pelo abandono da Pátria, ao mesmo tempo com esperança de uma vida melhor rumo ao desconhecido. Como a viagem era de segunda classe, as cabines eram separadas, mulheres com filhos menores numa cabine e os homens em outra. Assim, ficávamos com o pai apenas durante o dia. Nossa bagagem era um baú, doado pelo nono materno, uma mala e uma mochila grande, contendo alguns presentes oferecidos pelos vizinhos e alguns objetos que poderiam ser úteis: a máquina de costura manual, um triturador de café – meus pais pensavam que no Brasil tomariam o melhor café do mundo –, a gaita de boca, que nos trouxe muitas alegrias e também momentos nostálgicos aos

meus pais porque ao ser soada pelo pai nos remetia à amada Itália, e as roupas estritamente necessárias. Nosso presente para tio foi um relógio de bolso da marca “Tissot”. O dinheiro que possuíamos foi trazido acondicionado dentro de uma palmilha especial, costurada nos nossos calçados.

À viagem foi tranquila, com duas breves paradas para abastecer o navio, carregar e descarregar produtos, nos portos de Barcelona e Cádiz, ambas na Espanha. A passagem pelo Estreito de Gibraltar foi marcante. O navio acessou as sirenes e os passageiros subiram até o convés para ver as luzes da proximidade entre o Continente Europeu e Africano e o encontro das águas do Mar Mediterrâneo com Oceano Atlântico. Após dezoito dias de viagem chegamos ao Porto de Santos, no dia 02 de abril de 1949, conforme relatos de meu irmão Dante, “foram poucos os passageiros que ali desembarcaram, o restante seguiu para Buenos Aires”.

Toda a família teve que passar pela Inspetoria Federal de Imigração e Inspetoria Marítima e Aérea de Santos. Estando tudo em ordem, foi possível providenciar a sequência da viagem. No Porto de Santos encontramos o Sr. Octávio Vettorato, que residia em Ijuí e fazia a mesma viagem. Ele conhecia o tio João e também a língua italiana (uma Providência Divina), o que facilitou a nossa comunicação. A viagem de Santos a Porto Alegre foi menos confortável, pois o navio era cargueiro. Tínhamos medo de dormir porque havia muitos ratos e insetos, mas por sorte, o percurso foi curto. De Porto Alegre a Ijuí viajamos de trem. Um fato cômico acontecido durante a viagem foi com a cuia de chimarrão. Meu pai observava pensativo e curioso aquele objeto e, lhe sendo oferecida a bebida, resolveu aceitar, porém não sabia que era quente e, ao invés de sorver, assoprou, imaginem a cena e as gargalhadas.



Porto de Gênova, antes do embarque ao Brasil. Família de Erminio Tissot. De pé, Erminio Tissot, Augusta Tissot e Giovanina Cerqueni.. sentados : Primo, Rosangela e Dante.

A chegada em Ijuí e a nova vida no Brasil

No dia 09 de abril de 1949, chegamos a Ijuí. Na estação ferroviária havia vários táxis e o Sr. Octávio nos encaminhou para o Sr. Benito Miron, que conhecia e sabia onde o tio habitava. A nossa chegada foi uma surpresa para a família do tio, sabiam que viríamos, mas não a data. O tio João e a sua família continuavam morando na Linha Base Sul, hoje atrás do Morro das Antenas e próximo à empresa Três Tentos. Na época, ele cultivava mandioca que era vendida para os criadores de suínos.



Primeira foto no Brasil. Família de Erminio e Augusta Tissot com os filhos Dante, Rosângela e Primo.

Inicialmente moramos com eles, entretanto, a adaptação não foi fácil, pois ali se encontraram pessoas com hábitos diferentes, mas com uma vida em comum para construir. Além disso, foi necessária muita paciência com a minha mãe, pela tristeza e saudade que sentia ao lembrar-se dos seus familiares, principalmente nas datas significativas e a cada correspondência enviada ou recebida. Para ela foram anos emocionalmente difíceis, cresci vendo as lágrimas vertendo dos seus olhos. O tempo foi passando e aos poucos ela foi se adaptando à nova situação e, se nos primeiros anos a frase era: “Não quero morrer no Brasil”, posteriormente se inverteu dizendo: “Não quero voltar para a Itália, tenho medo de morrer lá”.

A maioria dos nossos vizinhos era de origem alemã, as famílias Kraemer, Thomas, Müller e Weiler. Mas havia famílias de origem italiana, como o Sr. Remiro Muraro e o Sr. Atilio Berno e logo fizemos amizade pelo fato da mãe ser muito comunicativa. Um acontecimento que permitiu ampliar o círculo de amizades foi o enlace matrimonial da prima Margherita. Uma festa típica da época com almoço, café da tarde e jantar. Para meus pais foi uma admiração porque nunca haviam presenciado uma festa com tanta gente e tanta fartura. Para nós o momento foi de muita alegria, brincadeiras e novos amigos.

Depois de três meses ingressamos na Escola Municipal São Francisco, localizada próxima ao quartel. Era longe e íamos a pé. Quando chovia demais faltávamos à aula. A terra vermelha, a poeira e o barro eram para nós um “tormento”. A adaptação na escola também foi complicada. Tudo era diferente da nossa vivência, tivemos dificuldade com a língua portuguesa, tanto na escrita, quanto na expressão oral, que dificultavam a nossa aprendizagem e a interação social. Por isso, éramos motivo de risos e zombarias, como: “lá vem os italianinhos atrapalhados”. Recebíamos castigo por não aceitar tais atitudes, às vezes o Dante ficava de joelhos sobre os grãos de milho por revidar as provocações.

Passado algum tempo, o tio foi residir na cidade à Rua 14 de Julho e nós ficamos na sua casa da colônia. Foi quando o pai e o sobrinho Vergílio formaram uma sociedade na fábrica de aguardente e iniciaram a plantação da cana de açúcar para a produção da “cachaça”. Meus irmãos, ainda jovens, passaram a trabalhar neste local. O pai, por sofrer de artrite reumatoide, cuidava da destilação da aguardente que era uma tarefa mais leve. Durante o período das safras o trabalho era de 24 horas.

Alguns anos depois, um trágico acidente vitimou o Vergílio, fazendo com que o pai e meus irmãos tomassem conta da fábrica de aguardente por muitos anos. Foi durante esse tempo que, acidentalmente, o Dante perdeu a mão direita ao cair sobre a engrenagem da prensa de moagem da cana. Esse fato traumático e vendo que a produção já não era tão rentável, os poucos foram introduzindo outras culturas. Desfizeram-se do alambique e da sociedade, cada qual passou a investir no plantio de trigo e soja.

Em 16 de abril de 1955, vendo que sua permanência no Brasil seria definitiva, o pai naturalizou-se, tornando-se cidadão brasileiro e, a partir dessa data, votou em todas as eleições, enquanto lhe foi possível. Com a idade avançada e sentindo-se fisicamente debilitados, meus pais passaram a residir na cidade à Rua Marechal Mallet. O pai faleceu primeiro, aos 92 anos de idade e a mãe seis anos depois com 98 anos de idade.

As famílias

A família de João Tissot era composta da esposa Maria De Pauli, a sogra, que também se chamava Maria De Pauli e os filhos: a primogênita Margherita, nascida na Itália, Vergílio, Agostinho, Elisa Pierina e Cirilo Hermindo. Com o tempo os filhos casaram: Margherita com Ledovino Maso e fixaram residência em Santo Ângelo. Eles tiveram quatro filhos: Clotilde, João Carlos, Ione e Cleusa. Vergílio casou-se com Elda Dalmás e tiveram os filhos Jorge e José Alberto; Agostino casou-se com Ernay Bastos e tiveram os filhos Paulo Sérgio, Cléa Rosane, Mara Lisiane, João Cesar e Luís Evandro. Cirilo Hermindo casou-se com Neide Liberatori e tiveram os filhos Cirilo e Cesar, indo residir em São Paulo. O tio João faleceu em 08 de junho de 1964 e sua esposa Maria em 18 de junho de 1968.

Todos os descendentes de Ermínio Tissot constituíram a suas famílias aqui em Ijuí. Primo Tissot seguiu o ramo da agricultura, casou-se com Lenir Manhabosco e tiveram quatro filhos: Sandra Marlize, casada com Ademir Vender, tiveram os filhos Adriano e André; Adriano se casou com Nídia Neubauer e tiveram o filho Iago. Paulo Vinícios se casou com Rosane Goi e tiveram o filho Paulo Vinícios Junior. Vergílio Augusto se casou com Cláudia Maturana e tiveram os filhos Pedro Augusto e Manuella. Renato casou com Luciana Franco e tiveram a filha Natália. Meu irmão Primo veio a óbito ainda jovem em 23/04/1982, com 44 anos de idade.



Família Erminio Tissot - filhos noras e netos foto de 1986.
Bodas de Erminio e Augusta Tissot.

Dante Tissot também seguiu o ramo da agricultura e casou-se com Lucilda Daltrozo. Tiveram 4 filhos: Cláudia, casada com Valdir Desordi tiveram os filhos Jonas, Ângelo e Lucas. Marcos Luís casado com Zenir Hatje tiveram os filhos Felipe e Caroline. Caroline que se casou com Ricardo Costa. Maristela casada com Marcos Kieling tiveram o filho Thiago. Dante Maurício casado com Tatiana Muraro tiveram a filha Julia.

Rosangela Tissot estudou e formou-se professora de Ciências e Biologia pela UNIJUÍ e de Língua Cultura Italiana, casou-se com João Alberto Frota e teve os filhos: Daniela (em memória), Alessandro, casado com Patrícia Boger que tiveram o filho Leonardo e Rafael casado com Graciele Wadas Zardin que tiveram o filho Lorenzo.

A família foi muito atuante na comunidade, participando inclusive na construção da Igreja Nossa Senhora da Penha, desde a pedra fundamental, campanha do tijolo, piso, janelas, livro ouro. Dedicou-se constantemente na conservação e na manutenção da igreja. Minha mãe, a nonna Augusta, foi uma incansável colaboradora em todos os sentidos, membro das Associações e por muito tempo atuante cobradora do dízimo.

Atuação no Centro Cultural Italiano

A nossa participação para zelar pela cultura italiana em Ijuí sempre foi significativa. Meus pais, pessoas religiosas e de muita fé, participavam com emoção das celebrações religiosas promovidas pela etnia. Esses eram momentos de muita emoção, pois lembravam suas origens e suas histórias de vida. Eu participei desde as primeiras reuniões para a fundação do Centro Cultural. Meus filhos fizeram parte dos primeiros grupos de dança, nos Grupos Santa Lucia e Bambini. Como mãe de dançarinos sempre colaborei na escolha dos figurinos, acompanhei as viagens, nas quais se apresentavam, nos jantares e em todas as demais atividades.

Estudei italiano com o professor Ivo Piovesan e, para ampliar meus conhecimentos, frequentei cursos em Porto Alegre, Caxias do Sul, Santa Maria e Passo Fundo. Em março de 1996, iniciei a minha docência em língua italiana aqui em Ijuí, pela Associação Cultural Italiana do Rio Grande do Sul (ACIRS), através de convênio firmado com o Centro Cultural Regional Italiano de Ijuí (CCRII). Fiz cursos de aperfeiçoamento em Língua e Cultura Italiana na Università per Stranieri di Perugia, em Perugia, na Itália, nos anos de 1997, 2001 e 2006. Fiz formação em didática e metodologia pela Università Ca'Foscari de Veneza. Esta formação me proporcionou superar a prova de proficiência em Língua e Cultura Italiana pelas Universidades de Perugia de Siena, ambas na Itália.



Cantina dei Nonni: Brasil X Itália.

Ao concluir os cursos tive a emocionante oportunidade de conhecer e a felicidade de conviver alguns dias com meus parentes: tio, primos e madrinha. Pude rever Transacqua, a casa onde nasci, Castelir na montanha e Santa Giustina, Província de Belluno, onde a mãe viveu até antes do seu casamento. Foram dias felizes, sonhos realizados e lembranças inesquecíveis. Minhas atividades, como professora da Língua Italiana, pelo convênio ACIRS e CCR II, aconteceram no período de 1996 a 2017, e atuei em Ijuí, Catuipe, Panambi, Pejuçara e Vitória das Missões, disseminando a língua italiana a aproximadamente 100 turmas, que buscaram o conhecimento do idioma.

No programa “Italianos Trazem a sua Mensagem”, transmitido pela Rádio Progresso de Ijuí, participei de 1994 a 2018, seguindo o cronograma organizado pelo Centro Cultural, buscando sempre divulgar a cultura, música e as notícias relacionadas à etnia e a Itália.

Em 15 de outubro de 2015, tive a honra de receber o Título de Cidadã Ijuicense, como forma de reconhecimento pelos serviços prestados a essa comunidade. E também expressar e manifestar meu agradecimento a esta cidade que me acolheu e proporcionou minha formação integral.

Num breve retrospecto histórico nós, filhos de Ermínio Tissot e Augusta De Bastiani Tissot, nos sentimos orgulhosos e agradecidos pela família que formaram, pelos valores transmitidos, pela bravura e determinação de atravessar o oceano em busca de uma nova vida, partindo dos poucos recursos e dificuldades que se apresentavam. Quanto a nossa vida, não podemos saber como ela teria sido na Itália após a guerra, mas temos a certeza que os seus sacrifícios foram válidos para o nosso bem e principalmente porque mantiveram viva a tradição italiana e a família unida, seu principal objetivo. A eles a nossa GRATIDÃO.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas

- AIRAGHI, Raffaella. *L'Italia del Nord, ambiente, economia, società del Nord italiano tra '800 e 900'*. Perugia: Guerra Edizione, ACIRS, 2000.
- ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. *Etnias de Alfredo Chaves, 1871-1891*. Porto Alegre: Edições EST, 2000.
- BERNARDES, Nilo. *Bases geográficas do povoamento do Estado do Rio Grande do Sul*. Ijuí: Editora Unijui, AGB-Secção de Porto Alegre, 1997.
- BINDÉ, Ademar Campos. *As etnias em Ijuí: os italianos*. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2006, v. 3.
- BRUM, Argemiro Jacob. *História da Picada Conceição (Barreiro)*. Ijuí. Editora UNIJUI. 1990.
- BUSANELLO, Pio José. *História da nossa gente*. Santa Maria: Editora Palotti, 1952.
- CALLAI, Jaeme Luiz. *A Joana, o Ticiano e nós*. Ijuí: Edição do Autor, 2005.
- _____. *Quem somos nós?* Apostila do Curso Cultura e História da Itália- Mód. I) Centro Cultural Regional Italiano – CCRI, 2016.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *O italiano da esquina, imigrantes meridionais na sociedade porto-alegrense*. Porto Alegre: Edições EST, 2008.
- CERATTI, Gilberto. *Árvore genealógica da família Ceratti/Cerati*.
- CORTEZE, Dilse Piccin. *Ulisses va in America, história, historiografia e mitos da imigração italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914)*. Passo Fundo: UPF Editora, 2002
- COSTA, Rovilio; DE BONI, Luis A. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. 3ª ed. Porto Alegre: Edições EST, EdiUCS, Correio Riograndense, 1984.
- COSTA BEBER, Cirilo. *Na Terra dos Sonhos. – A história da família Costa Beber*. Santa Maria. Editora Pallotti. 1996.
- _____. *La Nostra Gente – Árvore genealógica de Luigi Costa Beber e Appolonia Benetti e seus descendentes*. Santa Maria. Editora Pallotti. 2003.
- DALMOLIN, Cátia. *Senza ritorno: a emigração italiana no Brasil*. Santa Maria: Editora Palotti, 2004
- FRANZINA, Emilio *A Grande Emigração, o êxodo dos italianos do Vêneto*

- para o Brasil*. Campinas: Editora Unicamp, 2006
- GARDELIN, Mário; COSTA, Rovilio. *Povoadores da Colônia Caxias*. 2ª ed. Porto Alegre: Edições EST, 2002.
- GROSSELLI, Renzo M. *Vincere o morire, contadini trentini(veneti e lombardi) nelle foreste brasiliane*. Trento: Litografia EFFE e ERRE, Província Autonoma di Trento, 1986.
- JEF, Asnong. *A História dos Wouters brasileiros*. Edição: La Soleillée, 2010.
- LANDO, Aldair Marli et all. *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.
- LAZZAROTTO, Danilo. *História de Ijuí*. Ijuí: Fidene, Museu Antropológico Diretor Pestana, 1977
- _____. *A presença italiana em Ijuí*. Ijuí: Editora Unijui. 1991.
- _____. *História do Rio Grande do Sul*. 7ª ed. Ijuí: Editora Unijui, 2001
- LUCCA, Celeste; PIZUTTI, Sueli Terezinha Lucca. *A saga das famílias Lucca e Anversa*. Porto Alegre: Edições EST, 2018.
- MAESTRI, Mário. *Nós os ítalo-gaúchos*. 2ª ed. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1998.
- _____. *Os senhores da Serra, a colonização italiana no Rio Grande do Sul (1875-1914)*. 2ª ed. Passo Fundo: UPF Editora, ACIRS, 2000.
- MANFROI, Olívio. *A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais*. Porto Alegre: Edições EST, 2001.
- MARCHIORI, José Newton Cardoso. *Gênese da Colônia de Jaguari*. 2ª ed. Porto Alegre: Edições EST, 2001.
- MARQUES, Mario Osorio; BRUM, Argemiro Jacob. *Nossas coisas e nossa gente*. Ijuí: Editora Unijui, 2004.
- MIORANZA, Cyro; FROSI, Vitalino. *Imigração italiana no nordeste do Rio grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1975
- MURARO, José. *Genealogia da família Caetano Muraro*, snt. 1970.
- PIOVESAN, Ivo. *Centro Cultural Regional Italiano de Ijuí – 25 Anos de História*. Ijuí. Editora Unijuí. 2012.
- RIGHI, José Vicente; BISOGNIN, Edir Lucia; TORRI, Valmor. *Povoadores da Quarta Colônia*. Porto Alegre: Edições EST, 2001.
- ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora Globo, 1969. 2 vol.
- SPONCHIADO, Breno Antonio. *Imigração e 4ª Colônia: Nova Palma e*

Pe. Luizinho..2ª ed. Santa Maria: Editoria UFSM, 2019.

STOLZ, Roger. *Cartas de imigrantes*. Porto Alegre: Edições EST, 1997.

VILLA, Deliso. *Storia dimendicata, história esquecida*. Porto Alegre: Edições EST, 2002. Edição bilíngue.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. *Italianidade no Brasil Meridional, a construção da identidade étnica na região de Santa Maria, RS*. Santa Maria: Editora UFSM, 2006.

Arquivos

- Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Porto Alegre

-Arquivo Nacional. Ministério da Justiça. <<http://sian.an.gov.br/sianex/consulta>>. (Relação de passageiros chegados nos portos brasileiros, organizado por ano e navio. Acesso digital)

-Centro Estudos Genealógicos. Nova Palma. (Trabalho iniciado pelo Pe. Luiz Sponchiado)

-Museu Antropológico Diretor Pestana. Ijuí

-www.natitrentino.mondotrentino.net (Registros de nascimentos do Trento 1815-1920, ordenado por sobrenome, sexo e data nascimento)

Depoimentos Pessoais, entrevistas

Família ALLEGRANZZI - Elda Maria Zambom.

Família ANTONINI – Clentia Antonini Muller, Milton J. Muller, Sadi Bolzan, Ceci W. Bolzan.

Família BALDISSERA. Familiabaldissera.blogspot.com.br e Francisco Baldissera.

Família LUCCHESI - Maria Antonietta Lucchese de Oliveira e Luiz Carlos Sanfêlice.

Família MANHABOSCO – Armando Manhabosco.

